



**ka'aguy rupa
nhangareko**

**Nosso jeito de cuidar
da vida nas matas**

OPA MBA'É

**Ka'aguy Nhanderu
ojapo va'ekue**

**Yvy Nhanderu
ojapo va'ekue**

**Yy Ñanderu
ojapo va'ekue**

**Opa mba'é Nhanderu
ojapo va'ekue**

**Opa mba'é Nhanderu
ojapo va'ekue**

ka'aguy rupa nhangareko

**Nosso jeito de cuidar
da vida nas matas**

Plano de Gestão Territorial e Ambiental

Terra Indígena Nova Jacundá – Tekoa Pyau

Projeto Consolidando Experiências de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas na Amazônia Brasileira

Comunidade Guarani do Tekoa Pyau /
Terra Indígena Nova Jacundá

Centro de Trabalho Indigenista / CTI

2021

índice de mapas

Yvyrupa - onde vivemos	12
Localização da Terra Indígena Nova Jacundá - contexto local	15
Localização da Terra Indígena Nova Jacundá - contexto regional	16
Jaguata porã - nosso caminhar	30
Tekoa pyau - nossa aldeia	52
Vegetação e uso do solo	86
Ka'aguy rupi - pela mata	103
Etnozoneamento: ações e planos futuros	144
Etnozoneamento: regularização fundiária e atualização de limites	159
Cobertura do solo na microbacia do igarapé Jacundá - 1986-2016	168
Mudanças no uso do solo - 1996-2019	170
Cobertura do solo e desmatamentos	171
Focos de queimadas - 2017-2020	174
Focos de queimadas na microbacia do igarapé Jacundá	175
Rede hidrográfica e desmatamentos	186
Bacia do igarapé Jacundá - cobertura do solo e nascentes	187

sumário

Apresentação	5
O trabalho que virou livro	6
Quem somos	9
Onde vivemos	11
Palavra da xejaryi	18
Lembranças de nossa história	23
Nossa vida no caminho de yvy marãe'ỹ	27
Nos tempos do nhanderu Manoel Rodrigues	31
Os caminhos para o norte	33
Quase perto de yvy marãe'ỹ	38
Somos todos Guarani	39
A luta por uma terra guarani	42
Tekoa Pyau	44

Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Nova Jacundá - Tekoa Pyau 61

Como trabalhamos no projeto	62
Nosso jeito de viver	77
Nhande roxaro - nossos roçados	78
Hortas e quintais	95
Criação de animais - aves	98
Ka'aguyre - na mata	100
Conhecimento guarani na floresta amazônica	111
Remédios do mato	139
Enriquecimento da floresta	143
Nhande yvy - nossa terra	155
Demarcação e proteção da terra	157
Desmatamento e queimadas	166
Igarapé Jacundá	179
Cuidando da nossa aldeia: saneamento básico e lixo	195
Nosso jeito de ser	198
Ore mborai - nosso canto	207

apresentação



“Às vezes, a nossa história não está na nossa memória. No dia em que a gente começou esse livro, a gente foi colocando nele um pouco da nossa história e do conhecimento que a gente tem para as futuras gerações entenderem como é que era e como é que é. Acho que é basicamente isso. Porque é muito importante conhecer e entender o lugar do seu viver. Eu penso que, na nossa vida, as coisas são mais ou menos assim”.

Ailton Turé, TI Nova Jacundá, 2019.



Oficina de desenho para ilustrar o PGTA.

o trabalho que virou livro*

Com o projeto para a elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) que realizamos em parceria com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY) mostramos um pouco da preocupação de nossa comunidade com o futuro da nossa terra. Cada um de nós que vive hoje na Terra Indígena Nova Jacundá teve uma ideia que contribuiu para construir esse livro.

A gente sabe que nossa terra está bem no meio de um pouquinho de mata. Ao nosso redor, hoje em dia, só existem fazendas. A cada ano que passa, cada vez mais, as pessoas vão tirando a mata e vai ficando só a nossa. Os **jurua kuery** (os não indígenas) não olham, por exemplo, que os bichos precisam comer e derrubam as árvores que

*Neste livro, a grafia das palavras guarani é a utilizada pela comunidade guarani do Tekoa Pyau

dão o fruto próprio para a alimentação deles. Os bichos da mata param onde tem comida para eles. São iguais a nós mesmos. Sem comida, os bichinhos vão embora ou então vêm mais para cá, onde estamos. Mas nossa terra é pequena. Essa é uma preocupação que a gente vai mostrar neste livro.

Os bichinhos também procuram um lugar onde tenha água para ficar. Mas também a água está secando em nossa terra. Todo ano, durante o verão, nosso igarapé seca. Como a gente viu, nas caminhadas que fizemos durante a construção do PGTA, em volta da nossa terra há muita plantação de capim perto das nascentes e também barragens que impedem a passagem das águas. Essa é uma outra questão sobre a qual vamos falar.

Com este livro, queremos mostrar para todos, povos indígenas e não indígenas, um pouco da nossa realidade e do pensamento da comunidade sobre algumas ações que podem melhorar o ambiente do mundo em que todos nós vivemos, e desta terra onde nós moramos. Na verdade, a gente não quer que a floresta seja destruída, que tudo isso se acabe, mas, se as coisas não tomarem outro caminho, nossas vidas e as vidas dos animais e das plantas vão ficar cada vez mais complicadas.

Estamos abrindo as portas para que a sociedade lá fora enxergue este lugar onde estamos, para que tenha a visão de que é um povo Guarani que vive aqui. Muita gente ainda não conhece ou nem sabe que existe este lugar. Não sabe quem somos ou como vivemos. A escola dos **jurua kuery** não ensina a história dos povos indígenas e ainda passa uma visão errada desde os tempos em que o Brasil foi invadido, como se todos os indígenas fossem iguais. Outras pessoas pensam que só existe Guarani no sul do Brasil e no Paraguai. Então, este livro é para sermos reconhecidos, para que as pessoas saibam que os Guarani estão na Amazônia também. Assim, vai aumentar o conhecimento dos **jurua kuery**, e também de outros povos indígenas que não sabem sobre nós.

Este trabalho é também um documento que poderá servir para analisar e discutir impactos de obras que podem afetar a nossa terra e a nossa vida. Sabemos que existem projetos de mineração, de construção de estradas e de ferrovias nessa região. O PGTA é mais um passo para nós nos prepararmos para enfrentar estes grandes empreendimentos. Não adianta só falar. Então, mesmo que as empresas queiram entrar com tudo, elas já vão saber que aqui não é qualquer lugar. É preciso entender

que aqui é um **tekoa**. Assim, para nos prevenirmos de qualquer obra e destruição, já temos todas as nossas áreas catalogadas. Neste documento mostramos tudo: o rio, as nascentes que ainda existem, quais as espécies dos animais e das plantas, as nossas roças e moradias. Está tudo anotado. Com isso, a gente tem como mostrar e dizer: “Não pode passar por aqui porque é onde vivem os animais”. Com este livro em mãos, temos uma grande arma para nos defendermos. Ele vai ajudar a nos organizarmos melhor para discutirmos essas questões.

Antes, nossos velhos ouviam as histórias dos mais antigos, mas não tinham como escrever livros. Agora, as histórias contadas por eles, que gravamos na nossa memória, estão gravadas também neste livro que muitos poderão folhear e ler no presente e no futuro. Então, este nosso livro traz a fala que ouvimos dos mais velhos para que os mais novos e as crianças que estão chegando saibam o que eles dizem. Aquelas crianças que hoje estão no colo da mãe, daqui a um tempo vão poder ter conhecimento da história do povo do qual elas fazem parte e levar isso adiante. Se a gente for pensar, tudo isso é de uma dimensão muito grande. Nós que hoje estamos escrevendo essa história estamos ficando velhos. Daqui a um tempo, não estaremos mais nesta terra. Mas vão ficar as crianças. São elas que vão dar continuidade nesta história.



Discussão de conceitos e ideias para elaboração do PGTA.

Para construir esse livro, fizemos um exercício de imaginar uma aldeia dos sonhos. Com nossas ideias construímos este PGTA. A gente está projetando a nossa futura aldeia. É importante a mobilização de um povo em torno de uma luta e pensar com uma visão de futuro. Nosso mundo não é só o presente. Essa terra é para aqueles que estão nascendo hoje. E esse é um plano que envolve todo mundo, todos participando na construção das ideias. Pois quando se unem uma, duas, três cabeças, assim se cria força. E, com essa força, não existe limite para os sonhos.

Com essa oportunidade nós estamos fazendo a nossa parte, ao pensar no futuro. A Amazônia está em risco. Nós temos essa consciência e tentamos mostrar nossas preocupações e o respeito que nós temos pela floresta. Precisamos agora da consciência dos governantes e de toda a sociedade. É importante que as pessoas levem a sério o que estamos dizendo. A maior parte dos **jurua kuery** ainda acha que pode destruir, em qualquer momento, a mata. Muitos acham que são donos e que têm esse direito. Chegam em qualquer lugar, fazem um prédio com um monte de andares e nem se preocupam em saber o que tem ali, embaixo da terra. Daqui a pouco vem o barro descendo e mata um montão de gente. Às vezes, parece que esses **jurua kuery** não têm sentimento. Vamos ver se com este livro passamos algum sentimento para eles.

quem somos

O povo Guarani, ao qual pertencemos, é a maior população indígena no Brasil. Somos mais de 85 mil pessoas vivendo em Terras Indígenas, áreas dominiais, acampamentos e situações urbanas, principalmente nos Estados do Pará, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tem Guarani também na Bolívia, no Paraguai, na Argentina e no Uruguai. Somos mais de 280 mil pessoas em cerca de 1.416 comunidades¹. Apesar de sermos muitos, a maioria não tem terra demarcada ou vive em áreas muito pequenas. Assim, nosso povo Guarani ainda luta pelo direito às terras que foram tomadas pelos Governos e pelos colonizadores.

Nós que hoje vivemos na Terra Indígena Nova Jacundá formamos, em 2021, uma comunidade composta por aproximadamente 20 famílias. Temos uma história única

¹ Mapa Guarani Continental, 2016.

em relação às outras comunidades guarani, que em sua maioria vive mais ao sul do continente. Nossos ancestrais fizeram um percurso diferente desses outros e chegaram até a Amazônia, uma história que vamos contar neste livro.

Além daquilo que colhemos em nossas roças, da farinha de mandioca que produzimos e dos frutos e da caça que conseguimos na floresta, temos muitas árvores que foram plantadas pelos mais velhos quando chegaram à nossa terra, das quais tiramos frutos para nossa alimentação e material para os artefatos. Antes de nós vivermos aqui, muitas áreas estavam desmatadas. Os pés de manga, de murici, de jaca, de caju que existem na aldeia, que dão fruto e sombra boa, fomos nós que plantamos.

Com o dinheiro da venda de nossa produção, do trabalho de professores e técnicos de saúde, das aposentadorias e do Programa Bolsa Família de algumas famílias, compramos alimentos, roupas, remédios e outras coisas que precisamos. É assim que nos mantemos aqui.

Nem todos os nossos parentes que vivem na Amazônia moram com a gente na Terra Indígena Nova Jacundá. Mas eles sempre vêm nos visitar e participar de algumas comemorações que realizamos. Algumas famílias estão morando na Terra Indígena Mãe Maria, do povo Gavião, também no Estado do Pará. Outras, na Terra Indígena Xambioá, do povo Karajá, e na Terra Indígena do povo Xerente, no Estado do Tocantins. Alguns ainda vivem com os Guajajara, na Terra Indígena Rio Pindaré, no Estado do Maranhão. Mas há também outros parentes que vivem em Terras Guarani nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Há também algumas famílias que moram nas cidades de Cocalinho, no Estado do Mato Grosso, e Goiânia, capital do Estado de Goiás.

Como passamos muito tempo afastados da maioria dos Guarani Mbya das Terras Indígenas situadas no Bioma Mata Atlântica, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil e no Paraguai e Argentina, nós temos um modo de viver que é um pouco diferente. Aqui o clima, alguns animais e a floresta não são os mesmos da Mata Atlântica. O tempo das chuvas e do plantio, o nosso jeito de caçar e pescar, o modo como fazemos nossas casas, os materiais que usamos para fazer nossos artesanatos e muitos dos alimentos que consumimos são outros. Mas nosso pensamento, a língua, o **teko** e a força que vem de Nhanderu Ete são os mesmos, de norte a sul, e foram deixados por nossos antepassados. Neste livro tentamos mostrar um pouco como é nosso modo de vida guarani na Amazônia.

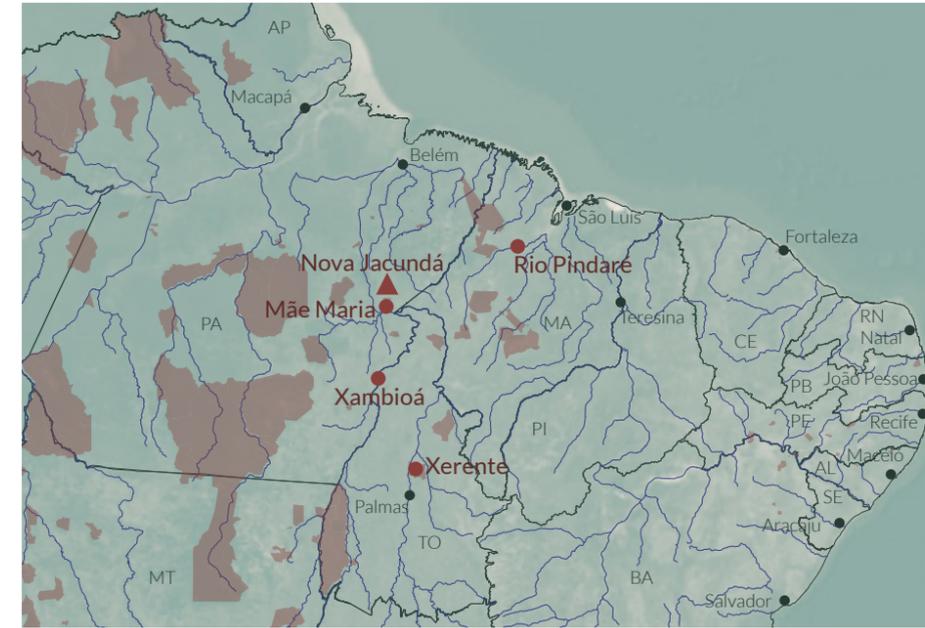
onde vivemos

Tekoa Pyau é como chamamos o lugar onde vivemos, que também é conhecido como Terra Indígena Nova Jacundá. Nossa terra tem apenas 425 hectares e ainda não foi totalmente regularizada pelo governo brasileiro. Apenas metade da nossa área foi demarcada, mas, com esse trabalho, esperamos que o processo de demarcação seja concluído.

Nossa terra fica dentro dos limites do município de Rondon do Pará, localizado no sudeste do Estado, porém, a sede da cidade fica muito distante de nossas casas. Por conta disso, frequentamos mais o município de Jacundá, que está a apenas 50 Km de onde vivemos. É para lá que vamos quando precisamos ir ao médico, vender os produtos das nossas roças, como a farinha de mandioca que produzimos, fazer compras, ir ao banco, tratar de questões da escola e de outros assuntos com a Prefeitura. E estamos a 100 Km de Marabá, onde ficam o escritório da Funai e o Polo-Base da Sesai que nos atendem.

Para chegar até nossa aldeia, é preciso seguir por uma estrada de terra que está localizada à altura do Km 60 de uma rodovia estadual, a PA 150, no trecho entre as cidades de Nova Ipixuna e de Jacundá. Na época do inverno, quando chove muito aqui, nossa estrada fica bem ruim mesmo. Os carros atolam, às vezes a água leva os bueiros da estrada ou alguma ponte quebra. Por causa disso, nessa época, nem sempre a gente consegue chegar ou sair da aldeia quando precisa.

Não tem transporte para cá pra levar a gente para a cidade e trazer de volta. Nós também não temos um carro que seja próprio da comunidade. Temos que andar até o ponto do Km 60 para pegar a condução. Transporte é uma necessidade para nós, pois fica complicado quando precisamos levar os aposentados para receber, ou os nossos produtos para vender. Se formos depender do carro da Funai ou de um parceiro, a gente perde o produto da roça - a farinha, a mandioca, o milho. Não dá para contar. Mas um carro faz muita falta também para levar doentes que precisem de atendimento no hospital. Não é fácil quando tem uma emergência aqui. Quando isso acontece, ou quando alguém está em tratamento e precisa ir para a cidade, temos que ligar para a Sesai em Marabá. É de lá que o carro vem, mas se tiver. Não é toda vez que ele está disponível. Quando não está, dependendo da situação, vai a pé ou paga um frete, que é sempre muito caro. De qualquer jeito, são horas para a gente chegar até o hospital.



- Terras Indígenas
- Aldeias guarani
- Aldeias com famílias guarani descendentes do grupo original que fez a caminhada em direção ao norte



Antes de chegarmos aqui, em 1996, nossa terra foi usada para a criação de gado e também muito explorada por madeireiros. Até hoje, existem algumas partes onde o capim que foi plantado é tão resistente, que não conseguimos recuperar ainda. Apesar disso, com nosso jeito de cuidar da terra, a maior parte dela voltou a ser floresta e hoje é possível encontrar aqui árvores grandes e muitos animais que vêm se alimentar.

Como nossa área é pequena, nós também andamos pelas florestas que existem ao redor. Nelas, encontramos muitos frutos, sementes, cipós, palmeiras, plantas medicinais e animais que são muito importantes para a vida da comunidade. Como essa mata não está dentro de nossa terra, não temos como garantir que ela vai continuar em pé. A possibilidade de que ela seja derrubada, como já aconteceu com uma parte, ou de que, no futuro, nosso acesso a ela seja impedido, é algo que nos preocupa muito.



LOCALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA NOVA JACUNDÁ contexto local



Sistema de Coordenadas Geográficas SIRGAS 2020



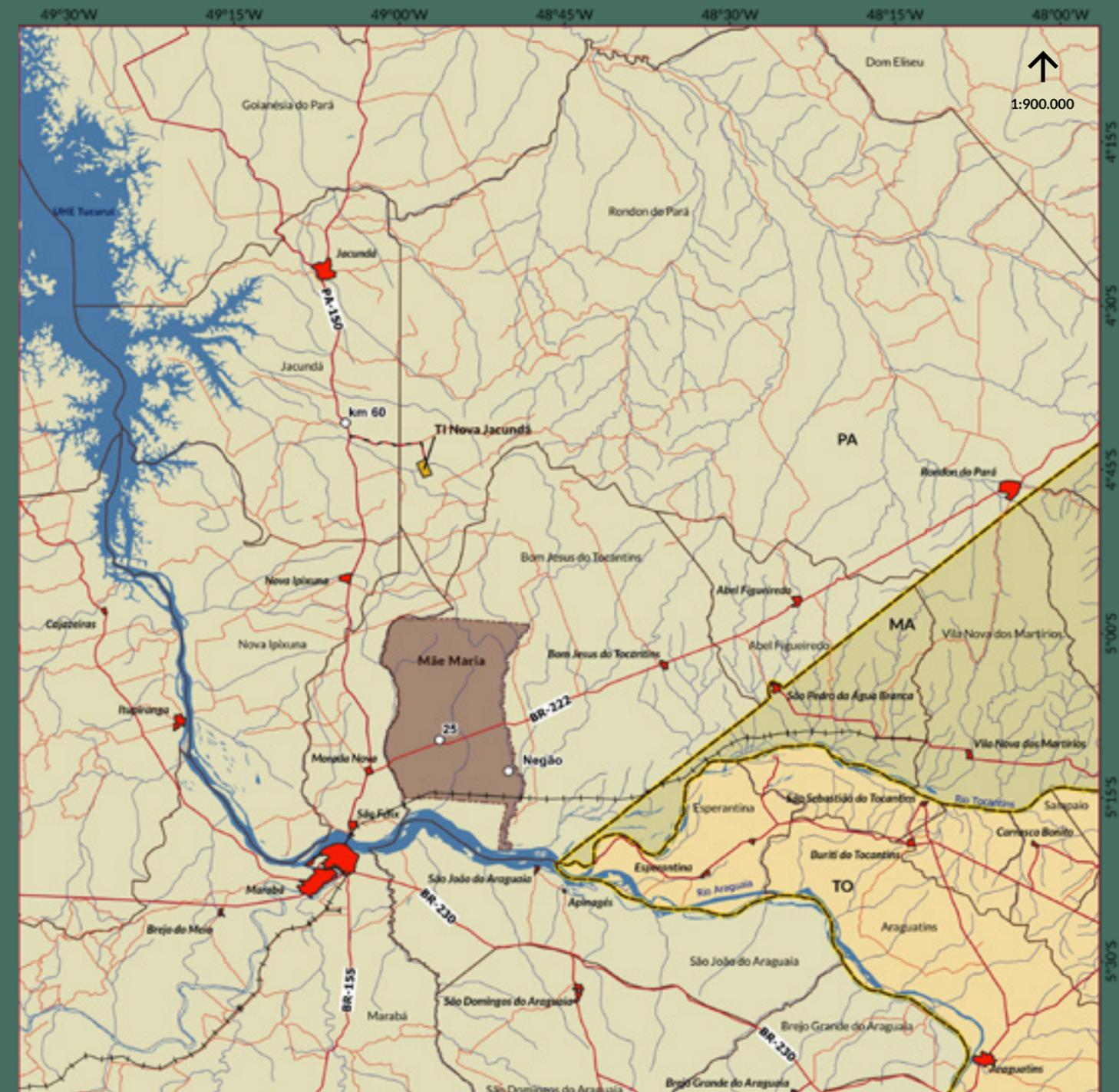
LOCALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA NOVA JACUNDÁ

contexto regional



Sistema de Coordenadas Geográficas SIRGAS 2020

Fonte: IBGE Base Cartográfica BCIM 250mil, 2019; Funai, 2019; DNIT, 2015; ANA, 2017.



palavra da xejaryi

Dona Sebastiana Lopes da Silva Guarani (Krexu)

Tradução: Alexandre Kuaray

Eu vou contar apenas uma história, um conto que a gente ouviu. Essa história é realmente verdadeira (**anhetengua**). Hoje em dia, quando a gente conta, parece só história. Meu pai dizia que parecia só história, mas na verdade é real.

Na origem (**Nhande ypy**), Nhanderu Ete desceu um menino, e ele andava aqui nessa terra, crescendo... Quando Nhanderu Ete desceu o menino, disse que quando o menino estivesse passando fome era pra ele pedir pra Nhanderu Ete um pouco de farinha de milho com amendoim (**avaxi ku'i manduvi reve**), dizendo que estava com muita fome. Aí, o menino pediu e Nhanderu Ete desceu com essa farinha numa cabaça e o menino comeu dela durante um tempo.

E toda vez que ele tinha fome, Nhanderu Ete descia essa farinha pra ele. Aí, uma vez, ele disse ao Nhanderu Ete que não queria mais ficar sozinho, que ele queria uma parceira. Então, Nhanderu Ete mandou uma parceira pra ele. Eles viveram bastante tempo.

Aí, uma vez, a mulher disse que não estavam fazendo nada. Ela se queixou que não tinham nada pra fazer: eles só faziam andar na mata, não tinham nada pra espantar do corpo, nem inseto, nada coçava ou os incomodava. Numa tarde, Nhanderu Ete chamou **ava** (o homem) e falou que, quando fosse de tarde, era para o **ava** ir cortar aquelas folhas de palmeiras bem grandes, que são como flautas (**pindo mimby**). E, quando ele cortasse, era pra bater as folhas no chão e dizer que era para alguns tipos de insetos voarem. Era para todos os insetos saírem daquela palmeira que foi cortada.

À tardinha, o rapaz (**ava'i**) foi atrás da palmeira e, quando ele fez o que Nhanderu Ete tinha pedido, começaram a sair vários insetos (**opamba'i**), todos os tipos, como muriçoca, borrachudo (**mbarigüi**), mosquito (**nhaxi'ü**), mosca (**mberu**). Todos os tipos de insetos que voam saíram daquele lugar. Depois de um tempo, eles começaram a



Dona Sebastiana e os milhos que colheu.

(Na próxima dupla: Crianças do Tekoa Pyau com arco e flecha).

atormentar os dois. Então a mulher disse ao rapaz: “Puxa, não era isso que eu queria, acho que foi você que causou isso”. Então, o rapaz falou que não tinha sido ele, que ele não sabia de nada.

E assim continuaram, e toda vez que ficavam com fome, pediam a Nhanderu Ete e ele dava pra eles **avaxi ku'i, manduvi** ... E eles iam comendo isso. Mas, depois de um tempo, eles tiveram um filho. A criança foi crescendo e Nhanderu Ete, de lá de cima, disse que quando tivessem fome iam querer comer carne. Então Nhanderu Ete deu um arco junto com as flechinhas (**guyrapa ha'e hu'y**). Aí, quando eles começaram a ter fome, o pai chamou seu filho pra caçar e quando chegaram num lugar, eles gritavam: “vem **tapi'i**, vem **tapi'i**”, e aí aparecia **tapi'i** - que é a anta. Ele dava o arco e a flecha para seu filho e aí o filho dele atirou uma flecha e em seguida **tapi'i** caiu. E, assim, eles continuavam...

Depois disso, eles já eram muitos... Começaram a casar, formar família grande... Nossos antepassados eram muitos, muitos, mesmo. Aí, eles andaram, andaram, sempre no mato, mas mesmo assim eles vinham sempre dizendo que eles iam atravessar **para** (o mar). Assim diziam meus pais e é por isso que nós viemos pra cá. Meus pais, meus irmãos, por pouco eles não passaram (para **yvy marã e'ỹ**).





lembranças da nossa história





1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13

- 1 Na entrada da casa na TI Mãe Maria, em 1994, **xejaryi** Krexu Ry Jera ao centro com criança no colo, à esquerda os filhos Ivanilton e Ivani e, à direita, a filha Ivanilde ao lado do marido Julião.
- 2 Tio Abílio, esposa Krexu, filhas, nora e netos na TI Mãe Maria, 1994.
- 3 **Xamõi** Abílio, **xejaryi** Krexu Ry Jera, filha e neto na TI Nova Jacundá, 2004.
- 4 Casa e quintal na TI Nova Jacundá, 2004.
- 5 **Xamõi** Kambá Puku discursa aos moradores do Tekoa Pyau, 2004.

- 6 **Xamõi** Kambá Puku e **xejaryi** Rosa caminhando na mata da TI Nova Jacundá, 2004.
- 7 Coral infantil se apresentando no Tekoa Pyau, TI Nova Jacundá, 2004.
- 8 Dança do **xondaro**, 2004.
- 9 João Guarani, Timóteo da TI Taquari (Eldorado, SP) e crianças registram em vídeo cenas na mata da TI Nova Jacundá, 2004.

- 11 Gessy Krexu Guarani, Vilmar Guarany, João Lopes Wera Guarani, Eimar Araújo (Funai), Manoel dos Santos Guarani, juntos na TI Nova Jacundá, 2004.
- 12 Antônio Guarani chegando da mata com seu cão, na TI Nova Jacundá, 2004.
- 13 Leonardo e filhos, 2004

(Na página de abertura: Terra Indígena Mãe Maria - **xaryi** Benedita, **xamõi** Leandro, **xamõi** Raimundo Karai, Rinaldo, Rinvanilson, José Tasino, Valdo e Divina, 1994).

Para contar nossa história neste livro, reunimos depoimentos dos mais velhos recolhidos desde os anos 1990 e 2000, e também os que foram gravados durante o trabalho do PGTA, entre 2018 e 2021. Algumas falas nós fomos buscar em outros estudos sobre a nossa comunidade, de pesquisadores que passaram um tempo aqui na aldeia e também conversaram com os mais antigos².

Nós acreditamos que nossa história faz parte de nossa terra. É nessa história que estão os conhecimentos que os antigos nos ensinaram para cuidar, usar e proteger nosso **tekoa**. Nunca essa história vai ser completa, pois muitos já faleceram e muito ainda vai acontecer. E pode ser também que a gente tenha esquecido alguma coisa. Mas juntar mesmo que só uma parte de nossas lembranças ao trabalho do PGTA nos ajuda a nos organizarmos, a praticar com mais esperança as atividades na nossa aldeia, e a atrair os mais jovens para o trabalho na terra. Não esquecer nossa história faz parte de nossos planos para o futuro.

² Na Bibliografia/Para saber mais, no final do livro, fizemos uma relação desses trabalhos.

■ **“Nossos avós nos contaram essas histórias sobre como era antigamente. E, como eles tinham essas histórias para nos contar, hoje em dia nós também temos as nossas próprias histórias. Isso é bom para as crianças escutarem, para elas conhecerem um pouco do nosso passado para contar para as outras crianças. E, assim, de conto em conto, a nossa história não tem fim”.**

João Werá Guarani (filho de Karai), 2004. ■

nossa vida no caminho de yvy marãe’ỹ

Os mais velhos contaram que vieram de longe. Eles disseram que passaram pelo Paraguai e que, naquele tempo, os paraguaios estavam em guerra. Alguns dos nossos (**nhande va’e**) foram pegos por eles e tiveram que ajudar, carregando água para os soldados e socorrendo aqueles que estavam feridos. Quando a guerra acabou, todos estavam com medo e não sabiam para onde ir. E ficaram muito tempo escondidos pelas matas. Isso aconteceu antigamente.

Foi nesse tempo que nossos avós antigos, que eram **nhanderu**, tiveram uma revelação para atravessar **paraguaxu**, a grande água, o mar. Nessa revelação, os Nhanderu **kuery** (nossos pais divinos) abriam o caminho para alcançar “o outro lado”, para **yvy marãe’ỹ** (“terra sem males”), a morada das divindades (Nhanderu **retã**). Kênio, assim se chamava o primeiro **nhanderu** que guiava todo o grupo. Ele dizia que era preciso chegar até um lugar chamado Belém. Lá, na beira de **paraguaxu**, encontrariam uma passagem para alcançar, com o próprio corpo, o “outro lado”. E assim vieram. Naquele tempo, eram muitos.

Xejaryi Benedita Krexu Antaxi³ contava que todos pediam muito para Nhanderu Ete ajudar, porque tiveram várias dificuldades durante as caminhadas e ficavam muito assustados com os **jurua kuery** tentando atacar. Nossos avós ficavam de manhã e de tarde na **Opy** (casa de rituais e cerimônias). Diziam para as crianças que lembrassem muito de Nhanderu Ete. Falavam para elas que se lembrassem dele. Nhanderu Ete curaria todas as enfermidades. E por meio de Nhanderu Ete sempre tivemos muita força. E nunca nos esquecemos do que nossos avós deixaram para nós.

No tempo do Kênio, primeiro **nhanderu** que nos guiava, nossos avós nem passavam pelas cidades. Eles ficavam nos matos mesmo e faziam seus barracos debaixo da mata alta e os homens iam trabalhar nas fazendas. As mulheres e as crianças viviam se escondendo dos brancos (**jurua kuery**) e só sabiam falar a nossa língua. Elas não iam até as fazendas, onde os homens, às vezes, ficavam semanas trabalhando sem voltar para casa.

Os mais velhos contam também que, naquele tempo, sempre tinha alguma coisa para fazer, e todo mundo tinha que levantar logo cedo. As mulheres botavam o milho para pubar em uma lata grande e no outro dia levantavam cedo para ir pilar esse milho

³ Benedita Krexu Antaxi (falecida em 2015) era esposa de seu Raimundo Karai (falecido em 1999). O casal, fundador da Terra Indígena Nova Jacundá, teve os filhos: João Werá, Judite, Maria Regina José Tasino, Divina e Valdivino (Valdo). Atualmente eles vivem com suas respectivas famílias no Tekoa Pyau e na Terra Indígena Mãe Maria.

para fazer farinha e beiju. A meninada que tinha roça ia para lá. Quem não tinha ia pescar, caçar, tirar mel. Andavam muito para tirar mel.

Naquele tempo não tinha máquina de plantar arroz, de plantar milho, não tinha motosserra para derrubar as árvores. Só se usava enxada. Um cavava enquanto os outros plantavam o milho. As crianças vinham atrás aterrando. Em todos os lugares por onde **nhande va'e** (os nossos) passavam, eles plantavam **avaxi** (milho), **manduvi** (amendoim), **jety** (batata-doce), **manji'o** (mandioca)... Naquele tempo, nós tínhamos vários tipos de **avaxi ete'i**: **avaxi ju'i**; **avaxi para'i**; **avaxi xĩ**... Tínhamos todas essas sementes.

Nesses lugares, nosso pessoal também fazia arco e flecha para fazer caçada. Através de Nhanderu Ete, eles sempre tinham **koxi** (queixada), que é um animal sagrado por Nhanderu Ete. Eles plantavam os milhos e **koxi** vinha comer.

Quando o **nhanderu** Kênio morreu, o filho dele, Manoel Rodrigues, passou à frente e o grupo continuou a andar. Ele dizia que era preciso ter muita fé, que Nhanderu Ete daria força e revelaria o caminho por onde seguir e encontrar o lugar certo para todos. O **nhanderu** sempre falava tudo que ia acontecer. Nesse tempo, tudo que perguntavam para ele, ele sabia.

E foi assim que nós viemos, cantando e caminhando, sempre na fé. Quando a gente chegava a uma fazenda, trabalhava durante três, quatro anos, mesmo quando o fazendeiro não gostava da gente.

O **nhanderu** ia falando para nós os lugares bons para plantar o **avaxi ete'i** e, assim, naquele tempo, passamos por muitos lugares. Os mais velhos vieram devagar, nos trazendo.

Xaryi Benedita Krexu e Xaryi Francisca, TI
Nova Jacundá, 2004.



JAGUATA PORÃ nosso caminhar

- ▶▶▶ Todas as famílias
- ▶▶ Grupo de famílias com Karai
- ▶▶ Grupo de famílias com Albino



nos tempos do nhanderu Manoel Rodrigues

Depois de cruzar a fronteira entre o Brasil e o Paraguai, há quase cem anos, atravessamos o estado do Mato Grosso do Sul⁴, passando por Ponta Porã, Campo Grande e pelo rio Coxim, até às cabeceiras do rio Araguaia. Então, atravessamos esse rio pela água, e chegamos a Santa Rita do Araguaia, já em Goiás.

Passamos pelo rio Bonito e chegamos a Campo Alegre, onde vivemos durante várias plantações. Neste lugar, aconteceu uma briga com **jurua kuery**. Alguns não escutaram as palavras do **nhanderu** e participavam dos bailes dos **jurua kuery**. Uma vez, num baile, mataram à toa (**ojuka rive**) um dos nossos. Outros três só não morreram porque havia uma **Opy** (casa de rituais e cerimônias) e nosso **nhanderu** cuidou deles. O **nhanderu** já sabia que tudo isso ia acontecer e já tinha avisado a todos que não deviam frequentar os bailes. Ele tinha tido a revelação de que seria perigoso para nós nos misturarmos com o **jurua**.

⁴ Que à época, década de 1930, se chamava Mato Grosso.

“Então nós ficamos à toa, não fizemos favor, não nos esforçamos, não permanecemos. Havia as festas e danças dos brancos. Fazíamos festas, dançávamos, caíamos na cachaça, à toa. Então nosso cacique nos deixou nessa terra”.

“Ha’e ramo ranga ore roiko rive, noromeëi favore, ndorojapoi força, ndoroikoi vy. Pieta’i my pe jurua kuery ojerokya. Pieta’i ma pe rojapo. Rojeroky rã, kanha, kanha ao reperive. Ha’e rami rei ramo ore cacique ipoi okore yvy”.

Albino Karai Ataa, 2012, Terra Indígena Xambioá (TO). Traduzido do guarani por Rafael Fernandes (Mendes Júnior, 2016: 178).

Deixamos Campo Alegre e fomos para um lugar que os nossos avós chamavam **Xeromexá**, porque estávamos num lugar chamado Serra da Mesa - **xero** significa serra e **mexá** significa mesa. Nesse lugar, nosso **nhanderu** pedia a todos que, ao final da tarde, entrassem na **Opy**. De lá, chegamos a Areia, onde tinha um grande rio, e ficamos trabalhando em uma fazenda. Depois de algum tempo, seguimos para Jussara, nessa mesma região. Não demorou muito e nos mudamos para um povoado chamado Santa Rita, onde ficamos por três anos, mais ou menos. Depois disso, era o começo dos anos 1960, e partimos a pé para uma viagem de três noites até Mozarlândia.

Chegamos todos nesse lugar. Tinha uma mata enorme! Os **jurua kuery** que já estavam ali viviam debaixo das matas. Nós ficamos por lá e com o tempo começaram a chegar mais pessoas. Aquela mata começou a se tornar cidade. Naquele tempo, os mais velhos que tinham nos trazido de longe até lá começaram a falecer. Eles ficaram muito doentes e morreram quase todos. O **nhanderu** Manoel Rodrigues que falava diretamente com Nhanderu Ete, que fumava no **petýgua** (cachimbo), que ouvia e dava conselhos, que recebia o nome das crianças, foi um dos que morreu. Esse era o ano de 1965.

Antes do **nhanderu** morrer, ele reuniu todo mundo e avisou que ele não iria mais viver. Ele dizia que se sentia muito fraco. Ele queria que todo mundo continuasse a caminhar à procura de **yvy marãe'y** e disse que, dali em diante, todos deveriam ter forças por si mesmos.

Nós não tínhamos mais uma cabeça para seguir e então cada família seguiu o seu caminho, andando sozinha. Passou muito tempo sem notícias uns dos outros. Nós nos espalhamos e procuramos uns pelos outros em muitos lugares, durante muito tempo.

os caminhos para o norte

Continuamos a caminhada em direção a Belém. Alguns, depois de deixar Mozarlândia, chegaram a Cocalinho, na beira do rio Araguaia. O Raimundo [Karai] e a Benedita [Krexu Antaxi] e o José Pereira e a Sebastiana [Krexu] não quiseram permanecer lá. Diziam que continuariam a procurar a terra de que o falecido **nhanderu** falava. Eles receberam notícias de que alguns dos nossos parentes estavam vivendo mais abaixo no Araguaia e decidiram ir atrás deles.

Chegaram, então, a São Miguel do Araguaia e foram procurar trabalho, como sempre faziam. Em uma fazenda, encontraram algumas das famílias de quem tinham se separado depois que o velho **nhanderu** Manoel Rodrigues morreu. E, no meio desse pessoal, estavam o Abílio e o Albino, que era irmão do Raimundo [Karai] e pai da Sebastiana [Krexu]. Eles ficaram um ano e pouco trabalhando juntos nesse lugar e conseguiram juntar algum dinheiro. Então, eles compraram três canoas para continuar a descer o rio Araguaia. Eles sabiam que outros parentes tinham seguido na frente.

Cada um foi remando pelo rio, sem rumo certo, apenas seguindo o caminho da água. Quando anoitecia, dormiam na praia, pescavam. De vez em quando, conseguiam trabalhos temporários em fazendas que ficavam às margens do rio. E assim vieram até o ano de 1968, quando chegaram à Ilha do Bananal e conheceram os Karajá da aldeia Santa Isabel, que aceitaram recebê-los. **Nhande va'e** (os nossos) que vieram na frente já tinham passado por lá.

Santa Isabel era uma grande aldeia, com uma enorme pista de avião. Alguns de nós que hoje estamos em Nova Jacundá nascemos lá. Mas nesse ponto de nossa caminhada nos separamos de novo. Karai queria encontrar sua mãe, Jaxuka, e outros irmãos que tinham vindo na frente. Ele recebeu notícias de que talvez eles pudessem estar em Porto Nacional, uma cidade que hoje em dia fica no Estado do Tocantins. Ele pediu, então, para a Funai que conseguisse passagens para que pudesse deixar a Ilha do Bananal com Benedita e seus filhos que eram crianças. O José Pereira e a Sebastiana os acompanharam. Nosso pessoal deixou a Ilha de carona em um avião. Mas houve um problema durante a viagem e todos tiveram que descer do avião em Gurupi, antes de chegar em Porto Nacional. Só um tempo depois foi possível continuar a viagem de ônibus.

Mais uma vez, os que tinham ido na frente não estavam por lá. Raimundo Karai descobriu que eles tinham seguido o caminho e que ficaram algum tempo pela aldeia dos Xerente. Nada mais soubemos. Depois de uns oito meses vivendo em Porto Nacional, sem encontrar os parentes, passamos a caminhar pelas margens do rio Tocantins e chegamos até a cidade de Paraíso do Tocantins. Aí, o dinheiro acabou e, mais uma vez, foi preciso sair à procura de trabalho. Passado um tempo, juntamos dinheiro para a passagem e chegamos a Guaraí, onde conseguimos emprego em uma fazenda de criação de gado.

■ **“Eu me lembro que, quando a gente veio, nós parávamos sempre nas fazendas. Lá, eles trabalhavam um pouquinho e depois a gente caminhava de novo. Eu me lembro que nós chegamos em um lugar para trabalhar que era só mato mesmo. Nós ficamos lá. A gente ficava só debaixo de uma arvorezinha. Não tinha casa, não tinha nada. E assim nós fomos andando.**

A gente chegava em uma fazenda e já começava a trabalhar. A gente trabalhava, mas às vezes eles não nos pagavam, não. Então, nós trabalhávamos só para comer mesmo. De tarde, a gente ia embora pra casa. No outro dia, a gente ia de novo trabalhar. Era assim.

Algumas vezes papai colocava uma roça na área da fazenda. Eu me lembro que ele colocava e ficava bonita a roça dele. Ele plantava de tudo mesmo na roça. Quando estava ficando bom, quase no ponto de colher, mandavam a gente embora. E o papai deixava a roça dele com tudo, tudo, lá dentro. E nós íamos embora de vez”.

Maria Regina (filha de Benedita Krexu e Raimundo Karai), TI Nova Jacundá, 2019.. ■

Depois de quase três anos em Guaraí, **nhande va'e** foram tentar a sorte em Araguaína em busca do pessoal que viera na frente. Mas, eles não estavam lá. Ninguém sabia deles. Foram quase quatro anos vivendo em barracões nas beiras da cidade: os homens trabalhando nas fazendas e as mulheres em casas de famílias dos **jurua kuery**. Foi assim até um dia em que chegaram notícias de que os parentes que procurávamos estavam em Imperatriz, no Maranhão.

Já era o ano de 1978 e, com algum dinheiro, todos foram na expectativa de reencontrar os parentes. Mas, em Imperatriz, descobrimos que aqueles que a gente estava procurando ficaram lá por pouco tempo, só de passagem. Nosso pessoal acabou conhecendo um homem Guajajara, que nos convidou a acompanhá-lo até Grajaú. Entendemos bem a língua que o homem falava. Ele contou que os Guajajara eram muitos, tinham uma terra e viviam em uma aldeia. Conseguimos uma carona em um caminhão e todo mundo foi embora para a aldeia Bacurizinho.

Mas não ficamos nem um mês por lá. Um **jurua** chamado Mourão que vivia com os Guajajara não gostou da gente. Ele dizia que a gente não era índio, que éramos ciganos e não podíamos ficar lá. Mas a gente sabia que, como os outros índios, nossa língua e nosso jeito eram diferentes dos **jurua kuery**. Só que nós não tínhamos uma terra.

Karai decidiu voltar para Imperatriz e continuar a procurar as famílias que tinham passado por ali. Resolvemos construir nossas casas às margens do rio Tocantins e, em uma visita que recebemos, um velho **jurua** comentou que existia uma família que vivia mais acima do rio em um lugar chamado “Bananal”, que poderia ser uma das famílias que estávamos procurando. O velho dizia todos os nomes das pessoas. Fomos atrás. Conseguimos um barco e, quando chegamos no lugar, que ficava do outro lado do rio, em Goiás⁵, vimos que eram realmente eles. Já fazia oito anos que dois irmãos de Raimundo Karai, chamados Otacílio [Wera] e Osvaldo [Karai], estavam lá. E também o Orlando, irmão do finado **nhanderu** Manoel Rodrigues, e que era cunhado do Karai, e o irmão do José Pereira, o Kuaray, que nós chamamos de José ou de Andair. Com José Pereira estavam também seu filho Lorenço e a neta Ana Rosa, que acabou casando, naquele tempo, com o João Guarani. Todos nós, **nhande va'e**, ficamos muito felizes com o reencontro e continuamos morando juntos durante algum tempo na beira do rio Tocantins.

5 Em 1988, este local passou a fazer parte do atual Estado de Tocantins.

Um dia, apareceu um trabalho em Itinga e todos fomos para lá. Só o Otacílio, que já tinha uma filha em Imperatriz, não foi. O lugar ficava muito longe da cidade. Era muito dentro do mato mesmo. Os madeireiros estavam trabalhando por lá. Nosso pessoal ficou com eles. Foi a primeira vez que vimos uma motosserra e ouvimos aquela “zuadona”. Éramos crianças naquele tempo e Karai nos dizia: “Essa é uma máquina bem pequena e está devorando nossa mata”. Ele já sabia que aquilo não era certo, porque era um lugar muito grande que os madeireiros estavam desmatando, e falava para nós: “O pé de árvore nasceu junto com o índio. Nós nascemos para viver do que plantamos. Não devemos destruir o que Nhanderu Ete deixou para todos”. A gente sofria com o que via, mas nossos pais não tinham outra maneira de sobreviver. Então, tivemos que ficar mais um tempo lá até conseguirmos ir embora.

Seu Lorenzo e a sobrinha Ana Rosa que moram na aldeia Yakã Porã, Ubatuba, SP.

Ana Rosa ao centro, filhos e netos. Ivanildes, filha de Ana e João Werá Guarani, na ponta à direita.



quase perto de Yvy marã'ey

Nessa caminhada, fomos para o Pará, para um lugar perto da cidade de Castanhal, chamado Bacuri. Foram três anos trabalhando e morando em uma fazenda. Foi nesse lugar que o Raimundo Karai teve um sonho e reuniu todo mundo para contar. Ele sabia agora para onde deveria caminhar para chegar a **yvy ju**. Nós estávamos perto, mas deveríamos ir embora dali. Nhanderu Ete lhe dissera no sonho que devíamos caminhar para o rumo de Belém. Quando a gente chegasse lá, já estaria uma embarcação para passarmos para **yvy marã'e'ỹ**.

Depois de ouvir Karai contar esse sonho, o cunhado dele, o Orlando, disse que não tinha sido isso o que ouviu antigamente de seu irmão, o finado **nhanderu** Manoel Rodrigues. Ele falou que Karai não tinha entendido direito o sonho. Era para o Maranhão que devíamos caminhar. Era de lá que íamos atravessar **paraguaxu**, ele disse. Karai concordou e acabamos todos indo para Santa Inês. Era o ano de 1985.

Chegamos em Santa Inês sem dinheiro e ficamos uma semana vivendo na rodoviária. Depois, nosso pessoal passou um tempo trabalhando em fazendas. Os nossos pais trabalhavam de sol a sol, e, mesmo assim, sempre estavam devendo para os fazendeiros e, assim, não conseguíamos sair. Mas, através de Nhanderu Ete, que tem dó de todos **nhande va'e**, e com fé, nós nos fortalecemos de novo e acabamos encontrando alguns Guajajara. Eles moravam em uma aldeia bem pertinho de Santa Inês, no rio Pindaré, e convidaram nosso pessoal para morar com eles. Então, criamos coragem, abandonamos as fazendas e fomos todos para a aldeia morar junto com os Guajajara.

somos todos Guarani

Na aldeia do rio Pindaré, a gente caçava e pescava, a gente plantava... Era bom viver trabalhando para nós mesmos, sem ser empregados dos fazendeiros, mas ainda não era a nossa terra. Quando fazia mais ou menos um ano que nosso pessoal tinha chegado, apareceu por lá um padre que trabalhava no CIMI [Conselho Indigenista Missionário]. Ele se chamava Carlo Ubbiali, era italiano, e conhecia índios do Brasil inteiro. Quando ele nos encontrou, ficou admirado de estarmos no meio dos Guajajara: “Vocês são outros”, ele falou. E contou para nós que, longe dali, espalhados em aldeias em São Paulo e mais ao sul, viviam muitas famílias que falavam igual a nós, e que se chamavam Guarani. O padre falou também que havia outros Guarani morando no Pará, com o povo Gavião na Terra Indígena Mãe Maria. Mas nós não acreditamos e achamos que o padre estava mentindo. Nós pensávamos que éramos os últimos do nosso povo, pois, por onde a gente tinha passado ninguém mais falava a nossa língua. Não sabíamos que existiam outros Guarani.

Depois disso, o padre viajou para o sul e contou de nós para os Guarani de lá. Quando ele voltou, trouxe uma fita com uma gravação da fala deles e mostrou para nós o mesmo jeito da fala dos Guarani. Foi então que nós começamos a acreditar nele.

Alguns de nosso grupo resolveram ir até lá. O irmão do José Pereira, o velho José Kuaray [Andair], juntou dinheiro e seguiu com sua família, naquele tempo, Lorenço, Ana e as crianças. Depois, a Luísa, irmã do Raimundo [Karai] e o filho dela, o Joaquim, também deram um jeito e foram embora. Mas o Orlando, pai do Joaquim, ficou.

Nós começamos a nos espalhar de novo. O Raimundo [Karai] e o Orlando não quiseram ir. O Karai dizia que já tinha vindo daquele rumo e não iria voltar, porque ele tinha aprendido com os antigos que, quando se começa uma caminhada, não se volta para trás. Mas resolveu mandar o João [Werá], seu filho mais velho, para conhecer e depois contar como era o lugar onde viviam esses outros Guarani. João Werá partiu pouco tempo depois dos primeiros e passou quatro meses viajando por aldeias guarani.

Quando João voltou, contou que esses outros Guarani eram realmente iguais a nós. Todos falavam nossa língua e ele entendia muito bem. Falou também que nas aldeias que ele visitou, só viviam Guarani. Não tinha **jurua**, nem outros índios. Mas disse que

os lugares em que eles viviam eram muito diferentes, que era frio, e que não iríamos nos acostumar se mudássemos para lá.

Depois que escutou a história que seu filho João contou, Karai resolveu que não iria embora. Mas a ideia de uma terra onde vivessem apenas pessoas Guarani ficou gravada no coração dele. Ele dizia que estava cansado, que já estava velho, que não queria mais andar muito, que seria bom se a gente conseguisse um lugar, só pra nós, pra morar.

Fazia quatro anos que o nosso pessoal estava morando com os Guajajara. Um dia apareceu por lá o Eurípedes, sobrinho do Raimundo Karai e de Benedita. Isso era 1989. Eles nunca mais tinham se visto. Júlio, o pai, e Odília [Maria Kature Krexu Ete'a], a mãe do Eurípedes, estavam juntos com aqueles que tinham vindo primeiro depois da morte do **nhanderu** em Mozarlândia. O pai, Júlio, tinha morrido na caminhada e ele contou que a mãe, Odília, e todos os outros irmãos estavam vivendo juntos em Mãe Maria, na terra do povo Gavião. O padre Ubbiali tinha avisado a eles que os outros estavam em Santa Inês.

Eurípedes contou que o Albino e o Abílio, que tinham ficado pela Ilha do Bananal quando Raimundo Karai saiu à procura da mãe, passaram um tempo morando com eles em Mãe Maria e agora estavam no Tocantins, vivendo com os Karajá, na aldeia Xambioá. A Sebastiana [Krexu] e o José Pereira resolveram ir para Xambioá para se encontrar com o pai dela, o Albino. Quando os dois chegaram, todos ficaram muito felizes em vê-los e disseram que poderiam ficar morando na aldeia com eles.

Os outros resolveram acompanhar Eurípedes e foram para Mãe Maria, perto de Marabá, no Pará. Karai pediu ao chefe dos Gavião, o velho Kohokrenhum, um lugar mais afastado da aldeia onde pudesse ficar com o nosso pessoal. Kohokrenhum nos mandou para um lugar chamado “Negão”, na Terra Indígena mesmo. Ficamos lá, só nós. Algum tempo depois, o velho Luís apareceu e ficou pela Mãe Maria também. Ele estava morando em Goiânia e já fazia muito tempo que não o víamos. Tínhamos nossas roças e fazíamos farinha para o Kohokrenhum. No começo, as coisas estavam boas, mas ficaram complicadas com o passar do tempo. Algumas pessoas já não queriam mais a gente lá. Elas não gostavam mais de nós.

Valdo Lopes de Souza Guarani, Rinaldo Guarani, Benedita Lopes dos Santos Guarani, Raimundo Ferraz Guarani, Rivanilson Guarani, José Tasino Lopes de Souza Guarani, Maria Divina Lopes de Souza Guarani, em sua casa na TI Mãe Maria, 1994.



a luta por uma Terra Guarani

Raimundo Karai continuava firme com a ideia de um lugar para viver e falava: “Eu preciso de uma terrinha para morar e quero a ajuda de alguém. Eu sei que tem alguém que vai me ajudar. Eu tenho que procurar e encontrar um lugar”.

Nessa época, o João [Werá] estava vivendo na aldeia Guarani do Rio Branco, no município de Itanhaém, Estado de São Paulo. Karai conversou com ele e pediu para que Werá procurasse alguém que pudesse nos ajudar a encontrar uma terra para que a gente não precisasse mais viver na terra de outros índios. Werá tinha conhecido algum tempo antes o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), uma ONG que já trabalhava com os Guarani há muito tempo, mas que ainda não conhecia a gente. Ele contou nossa história e a Maria Inês Ladeira, que é antropóloga do Centro de Trabalho Indigenista - CTI, veio nos visitar em Mãe Maria em 1994. Ela disse que o CTI iria encontrar uma maneira de ajudar a gente.

E começamos a procurar uma terra. No começo a gente foi buscar no rumo de quem vai de Marabá pra Conceição do Araguaia. Fomos todos para lá, mas não encontramos nenhum lugar com mata. Tudo o que a gente encontrava era capoeirão velho e



Em frente ao cartório de Jacundá para legitimar a Terra Indígena Nova Jacundá para os Guarani. Da esquerda para a direita: Davi da Silva (cacique da Terra Indígena Aguapeu- SP), Raimundo Karai, Maria Inês e seu Luís Moura, 1996.

seco. Não tinha mata, não tinha água. Então, descobrimos uma terra na beira de uma ferrovia, uma boa terra. Mas, quando fomos saber sobre os documentos dela, a terra estava toda encrocada. Não pudemos comprar. Aí, começamos a procurar mais perto de Marabá. Fomos a um lugar entre Morada Nova e o São Félix. Mas lá também não estava bom. Era tudo seco. Karai queria um lugar onde tivesse mata e muita água.

Continuamos a procurar firme mesmo e não demorou muito para a gente encontrar a terra onde estamos hoje. Quando foi conhecer a terra, Karai gostou muito do lugar. Ficava muito longe da cidade, não tinha estrada até lá, mas ele achou que era realmente bom. Quando ele voltou pra Mãe Maria, contou para nós que tinha muita mata, muita caça, e que tinha muito peixe no igarapé que passa dentro da terra, que é chamado Jacundá. Então, com o apoio do CTI, nós conseguimos comprar essa terra. Vilmar Guarany, filho do velho Luís que é nosso parente, e é advogado, nos ajudou com os documentos do **jurua**. Raimundo Karai com o velho Luís foram até o cartório com a Funai e os antigos ocupantes da terra e passaram para o nome dos Guarani. Era uma terra para todos os Guarani que quisessem morar.

Karai era sábio e viajou até o Tocantins. Foi até a aldeia Xambioá, dos Karajá, onde o Albino e o José Pereira estavam vivendo. Ele contou sobre a terra que ele tinha achado para os Guarani morarem. Ele falou que não era bom ficar na aldeia dos outros índios, e que não precisaria mais caminhar. Todos juntos podíamos, então, ficar na mesma terra. Foi aí que nós todos mudamos. Em 1996, nós começamos a construir o Tekoa Pyau.

“O meu pai, Raimundo Karai, era um pouquinho **nhanderu**. Ele falava muita coisa para nós! Muita coisa que aconteceu depois, ele já falava. Eu era pequeno e ele me botava para dormir. Aí, ele começava a cantar e, cantando, ele falava sobre essas coisas que aconteciam. Ele nunca foi à escola, não sabia ler ou escrever. Tudo era falado. É por isso que eu penso: ‘de onde foi que ele arrancou para dizer essa palavra?’. Eu perguntava para minha mãe o que era meu pai. Eu não sei dizer, porque eu ainda era novo quando ele morreu e eu não tinha muita experiência. Então, não sei dizer bem o que ele era”.

João Werá Guarani, 2010.

Tekoa Pyau

A chegada à nossa nova terra foi muito difícil. Não tinha estrada saindo da rodovia naquele tempo e chegamos em uma época do ano de muita chuva. Era o mês de abril de 1996, no final do inverno. A gente saiu de Mãe Maria em um velho caminhão azul da Funai. Era um caminhão grande. Nós enchemos o carro com nossas coisas e depois descarregamos tudo no “60”⁶. Deixamos as coisas na casa de um homem, que deu uma semana para a gente levar tudo embora. Ele ameaçava jogar as coisas no mato se a gente não conseguisse buscar.

Então, nós entramos. Não tinha uma estrada. Era só um caminhozinho muito feio, só lama. Andamos com a lama pelas pernas. Chegamos a atolar. Não tinha ponte, só pinguela. Quando chovia, a gente tinha que esperar a água dos igarapés baixarem para a gente continuar. Karai veio nos levando. Passamos um dia inteiro andando nesse caminho até chegarmos à terra. Passamos um mês levando as nossas coisas, com o **jurua** ameaçando o tempo todo jogar fora. Nesse começo, às vezes, nossas coisas e o rancho mais pesado vinham no lombo de burro que alguns vizinhos emprestaram para nós. O resto nós trouxemos nas costas.

Fizemos um primeiro barracão, onde hoje moram o Leonardo e a Divina. Ficou todo mundo morando ali até fazermos as casinhas. De primeiro, elas ficavam onde hoje é a entrada da aldeia. Foi lá que Karai também fez a primeira roça, uma roça grande. Todo mundo trabalhou junto, plantando arroz, milho, batata, cana, feijão e macaxeira. Mas não conseguimos colher tão bem. Tinha muito porcão (queixada) naquele tempo e eles comeram quase toda a roça.

Quando a gente chegou, tinha muita água no igarapé Jacundá. Tinha uma cachoeira para cima da aldeia, o Pedral. A gente dormia e às vezes acordava pensando que era barulho de chuva. Tinha muito peixe também. No verão, todos nós pegávamos muito peixe. Nós, do mesmo jeito que os antigos, íamos no rio bem cedinho dar banho nas crianças. Os pais mandavam as crianças tomar banho na água muito gelada para que elas não tivessem preguiça. E, mesmo na água bem gelada, as crianças se banhavam.

⁶ O “60” é como nós e **jurua kuery** da região chamamos o ponto da rodovia PA 150 onde começa a estrada de acesso à nossa terra: é o Km 60 da rodovia [ver mapa **Terra Indígena na região** na seção “Onde vivemos”].

Mas, agora, a água seca e está mais difícil tomar banho no igarapé, e elas têm que se banhar no chuveiro mesmo. O igarapé no verão fica só pó.

Nesta nossa terra, quando chegamos, tinha muita mata ainda, como Karai tinha contado para nós, mesmo os madeireiros já tendo antes passado por ela. Andando no mato, até hoje a gente encontra os arrastões que eles faziam para tirar as árvores grandes. É por isso que elas são poucas, ainda, em nossa terra. Outra parte da nossa



terra, quando a gente entrou, tinha uma abertura, era pasto. Era um capim muito alto. Com o tempo, com o nosso trabalho, o capim foi desaparecendo e a mata voltando a crescer. Hoje em dia, esse capim já se acabou quase todo, mas ainda tem.

Foi depois de um ano, mais ou menos, que a gente estava morando na nova terra que começamos a pegar malária, que nós chamamos de **yro'y vai**. Passamos quatro anos pegando malária. Às vezes, a gente passava mais tempo em Marabá, se tratando, do que na aldeia. Como não tinha estrada, saíamos andando. Quem dava conta de andar, ia direitinho. Às vezes, deitava um pouquinho, enquanto vinha aquele frio. Quando passava o frio, vinha aquela febre de 40 graus no corpo. Aí, tinha que começar a andar assim mesmo, no sol quente, até chegar na rodovia. Quem não conseguia andar, a gente carregava em uma rede. Era ruim, porque a rede balançava muito. O doente ia gemendo e os outros iam andando o mais rápido que podiam para chegar no 60. Lá, um carro da Funai ficava esperando para levar para o hospital em Marabá. Às vezes voltava bom de lá, mas no outro dia a malária aparecia de novo. Desse jeito mesmo, com toda dificuldade, nenhum de nós morreu de malária e nós não desistimos da terra.

Depois da chegada, Raimundo Karai costumava dizer que ele mesmo não ficaria muito tempo mais nesta terra: “Essa terra é para vocês, para vocês ficarem, para vocês morarem aqui. Eu estou velho, estou cansado, não vou ficar aqui com vocês. Aqueles Guarani que quiserem vir, podem vir. É para nós mesmos esta terra”. Ele andava preocupado com a nossa saúde por conta da malária e da dificuldade que era para chegar até as cidades. Então, ele procurou a Funai para pedir ajuda para que fosse aberta uma estrada para nós. E começaram a buscar apoio com o governo do estado e com deputados.

Um dia, Karai foi para Marabá participar de uma reunião com Dona Benedita. Era uma reunião para assinar um projeto para abrir essa estrada de 4 km que vem dar na aldeia. Naquele tempo eram caminhonetes que faziam linha de Jacundá para Marabá. Na que eles estavam tinha muita gente. Nesse dia estava chovendo muito e a camionete foi ultrapassar e bateu num carro pequeno com cinco pessoas que morreram na hora. Na camionete onde eles estavam morreram nove pessoas. Eles foram levados para o hospital. Dona Benedita se machucou muito, mas conseguiu sobreviver. Karai não. Isso foi em 1999.

Na verdade, ele passou pouco tempo vivendo com a gente nesta terra que ele encontrou. Ele fez uma primeira roça. Quando ele estava fazendo a segunda roça, ele falou que aquela terra já não seria mais para ele. Parece que ele já sabia que ia nos deixar.

Mas a comunidade e a Funai não desistiram do projeto do Karai e conseguimos fazer a estrada um ano depois com o apoio do governo do Pará. Não foi do jeito que era para ser feito, mas a estrada melhorou muito a nossa vida aqui. E a dos **jurua kuery** também. Eles falam que é graças a nós que eles também têm essa estrada hoje.

E a gente seguiu lutando, todo mundo dando força um para o outro para a gente ficar aqui. Fundamos a Associação Indígena Jaepyá Arãdú Kariwassú Guarany para cuidar dos nossos direitos. Ela é importante para nós, mas sempre temos problemas com as regras e impostos do **jurua**, o que acaba atrapalhando o funcionamento dela. Fizemos nossas casas e conseguimos construir uma escola em nossa aldeia. Antes, todos nós, tínhamos que ir até as cidades para estudar e só aprendíamos os conhecimentos do **jurua**. As nossas crianças não estudavam a nossa própria língua, nossa cultura e nossa história. Escolhemos o nome de Karai Guaxu (Grande Karai) para a escola para não nos esquecermos daquele que encontrou essa terra onde nós estamos.

Poucos de nós conheciam os Guarani que vivem no sul. Mas em 2004, nós recebemos a visita de algumas lideranças de aldeias do Estado de São Paulo. Ficamos sabendo, então, que os Guarani são muitos, e ouvimos e aprendemos muitas coisas que não conhecíamos. O **xamõi Kambá**⁷ (José Fernandes) nos aconselhou (**nhemonguetá**) e mostrou o lugar onde nós deveríamos construir uma **Opy** em nossa terra.

Nós construímos nossa **Opy** e tivemos força para, aos pouquinhos, ir conseguindo mais coisas para nossa aldeia. Formamos nosso coral **Mitã Mbaraeté** para cantar as músicas que nossos antigos nos ensinaram e as que criamos inspirados por Nhanderu Ete. As árvores que os mais velhos plantaram quando chegaram aqui hoje já estão grandes e as crianças sempre têm muitas frutas para se alimentar.

⁷ O **xamõi Kambá** (José Fernandes) faleceu em junho de 2021 e deixa uma grande saudade. Estava morando em Tapiraí (SP) com toda sua família, e recebeu várias homenagens.

■ “Que nós tenhamos muita força através de Nhanderu Ete. Que essas palavras fiquem bem claras para vocês. Que sempre Nhanderu Ete ouça essas palavras que nós estamos deixando aqui. Que ele nos ouça.

Eu vejo que sempre são chamadas as pessoas mais velhas da aldeia, **xeramõi** e **xejaryi**. Quando nós falamos essas palavras, é pelo respeito que nós sentimos pelas pessoas. O que é falado pelos **xeramõi** e pelas **xejaryi** está certo, pois essas são palavras que vêm através de Nhanderu Ete.

Que nós tenhamos o respeito um pelo outro. Que nós tenhamos muita força de Nhanderu Ete. Que na aldeia de vocês, todas as tardes, vocês se reúnam para passar um pouco da palavra de Nhanderu Ete. Isso é muito importante. Os jovens e os adultos devem ouvir quando os mais velhos passarem esses conselhos, e sempre ter esse respeito pelos mais velhos.

Vocês devem também ter uma **Opy** (casa de rituais e cerimônias). Quando eu cheguei de São Paulo, eu tive uma revelação de Tupã, que mostrou o local onde deve ser construída a **Opy** de vocês. No sonho, eu vi as crianças da aldeia, e eu no meio. E eu vi que tinha uma **Opy** naquele lugar e assim foi pedido para construir uma **Opy**. A força que nós temos vem da **Opy**. É nela que sempre é revelado por Nhanderu Ete para que todos tenham forças.

Foi Nhanderu Ete que deixou essa terra para nós vivermos. Como Nhanderu Ete revelou o lugar onde vocês deveriam chegar, e vocês não chegaram, vocês perderam um pouco da força. Mas eu vi num sonho que daqui onde vocês estão, está mais fácil para vocês alcançarem. Se vocês conseguirem fazer a **Opy**, vocês terão mais força.

Eu estou contente por ter vindo e conhecido vocês. Ouçam mais as palavras dos irmãos mais velhos, cuidem bem deles, porque a sabedoria vem deles. Não façam as crianças chorarem muito. Pois é através das crianças que os mais velhos têm a força. É assim que estou relembrando meu sonho.

Família de Dona Benedita Krexu, 2ª da esquerda para a direita, com **xamõi** Kambá ao centro, na ocasião de sua visita ao Tekoa Pyau, acompanhado da **xejaryi** Rosa, **xamõi** Elias e Timóteo, em 2004.

Esse lugar foi deixado para vocês tomarem conta, e isso é visto por Nhanderu Ete. Vocês estão vivendo muito longe de nós, vocês falam sobre isso, mas Nhanderu Ete está junto com vocês. Eu peço para não ter desavenças nas famílias. Essa é a minha palavra”.

Xamõi Kambá Puku (José Fernandes Soares, **Gwyrá Pepo**), dirigente espiritual na região Sudeste do Brasil, durante visita ao Tekoa Pyau em 2004. O **xamõi** estava morando em Tapiraí (SP) e faleceu em junho de 2021, deixando grande saudade. Tradução do guarani feita por Elias Honório dos Santos.



“Pela graça de Nhanderu Ete e Nhandejara, o Raimundo (Karai) e Dona Benedita (Krexu Antaxi) arranjaram essa terra pra nós estarmos hoje aqui. Eles andaram muito depois que nosso xeramõi (Manoel Rodrigues) morreu. Foi aí que eles seguiram a caminhada. Chegaram aqui e depois Raimundo faleceu, mas nós continuamos. Daqui nós não saímos mais. Aqui nós estamos bem alegres”.

Aparecida Jaxuka, TI Nova Jacundá, 2018. Traduzido do guarani por Alexandre Kuaray.

Opy, casa de rituais e cerimônias.



O casal Maria Regina e Edimar, maio de 2019

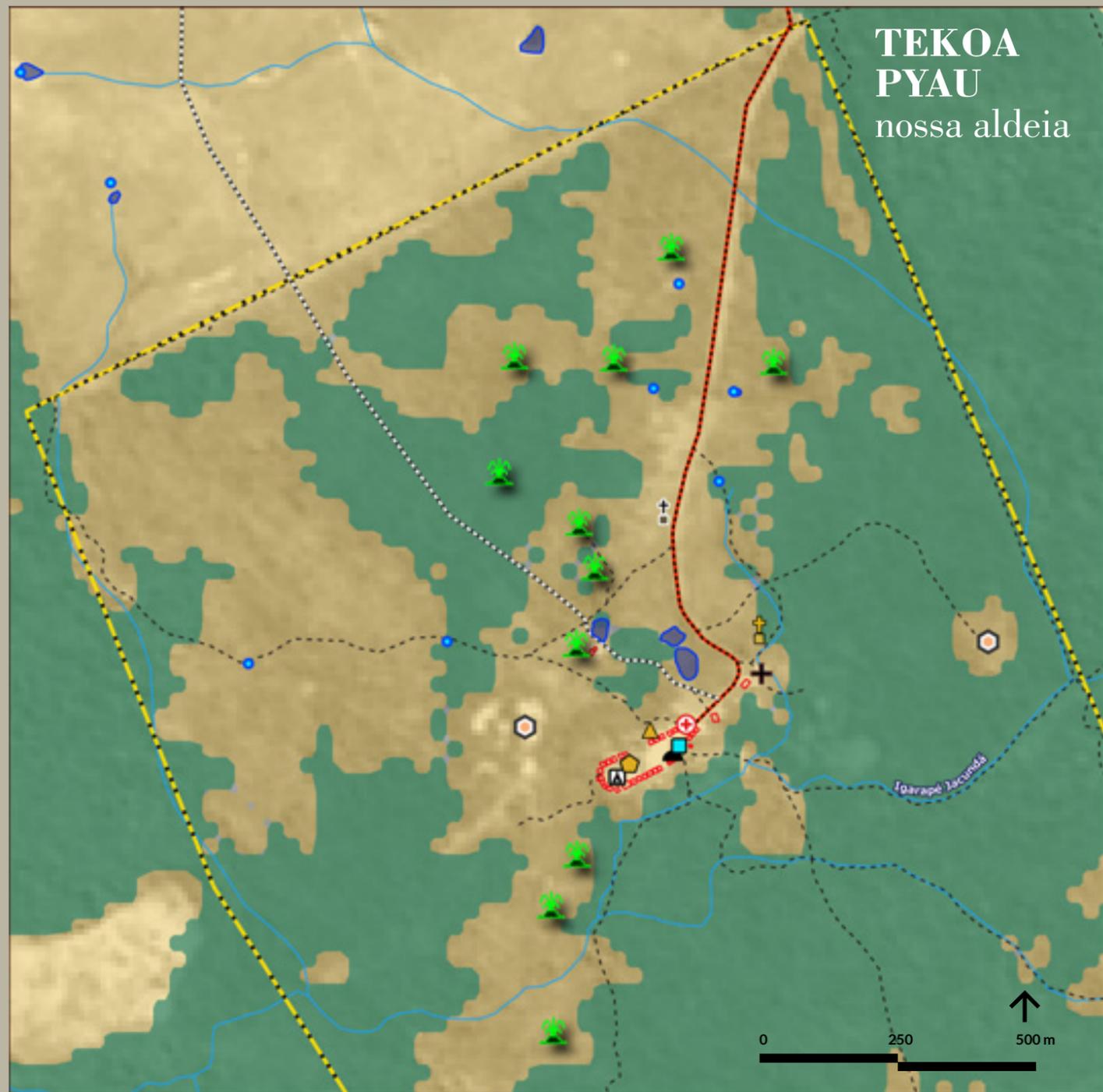


“A caminhada que fizemos (jaguata porã) nos trouxe até aqui, a esta terra que Nhanderu Ete deixou para nós tomarmos conta, para nós nos fortalecermos por aqui mesmo. É no cuidado que a gente procura ter com todos os seres que vivem aqui junto com a gente que nós encontramos a força para continuar essa história. É por aí que Nhanderu Ete nos mostra o que precisamos.

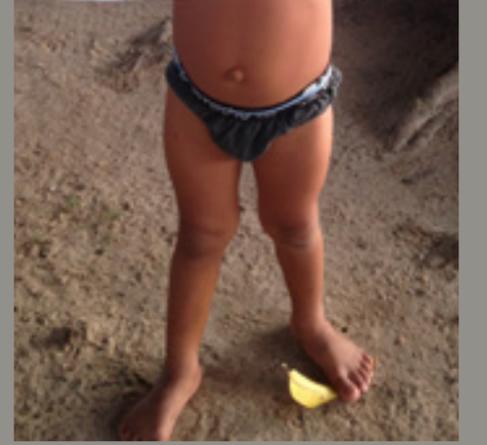
Os nossos planos para vivermos melhor nesta terra onde estamos morando são movidos pela mesma esperança que a gente sempre teve, de um dia encontrar a terra que, há muito tempo, a gente foi em busca. A terra que nós sempre procuramos, até hoje a gente procura. Um dia vamos encontrar. É sobre essa terra que os antigos sempre nos falavam. Eles diziam que era yvy ju, yvy marãe’ỹ.

É uma terra onde a pessoa não morre mais. Onde a pessoa, quando é inverno, fica velhinha e, no tempo do verão, fica rapazinho de novo quando é homem e mocinha quando é mulher. Então, não tem mais doença, não tem mais sofrimento. É esta que até hoje nós temos na cabeça. É por isso que a gente não vai parar, não vai perder a esperança”.

Maria Regina, TI Nova Jacundá, 2019.









plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena nova jacundá tekoa pyau



como trabalhamos no projeto

Depois de contar a nossa história, vamos falar agora sobre o nosso jeito de trabalhar e como queremos cuidar desta terra, pensando no futuro dos filhos e filhas e dos netos e netas que estarão vivendo nela.

O trabalho para construir nosso PGTA começou em 2014, quando, junto com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), escrevemos o projeto e enviamos para o Fundo Amazônia. Nós queríamos fazer um livro para colocar a palavra dos antigos que nos trouxeram até aqui e que viveram antes de nós. São deles os conhecimentos guarani para se viver bem, e precisamos transmitir aos jovens de nossa aldeia essa sabedoria para eles não ficarem perdidos, sem ter um rumo.

Nossa proposta foi aprovada, mas demorou bastante tempo até que o financiamento para o nosso trabalho fosse liberado. Em abril de 2018, começamos o projeto para valer. Foi quando pudemos realizar nossa primeira reunião para organizarmos as

Atividade do curso de formação realizada no interior da Opy.

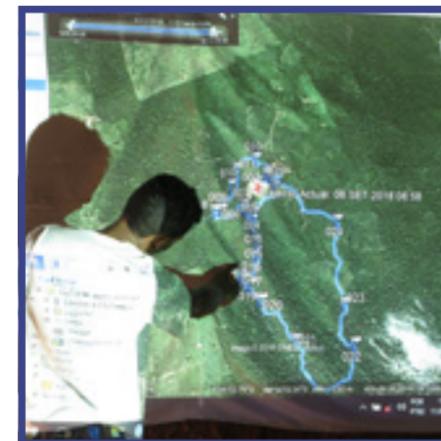


atividades de elaboração do nosso plano. Além do pessoal do CTI, passamos a contar com o auxílio da Comissão Guarani Yvyrupa - CGY, que foi muito importante para nos ajudar a entender coisas que o **jurua** não sabe explicar.

Depois, no mês de setembro de 2018, nós fizemos uma formação. Aprendemos mais sobre as leis do Brasil e sobre a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI), que é a base de nosso projeto. Começamos a estudar o uso de GPS e fizemos nossos primeiros mapas a partir dos pontos que nós registramos. Recebemos também alguns de nossos parentes guarani que moram nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. O Kuaray, que já morou aqui nesta terra quando criança e hoje vive no Tekoa Yakã Porã, em Ubatuba/SP, ensinou nossos jovens, meninas e meninos, a usar uma câmera e a filmar. Começamos a fazer nossos próprios filmes, registrando o que acontecia durante o trabalho no projeto. Vieram também o Leonardo, o Germano, a Ivanilde e o Jaime, que passaram muita coisa para a gente a partir da vivência deles em outras aldeias dos Guarani. Eles trouxeram sementes de **avaxi ete'i** (milho verdadeiro) de diferentes variedades: **avaxi para**, **avaxi ju**, **avaxi xĩ**, **avaxi pytã**. Também trouxeram sementes de um tipo de cana tradicional, o **takuare'e avaxi**, que é diferente da cana-de-açúcar comum, e parece mais um pé de milho mesmo. Trouxeram o **manduvi** (amendoim) e também umas batatinhas de **jety** (batata-doce) para a gente plantar e fazer mais rama. De tudo isso, é importante dizer que o principal professor nessa formação foi o **xeramõi** Pedro Vicente Karai Mirĩ, do Tekoa Tenonde Porã, em São Paulo/SP, que trabalhou duro para nos passar a história e o conhecimento guarani das plantas e dos animais, dos remédios da mata. Ele também nos ensinou a fazer o **nhu'ã**, a armadilha de laço, como os nossos antigos faziam. O **xeramõi** nos ensinou a arte do **xondaro** e muitas outras coisas verdadeiras.

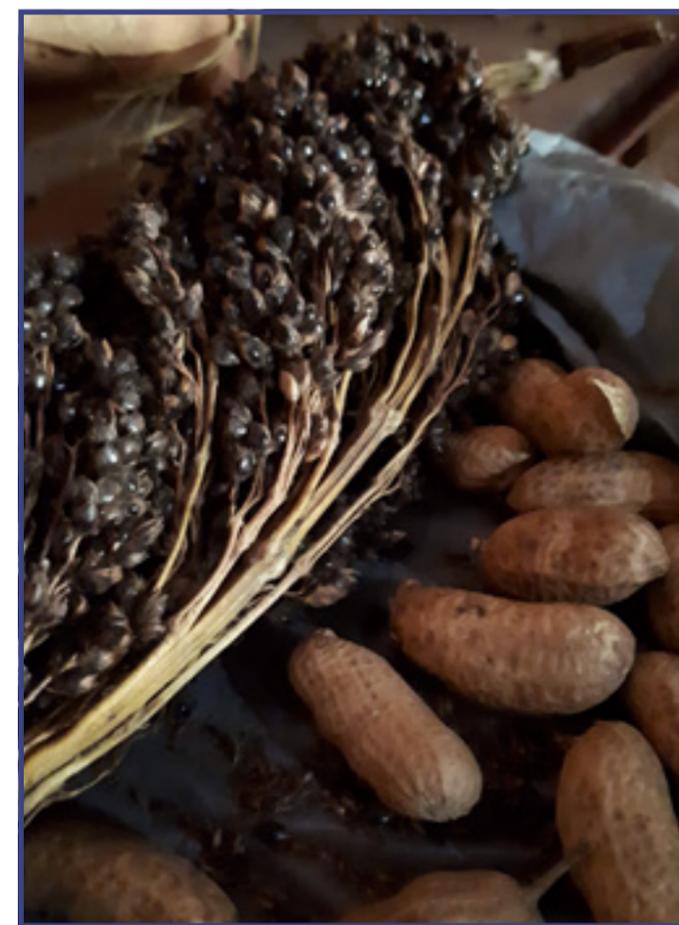
Em novembro de 2018 trabalhamos muito. Caminhamos por toda a nossa terra e fomos até a maioria das nascentes do igarapé Jacundá, o rio que passa dentro da nossa área. Fotografamos e marcamos no GPS os pontos dos lugares por onde passamos. Isso aparece nos mapas que apresentamos neste livro. As informações que a gente juntou foram muito importantes para entendermos melhor a situação e visualizar a maneira como vamos usar daqui em diante as diferentes partes de nossa terra. Nós achamos muito bom poder conhecer melhor o nosso lugar e finalmente conseguir entender o que os **jurua kuery** fizeram lá fora para que a nossa água começasse a secar todos os anos.

No mês de maio de 2019 o pessoal do CTI voltou até a nossa aldeia e trabalhamos sobre os mapas que foram feitos a partir das nossas conversas, expedições e caminhadas. Nós também fizemos a tradução para o português da fala dos mais velhos. Foi um momento muito importante de todo o nosso projeto, pois foi nele que discutimos e decidimos o plano para enfrentar os problemas que a gente já tinha levantado e para avançar no caminho da “aldeia dos sonhos” que nós imaginamos.



Expedições e caminhadas para mapeamento e diagnóstico ambiental no interior e no entorno da Terra Indígena





Durante o curso de formação para elaboração do PGTA recebemos a visita de parentes guarani que vivem em Terras Indígenas do Sul e Sudeste. Ouvimos muitas histórias e ensinamento do **xeramõi** Karai Miri; fomos apresentados com uma rabeça feita pelo **xeramõi** Jaime para prestigiar nossa música; resgatamos sementes e espécies agrícolas tradicionais do nosso povo, como variedade de avaxi ete'i, takuare'e avaxi, manduvi e jety; e ganhamos bichinhos de madeira, que queremos aprender a fazer.

a dança do
xondaro no
Tekoa Pyau





Desenho elaborado no Tekoa Pyau, em 2018, para a publicação **Mbya Kuery** **Jogueroguata Yvy Jupy Guarani**, de autoria de Para'i Lopes e Isabelle Véronique

E, finalmente, em 2019, antes das fortes chuvas, terminamos os nossos levantamentos e estudos na Terra Indígena e em volta dela. Entretanto, para finalizar o livro do PGTA, tivemos muitas dificuldades. Bem no início de 2020 o Brasil, como quase todos os países, foi atingido pela pandemia da Covid-19, e tivemos que nos isolar. Essa doença, tão perigosa e triste, contagiou fortemente os povos indígenas e as populações mais pobres. E atrapalhou também nosso trabalho de elaboração do livro. Não temos correio, internet e nem telefonia eficientes e a comunicação com a equipe do CTI, que não pode vir aqui na aldeia, foi difícil. Então, o processo de transformar tudo em livro se estendeu até o ano de 2021. Mas conseguimos terminar.

Nós revisamos tudo o que colocamos no papel para ter a certeza de que aquilo que conversamos estava bem registrado. Também nos preocupamos em saber se todos concordavam com as propostas do Plano. Olhamos os textos, os mapas, as fotos e os desenhos para garantir que estava tudo certo e que não estava faltando nada. A gente sabe que não dá para contar tudo neste livro, mas tudo que consideramos mais importante dentro daquilo que fizemos durante esse projeto está aqui.

São vários anos de trabalho, discussões e muitas caminhadas pela nossa terra. A participação de toda a comunidade, dos nossos parentes guarani de outras aldeias e das pessoas do CTI e também do CIMI foi muito importante para chegarmos ao final deste Plano. Enfim, a realização do PGTA da Terra Indígena Nova Jacundá, nosso Tekoa Pyau, foi uma ótima experiência de pesquisa, de convivência e de ação política.

No início, muita gente da comunidade não entendeu o que é PGTA. É realmente difícil entender a política e os projetos dos **jurua kuery**. Mas, com o tempo, fomos entendendo. Nós vemos o PGTA, agora, como uma espécie de certidão de nascimento, o **kuaxia** (documento) da nossa aldeia. Ele registra a história do nosso povo e da terra onde moramos. Ele pode ajudar **jurua kuery** a entender e respeitar nossos direitos, nosso modo de ser e de fazer as coisas.

A participação dos nossos parentes e amigos guarani de aldeias do Sul e Sudeste contribuiu muito para a realização do trabalho. A equipe do CTI falava sobre o que significava o PGTA e, depois, eles explicavam na língua guarani para nós. A gente começou a entender que o que diziam que era “gestão territorial e ambiental”, era o mesmo que a gente já fazia. Por exemplo, aqui na terra, nós temos uma parte onde plantamos cupuaçu. Todo mundo sabe que não pode mexer nem fazer roça ali,

porque nós plantamos para preservar e não para derrubar. Mas quando um **jurua** derruba um pé de açaí na terra dele, a gente chora, mas não pode fazer nada porque ele diz que a terra é dele. Se fosse nossa, ninguém derrubava, ninguém mexia. É diferente. Então, “gestão” é uma coisa que já temos feito muito.

Ao pensar nas propostas sobre cada um dos temas que conversamos ao longo desse projeto, decidimos que elas deveriam estar baseadas no respeito ao modo de viver guarani – na nossa espiritualidade, língua e conhecimentos. Decidimos que o Plano deve ter como objetivo conservar a terra e o ambiente que precisamos para praticarmos o nosso modo de viver, tanto dentro, como fora da terra indígena, hoje e no futuro. A terra é nossa grande fortaleza. É dela que sai toda a força que nós temos. É aqui nesta terra onde nós estamos vivendo que a gente vai se fortalecer na cultura. Os mais velhos que nos trouxeram aqui sabiam disso.

Com o Plano que fizemos, nós queremos viver bem. Queremos fazer plantio de tudo aquilo que nós gostamos, resolver o problema da água para ela voltar a escorrer no nosso velho igarapé, para ter peixes para nós comermos de novo. Para vivermos bem, precisamos pensar no que fazer para comer bem.

Nosso objetivo é ficarmos tranquilos aqui nesta terra. Todos podemos ter muito amadurecimento se escutarmos melhor os mais velhos. É preciso saber como a gente vai viver a vida. Compreender que a gente não vai viver a vida só hoje, naquela horinha. Na vida, a gente precisa pensar no amanhã. Nós temos filhos, temos parentes, temos um lugar para viver. A gente tem que colocar essas ideias na cabeça das crianças, porque a vida não é só o momento. A vida é uma história. É isso que tentamos fazer através deste Plano, todo mundo junto, um ajudando o outro, família ajudando outra família. Isso é bom para nós.

Porém, para pôr em prática nosso Plano precisamos, antes de mais nada, incentivar a comunidade para que todos – velhos, jovens e crianças, com suas sabedorias e ideias, participem das atividades, com interesse e vontade. Desse jeito, todos juntos, vamos nos organizar e nos fortalecer politicamente entre nós, povo Guarani, e diante da sociedade dos **jurua**.

Para atingir esses objetivos, planejamos:

- Criar um Conselho dos mais velhos para orientar os jovens a participar das reuniões internas da comunidade.
- Criar um Comitê de meio ambiente para coordenar e atuar nas ações propostas no PGTA, para conservação da vida das plantas, animais, águas, ar e pessoas, no interior e no entorno do Tekoa Pyau. A atuação desse comitê envolve o diálogo interno com a comunidade e externo com os fazendeiros da região e as instituições ambientalistas.
- Criar uma Comissão de assuntos da Terra para dar encaminhamento ao processo de regularização da Terra Indígena Nova Jacundá e à luta da comunidade pelo reconhecimento de seus direitos territoriais e de viver num ambiente protegido.
- Ampliar o diálogo com a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY).
- Reivindicar um sistema de comunicação eficaz - energia, internet, telefonia, celular, computador – para colocar em prática as ações de fortalecimento político e cultural que envolvem comunicação, conexão e contato com instituições da sociedade civil e povos indígenas.



Mensagem em vídeo de Marcos Tupã, coordenador Tenondé da CGY - Comissão Guarani Yvyrupa no período de 2014 a 2019.

palavras sobre a pandemia

“Estamos vivendo nesse tempo dessa pandemia que afetou as comunidades indígenas em geral, muitos parentes morreram... Nós aqui, Guarani do Pará da aldeia Tekoa Pyau, não tivemos esse acontecimento. Não tivemos nenhum óbito. Tivemos alguns casos, e já fomos vacinados Nós temos passado para a comunidade os cuidados que devemos ter, obedecendo as regras, os protocolos de distanciamento, uso de máscara, álcool gel, e só ir para a cidade se for muito necessário. Estamos bem e queremos agradecer as organizações que nos ajudam com alimentação”.

Cacique Leonardo Guarani, março de 2021.



“Porã ete aguyjevete!

Hoje é mais um “dia do índio” e nesse dia do índio eu faço uma homenagem para os pequenos **xondaro** guarani. E, nessa mensagem, eu quero dizer para todos os parentes e todos os povos do Brasil que, nesse mundo pandêmico tão difícil que estamos vivendo, os governantes estão se aproveitando da doença e do distanciamento social para criar leis que nos prejudicam e modificar as leis que reconhecem nossos direitos. Então nós, povos indígenas, temos que estar firmes e nos articular com os saberes do mundo dos brancos porque, hoje, os brancos querem acabar com os povos indígenas na ponta da caneta, no papel branco. Por isso temos que estar atentos para nos defender das garras de nossos opositores”.

Zé Tasino, 19 de abril de 2021.

“Quero dizer umas breves palavras sobre a pandemia do coronavírus que atingiu várias comunidades indígenas inclusive a nossa. Sou uma das pessoas que foram contaminadas e digo que a experiencia não é boa. Quero dizer também que o “distanciamento social” é uma dinâmica basicamente contraditória àquilo que estamos acostumados a viver em reuniões, rituais, brincadeiras, sempre juntos. O distanciamento tem afastado, dispersado, as pessoas. Essa é uma situação muito triste e crítica. Não sabemos viver separados, mas temos que nos adaptar a outros costumes para poder viver nessa realidade.

Nós somos poucos e nossa terra é pequena, mas o importante é que nós sabemos plantar para nossa sobrevivência. Levamos isso em consideração e temos plantações de mandioca, arroz e vários tipos de alimento. Nós comemos o que nós mesmo plantamos e isso tem ajudado bastante. Também buscamos apoio de instituições que colaboram com comunidades indígenas. Então, isso tudo que estamos vivendo, nesse momento difícil, espero que um dia se acabe, que tudo volte ao normal. Que Nhanderu Ete fortaleça o coração de todos para que a gente possa se reunir novamente nas brincadeiras, nos rituais, nas festas”.

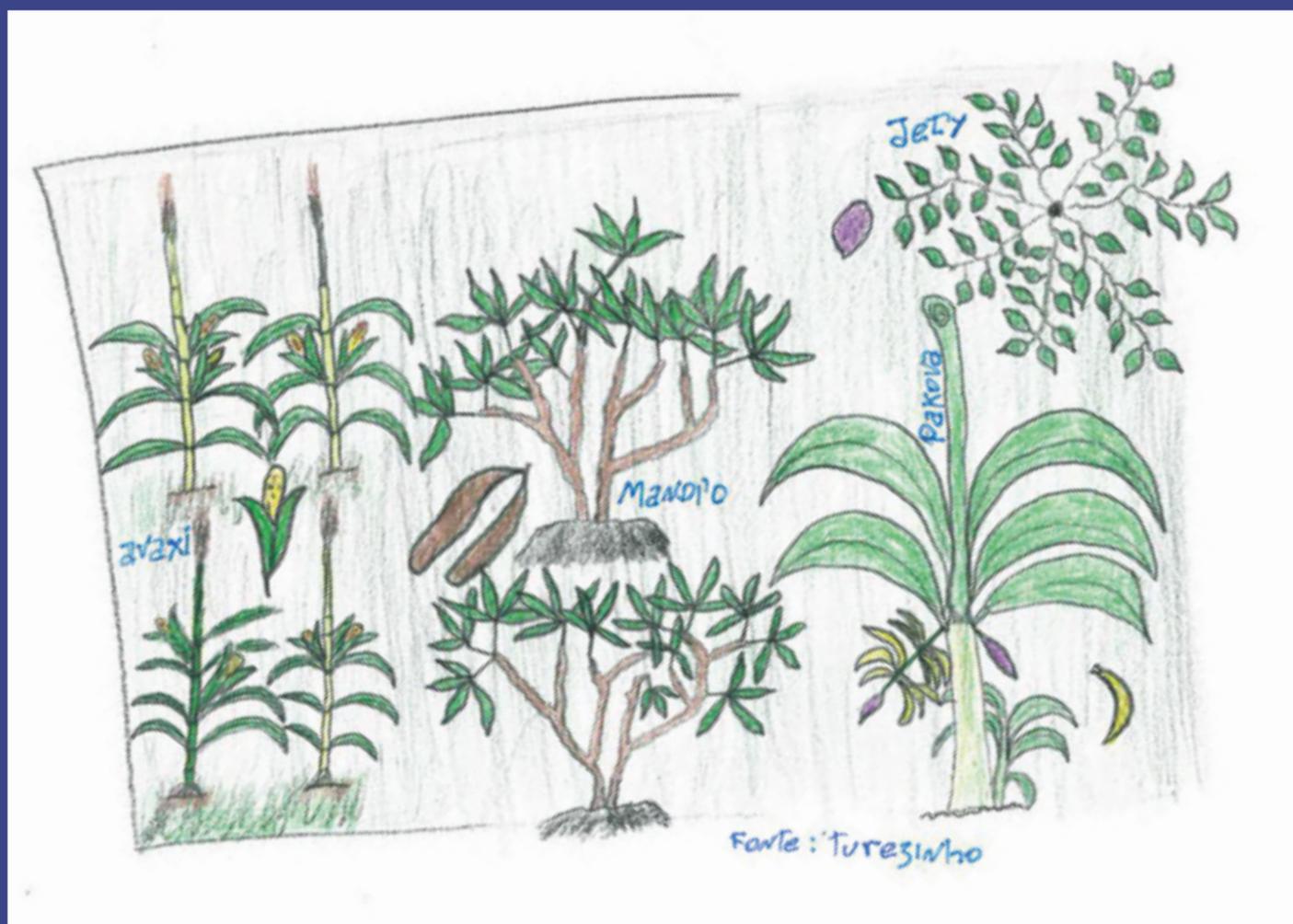
Professor Edimar, 2021.

NOSSO JEITO DE VIVER

A nossa vida no Tekoa Pyau é planejada com o tempo da natureza. O nosso dia a dia caminha de acordo com os dois tempos que dividem o ano aqui onde vivemos: o inverno e o verão. Para quem não sabe, o nosso inverno aqui na Amazônia é o tempo das chuvas e vai mais ou menos desde outubro-novembro até abril-maio do outro ano. De maio em diante já começa a parar de cair água e no verão seca mesmo e aí só vai voltar a chover em outubro.

Nosso jeito de viver segue esse movimento natural. Sentimos as consequências da chuva que, por exemplo, nos impede de caminhar no mato quando as trilhas ficam embaixo d'água. E sentimos também a falta dela, que hoje em dia já faz secar nosso igarapé Jacundá. É assim quando começa o verão bruto, e aí já não dá mais para banhar no rio ou pescar. Por outro lado, já vai ficando melhor de caminhar nas trilhas da mata para caçar. É também quando começamos a preparar alguma roça, para fazer a coivara antes das chuvas. Aí, quando começa o inverno de novo, já chegou o tempo da plantação, de fazer farinha, de colher açaí e depois a bacaba... É quando os bichos do mato já começam a namorar, se reproduzir, então é bom manear na caça para não correr o risco de matar alguma fêmea buchuda ou com filhote. Tudo vai se regulando assim, a natureza e o nosso trabalho, do jeito que aprendemos com os mais velhos.

Vamos mostrar agora como é o trabalho que fazemos a cada ano na Terra Indígena Nova Jacundá, começando pelas roças, hortas e criação de animais. Depois entramos na mata, para falar da riqueza e da importância das plantas e dos animais da floresta. Para começar, desenhamos nosso calendário, que vai dar uma ideia geral do nosso jeito de viver. Nele está cada etapa do trabalho na roça, as épocas de plantação e colheita das principais plantas, a época em que as frutas da mata amadurecem, e o tempo da caça e da pesca.



nhande roxaro - nossos roçados

A roça é a base da nossa alimentação. Então, junto com a conservação e recuperação da floresta, a agricultura é o nosso principal trabalho. Todo ano, no tempo seco, nós preparamos nossos roçados. Depois, no começo do inverno, iniciamos a plantação. O melhor mês para plantar no Tekoa Pyau, em geral, é o mês de outubro, quando começam a cair as primeiras chuvas.

Cultivamos diversos alimentos, principalmente a mandioca para fazer farinha, o milho, a abóbora e a banana. Desde que começamos a formar o **tekoa**, temos aberto roçados grandes e roçados pequenos. Às vezes todo mundo trabalha junto numa mesma roça; às vezes cada família faz a sua; às vezes junta dois ou três para trabalhar a mesma roça. Plantamos para comer e, no passado, também plantamos para vender; algumas vezes os bichos vêm e comem tudo também, aproveitam mesmo. A anta literalmente deita e rola na nossa plantação! Só por isso já é preciso plantar muito no **tekoa**, senão não aproveitamos nada. Então, uma coisa é certa: nosso povo Guarani é um povo plantador.

A roça já gerou um pouco de renda para a comunidade. Mas sempre tivemos uma dificuldade muito grande de transportar os alimentos para vender na rua. Dependia da Funai dar carona, por exemplo. Mas ela nem sempre consegue mandar o carro quando a gente precisa. Então, para não perder a produção, o jeito é pagar um frete. Só que é muito caro, daí, a gente acaba gastando o dinheiro todinho que ganhou para pagar o transporte até a cidade. Não vale a pena. É por isso que agora nós plantamos mais para o nosso sustento.

No mapa Áreas de roças e plantios é possível ver que nossos roçados foram feitos em apenas uma parte da Terra Indígena. A mata que existe na parte de baixo, ou seja, mais ao sul, foi preservada. Além disso, deixamos a mata crescer e recuperar uma área grande de pasto que havia próxima de onde estão as casas hoje. Muitos de nossos roçados também deixamos para a capoeira crescer.

Quando olhamos para o desmatamento todo que foi feito pelos nossos vizinhos fazendeiros, sabemos que nosso jeito de viver é diferente: nossas roças são pequenas e nós nos preocupamos com a mata. Então, em cada ano temos essa preocupação: será que vai dar para plantar de novo na mesma área? Precisa brocar uma juquira de roça

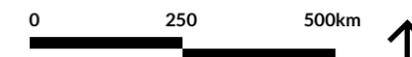
antiga? Ou será que vamos ter que abrir um roçado novo no capoeirão? Isso tudo é discutido. E foi bem discutido enquanto elaboramos esse PGTA. No mapa acima dá para ver as nossas roças, onde elas estão, e como nos esforçamos para produzir o alimento de um jeito que a floresta fique protegida e que também possa se recuperar.

O trabalho de brocar a juquira ou derrubar o capoeirão na hora de fazer um novo roçado (**roxaro**) fica por conta dos **avakue** (homens). É trabalho pesado mesmo! Mas se estamos bem organizados, mesmo com pouca gente conseguimos plantar muitas linhas. Depois de queimada a roça e feita a coivara, as **kunhangue** (mulheres) também trabalham firme na plantação. Do mesmo jeito, estamos juntos na hora de fazer a farinha e, claro, na hora de comer - que é a melhor parte!

■ **“Antigamente, a gente comia quando ainda era de tarde. Não podia mais comer de noite. De manhã, tinha que levantar cedo, a rapaziada, ameninada. Naquele tempo as mulheres botavam o milho para pubar numa latona, aí levantava cedo e já ia pilar esse milho para fazer a farinha, o beiju, essas coisas. E a rapaziada levantava. Quem tinha roça, levantava para trabalhar, quem não tinha ia pescar, ia caçar, tirar mel”.**

Abílio Karai, TI Nova Jacundá, 2018. ■

ÁREAS DE ROÇAS E PLANTIOS



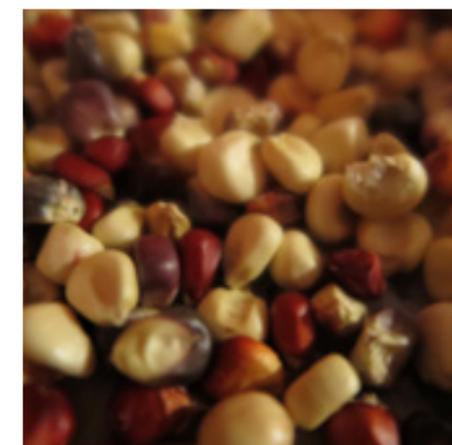
Entre os alimentos que plantamos no roçado, há aquelas plantas que são comuns nas plantações do **jurua**, que nós também temos o costume de comer, e tem as plantas verdadeiras (**ete'i**) do povo Guarani, que estamos buscando recuperar. Plantamos atualmente a mandioca (para fazer farinha), macaxeira, milho, batata, inhame, abóbora, melancia, quiabo, maxixe, pepino, o feijão-do-sul, feijão-trepa-pau, feijão-andu, mamão; vários tipos de banana: banana-nanica, banana-comprida, banana-roxa, banana-pratinha, banana-peruara, banana-branquinha, banana-inajá; diferentes qualidades de arroz: arroz-agulhinha, arroz-agulhão, arroz-bacaba; e mais uma ou outra hortaliça.

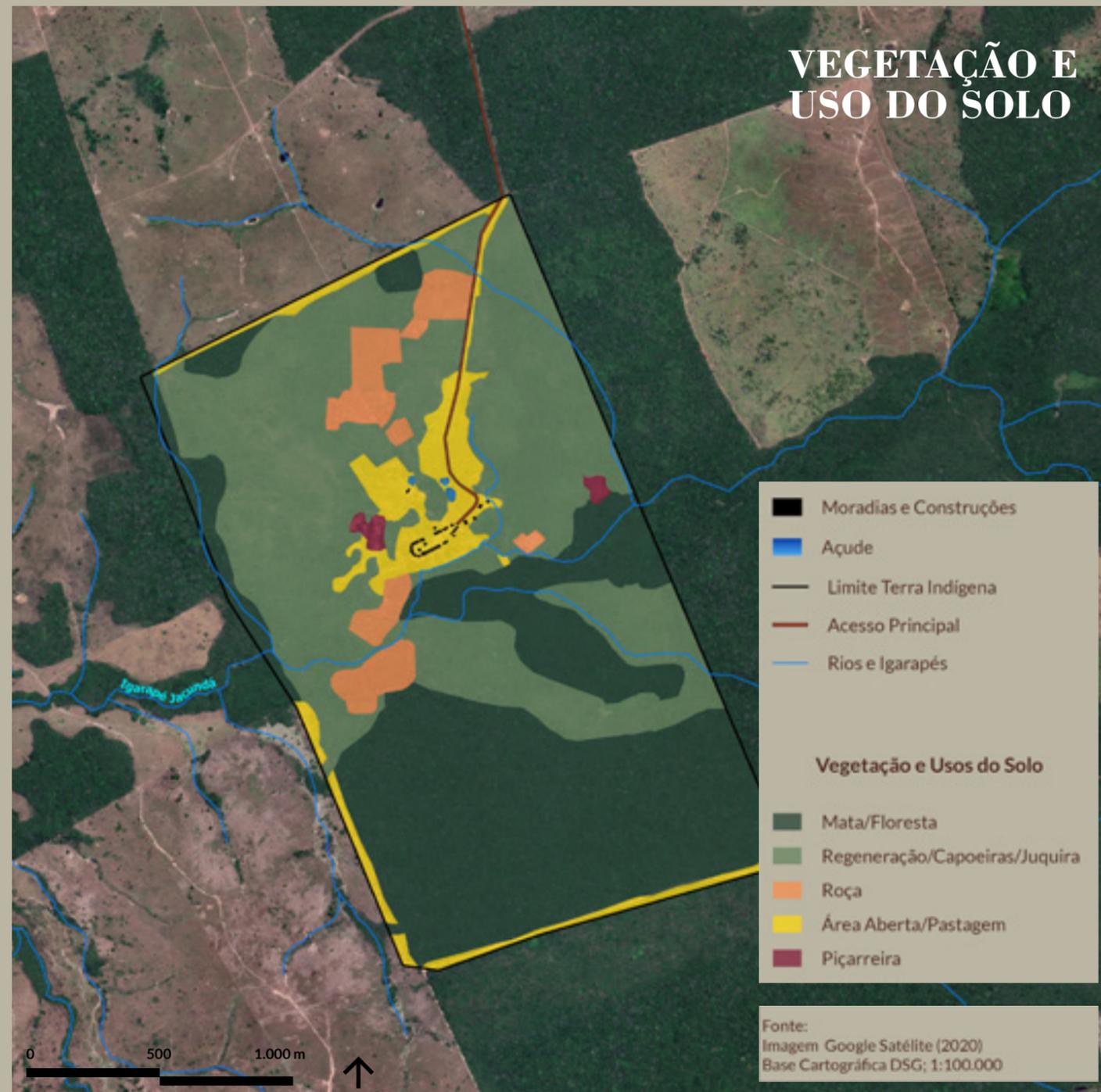
Uma grande preocupação que nós temos é em não perder **tembiu ete'i**, os alimentos verdadeiros dos Guarani. Muitas dessas espécies verdadeiras são mantidas e recuperadas quando acontecem as visitas entre as famílias de cada aldeia guarani. Como nós moramos longe dos nossos outros parentes que vivem no sul, temos mais dificuldades de resgatar e manter as nossas sementes e plantas tradicionais. Até pouco tempo atrás, a gente escutava os mais velhos contarem sobre elas, mas a maioria de nós não conhecia. Nós, os mais novos, nunca tínhamos visto. Antigamente, os mais velhos plantavam o **avaxi ete'i** (o milho verdadeiro guarani). Nós não sabemos muito bem como isso aconteceu, mas a semente sumiu. Em 2018, com o trabalho do PGTA, os amigos guarani que vieram do sul nos visitar, trouxeram **avaxi ete'i**, **manduvi**, e deram para nós, para toda a comunidade, e agora estamos conservando.

Ao lado: Turé e diversas variedades de **avaxi etei**, o verdadeiro milho guarani.

“A gente não luta pela terra pra fazer buraco, pra enterrar lixo. O nosso sangue é derramado através de nossa terra e de nossa mata que estão sendo destruídas. A gente tem um grande sonho desde que a gente nasce, um sonho de uma grande luta que hoje está acontecendo. Eles cortaram tudo, mas esqueceram de cortar a raiz. Jamais vão destruir a nossa riqueza. A nossa riqueza é essa semente aqui”.

Jaime Vhera Valdir da Silva, 2018. Mbya Guarani que vive no Rio Grande do Sul, durante intercâmbio na TI Nova Jacundá.





Atividade de diagnóstico ambiental do PGTA em meio às antigas áreas de pasto do **jurua**, cobertas com capim.



O mapa de cobertura do solo ajuda a visualizar nossas roças no contexto da vegetação atual da Terra Indígena. Pelas áreas de juquira dá para ver também, de maneira geral, onde já foram plantados no passado as linhas de mandioca, o milho, o arroz, a abóbora, o feijão. Em alguma parte, ainda ficaram alguns pés de banana, mas muitas áreas de roça deixamos mesmo para a natureza recuperar. Pela imagem dá para ver isso muito bem: que procuramos deixar a terra descansar.

A questão que nos preocupa é que algumas áreas parecem que não se recuperam mais se apenas deixamos de trabalhar nelas. Cresce aquele capim-furão, ou outro capim “brabo”, e o mato mesmo já não nasce. Passam muitos anos e não é possível

voltar a fazer o roçado no local. A terra fica fraca. Como nós não queremos mexer na parte de mata, a pouca terra que sobra é capoeira que também já foi roça e que agora está descansando. Nós quase não temos mais terra onde plantar. Então, no nosso Plano nós tivemos algumas ideias de como trabalhar para fortalecer a terra dessas roças antigas onde nasceu capim e cuidar das nossas capoeiras.

Nós já pensamos na possibilidade de uso de maquinário e adubação para preparo do solo. Mas sabemos que isso precisa de um dinheiro que nós não temos, que o adubo pode ser perigoso para a nossa água e que, como vamos sempre precisar das máquinas para fazer a roça, isso vai nos tornar dependentes de outras pessoas para trabalhar. Então, essa não é uma solução para nós.

O que pensamos dentro do nosso plano foi tentar fazer algum tipo de plantação ou trabalho nessas áreas de roça antiga. Vamos buscar parceria e desenvolver nós mesmos um conhecimento que vai servir de exemplo. Pretendemos delimitar uma parte para fazer as novas roças nos próximos anos, e separar outras partes para tentar recuperar. Nas áreas que queremos recuperar vamos plantar ingá para matar o capim, como nossos parentes ensinaram; plantar açaí e buriti onde for grota e nascente; cultivar o cupu, cacau, e todas as frutas do mato como mostramos adiante no mapa Etnozoneamento - ações e planos de futuro (p. 144). Queremos ajudar os animais com mais alimento, para que eles nos ajudem espalhando as sementes pela área. É mais ou menos assim que estamos pensando sobre nossos roçados.

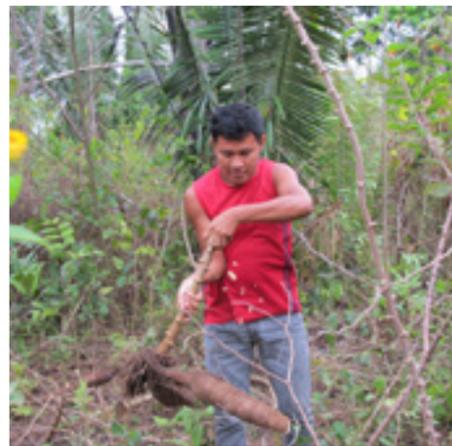
como produzimos a farinha de puba

Tem muita coisa no nosso jeito de viver que é parecido com o dos outros parentes guarani. Mas tem outras coisas que são muito diferentes. Eles vivem em um lugar mais frio e os animais e as plantas não são os mesmos daqui da Amazônia. Nós, aqui temos frutos como açaí, bacaba, cupu, e não vivemos sem a farinha de puba. Nada disso tem para lá. A farinha é um alimento que a gente come todos os dias. A gente come com tudo: açaí, peixe, carne de caça, arroz, feijão... Se botar junto a farinha de puba com um pouco de açúcar no açaí, é bom demais!

O trabalho com **manji'o** (mandioca) para fazer a farinha de puba é uma das coisas que diferencia o Tekoa Pyau das outras aldeias guarani. Nós fazemos assim: no final do verão ou início do inverno, aí por outubro ou novembro, é que a gente arranca a mandioca, e, no mesmo período, já plantamos a maniva (rama de mandioca) para o outro ano. Então, antes de fazer a farinha, o roçado novo tem que estar pronto ou quase pronto. Depois de trazer da roça a gente descasca a mandioca e deixa dentro da água..... Aí ela já vai fermentando e amolecendo, virando puba. Depois de ralar, ela vai virar massa. Essa massa a gente espreme com uma prensa para tirar a água (manipueira). Quando ela está bem sequinha, a gente peneira, e só depois de torrada no tacho que ela vira farinha.

A farinhada é um processo que envolve toda a comunidade, mas fica bastante a cargo dos homens porque é um trabalho muito pesado, desde arrancar a mandioca até ficar virando a massa no tacho. Na nossa casa de farinha nós temos dois tachos grandes para fazer fogo embaixo. Essa casa é uma construção muito importante para a comunidade, e foi feita através de um projeto nosso com a Funai. Temos condições de fazer farinha até para vender. Já vendemos algumas latas de farinha e poderia ser uma boa fonte de renda, não fosse tão caro o frete para levar até a cidade.

a feitura
da farinha



temas e ações propostas



Nhande roxaro - nossos roçados

Organizar o trabalho nas roças, fazendo reuniões todos os anos para: escolher o que vamos plantar, definir as áreas de plantio, planejar o trabalho de preparação das áreas de roça e decidir, todos juntos, se vamos fazer roças familiares, coletivas ou dos dois jeitos.

Envolver as crianças e jovens na nossa agricultura, ensinando, nas roças, sobre as plantas e o preparo de comidas tradicionais.

Abertura de novas áreas de roça conservando a mata e as águas

Não derrubar áreas de mata (**ka'aguy ete**) para abrir novas roças.

Não abrir roça onde ficam as grotas, nascentes e cursos d'água. Principalmente perto das nascentes.

Priorizar as áreas que ficam dos dois lados da estrada de acesso à aldeia para abrir roças.

Fazer as roças sem o uso do fogo e, no caso de precisar fazer uma queimada ou coivara, cuidar muito bem para que o fogo não se espalhe para outras áreas.

Conservação das antigas áreas de roças: cuidados e experimentos de novas técnicas

Cuidar da terra nas áreas de roças antigas, deixando descansar e se recuperar para ser cultivada de novo no futuro.

Buscar mais conhecimentos sobre o que deve ser feito antes de se “abandonar” uma área de roça para que a capoeira cresça mais rápido e com mais qualidade. Pensar juntos o que nós mesmos podemos fazer para diminuir o tempo de pousio.

Estudar mais, também, sobre como plantar por mais anos seguidos em uma mesma roça sem enfraquecer a terra.

Testar o que **jurua kuery** chamam de adubação verde - plantio de algumas espécies com a finalidade de “engordar” a terra (ex: feijão-guandu, feijão-de-porco, crotalária, mucuna).

Encontrar outras formas de produzir adubação orgânica, utilizando os recursos que já existem na própria Terra Indígena.

Aprofundar nosso conhecimento sobre agroflorestas. Principalmente para reflorestar as roças antigas onde até hoje só cresce “capim duro”. Sabemos que podemos reflorestar e produzir alimento ao mesmo tempo.

Acesso e conservação de sementes e cultivos tradicionais: condutas e práticas

Buscar apoios e parcerias para realizar intercâmbios de cultivos tradicionais - sementes, mudas e ramos - com agricultores guarani de aldeias localizadas em outras regiões.

Buscar apoios e parcerias para realizar intercâmbios de sementes e espécies variadas com outros povos indígenas, para tentar aumentar sempre a biodiversidade.

Plantar, todos os anos, as nossas variedades tradicionais, tanto para alimentação como para reprodução das sementes.

Acesso e conservação de sementes e cultivos tradicionais: condutas e práticas

Cuidar para não misturar as sementes no plantio. Por exemplo, o **avaxi ete'i** (milho tradicional) e o **avaxi tupi** (milho comum) devem ser semeados em roças separadas e distantes. No caso de precisar plantar essas diferentes qualidades de sementes em uma mesma roça, aí é bom plantar em tempos diferentes - mais ou menos 40 dias de diferença entre uma e outra. Assim, cada uma floresce no seu tempo e não tem chance de uma polinizar a outra.

Plantar as sementes que são mais importantes para nós em dois períodos diferentes. Assim, caso chova demais, ou de menos, e a semente estrague ou a planta seque na roça, não perdemos tudo.

Valorizar mais as formas tradicionais de guardar as sementes para conservar melhor os nossos cultivos tradicionais. Por exemplo:

- quebrar o milho na roça e deixar a espiga secar pendurada no pé, virado para baixo, como fazia o Raimundo (Karaí);
- conservar as espigas do **avaxi ete'i** penduradas sobre o fogo para secar com a fumaça;
- separar as sementes que ficam no meio da espiga de milho para plantar, e dar as que estão nas pontas para as galinhas;
- guardar as sementes dentro de garrafas com cinza para não fungar ou bichar - as sementes duram até dois anos se bem conservadas na cinza.

Escoamento da produção

Solicitar o apoio da Prefeitura para o transporte de nossa produção. (Enquanto não conseguimos apoio, é importante continuarmos organizando o tempo da colheita e o transporte da nossa produção, de forma que um mesmo frete possa ser usado por mais de um produtor).

Verificar os meios de vender nossos produtos para a merenda escolar. Para isso, é necessário fazer contatos com a Prefeitura de Jacundá e a Funai para entender como funciona e como devemos encaminhar. Também é importante conhecer outras experiências de venda de merenda escolar por agricultores familiares da região.

hortas e quintais

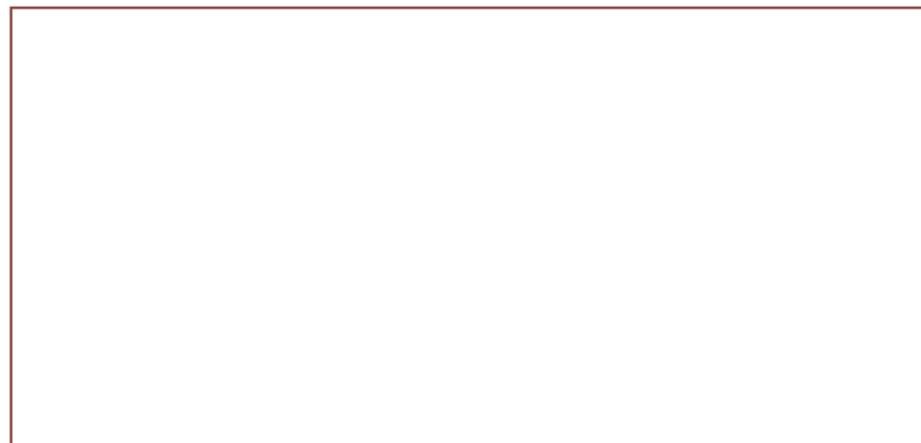
Além das nossas roças, é importante dizer que cada família tem, também, alguma plantação pequena atrás da casa. **Xejaryi** planta um pouco de **jety** (batata-doce), outras pessoas cultivam algumas hortaliças, pimentas, temperos, plantas medicinais... Alguns fazem, com uma caixa de madeira, um tipo de canteirinho que fica no alto, longe do chão, para proteger as plantas das galinhas. Enfim, todo mundo dá um jeito de plantar alguma coisa perto da casa, e sempre tem alguns pés de fruta: é ingá, manga, murici, acerola, caju, açaí, cupu, laranja e muito mais.

Mas, além disso, já tivemos uma experiência muito boa no **tekoa** que foi uma horta comunitária. Veio um professor de Belém e com ele aprendemos a fazer adubo orgânico, e juntos fizemos uma horta tão bem feita que nem demos conta de comer. Tudo quanto se pode imaginar de verduras nós plantamos. Tinha pepino, cebolinha, alface, abobrinha, quiabo, coentro-do-pará, melão, feijãozinho, tomate e outras coisas. Tinha mesmo de tudo.

A horta ficava perto do igarapé e nós usávamos a água do nosso rio Jacundá para irrigar. O trabalho era dividido assim: um dia ia uma família, aí outro dia ia outra família molhar. Desse jeito, tudo funcionou muito bem mesmo. Até que começou a chover, choveu muito e alagou a nossa horta, porque fizemos muito na beira do igarapé. Depois, chegamos a plantar de novo, só que bem nessa época a água foi acabando... Desse tempo pra cá, quando é verão, o igarapé seca, e como tudo depende da água, acabou nossa horta.

Ainda pensamos em encontrar uma alternativa para fazer essa horta comunitária de novo, porque uma só já dava para todo mundo comer. As plantas ficaram bonitas demais! Esse tempo deixou saudade.

temas e ações propostas



Horta comunitária

Reunir a comunidade para fazer uma horta grande e bonita, todos juntos.

Encontrar uma área de terra firme, que não alague no inverno, para fazer a horta comunitária.

Fazer o adubo usando composto de esterco, folhas (as folhas de mangueira são as melhores para isso) e outros resíduos vegetais:

- aproveitar o esterco das nossas próprias criações de galinha;
- utilizar o paú ou palmeira puba, que é o tronco da palmeira que já está se decompondo;
- conseguir um pouco de esterco do gado nas fazendas vizinhas. (Para isso, precisamos combinar com os fazendeiros e encontrar uma forma de transportar até a Terra Indígena).

Buscar apoio para adquirir os materiais e ferramentas necessários:

Buscar apoio técnico e material para nos ajudar a construir um sistema de irrigação para a horta comunitária. (Entendemos que a horta melhora a alimentação e a saúde da comunidade, então podemos solicitar - à Sesai, à Prefeitura, ao IFPA, à Emater, e a organizações não-governamentais - assessoria técnica para a construção do sistema

Horta comunitária

de irrigação e apoio para a aquisição de materiais e ferramentas: carrinho de mão, ancinho, pá, tela para cercar, entre outros).

Conseguir parcerias que possam nos fornecer sementes para cultivar na horta comunitária. São potenciais doadores de sementes: a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (já forneceu no passado), particulares que possuem hortas e universidades da região.

criação de animais - aves

Nós já pensamos em criar outros animais, mas hoje em dia as famílias da aldeia gostam mesmo é de criar galinha. Às vezes encontramos algumas dificuldades porque nossas casas são muito próximas umas das outras e falta espaço. Na nova aldeia que estamos formando - com casas de teto de palha - vai ser possível criar muito bicho, muito pintinho. Só precisamos ter cuidado com os animais da mata que vêm se alimentar deles. Por isso, tem que ter um lugar bem fechado pra elas dormirem seguras. No nosso conhecimento, é melhor criar as galinhas caipiras soltas e, à noite, botar em um lugar fechado. Os pintinhos comprados, chamados de “galinha melhorada” são mais sensíveis para ter contato com o chão. Esses também precisam de um lugar fechado.

Logo no começo, quando chegamos na área, também tentamos criar gado por um tempo. Ainda existe o curral e umas antigas áreas de pasto. Mas isso não deu muito certo, não. Naquele tempo, alguns padres vieram nos visitar e, conhecendo nossa dificuldade, resolveram procurar uma maneira de ajudar. Eles diziam que podíamos aproveitar o pasto que já existia e plantar um pouco mais de capim nas capoeiras. O gado iria ajudar a acabar com a malária, eles diziam. Esses padres fizeram um projeto e compraram gado para nós. Então, quebraram mais um pouco do mato que tinha e jogaram o gado por aqui. A gente passou uns dez anos cuidando desses animais. Mas nunca aprendemos muito bem como fazer. Acabamos desmatando e plantando capim em nascentes. O gado é invasor e destruiu nossas roças e até algumas de nossas casas. Os animais eram criados soltos, sem cercas. Com o tempo, se acabaram. Naquele tempo, nós podíamos ter feito um projeto diferente, voltado para a alimentação ou para a criação de peixes.

Mas, trabalhando junto com a natureza, a gente reflorestou uma área de pasto que existia nesta terra quando chegamos. Hoje só dá pra ver uma cerca antiga de arame liso no meio da vegetação. Mas, em outras áreas, o pasto continuou firme e planejamos recuperar também: plantar ingá e tudo o que é fruta para criar, junto com Nhanderu Ete, os nossos animais de verdade, os bichinhos do mato.

temas e ações propostas



Melhorar as condições para a criação de galinhas

Organizar nosso trabalho comunitário para construir galinheiros para as galinhas de todas as famílias.

Criar mais galinhas botadeiras.

Continuar aproveitando restos de comida para alimentar as galinhas e complementar a alimentação delas com as frutas que existem na aldeia, que não damos conta de comer (não dar apenas milho).



KA'AGUYRE - NA MATA

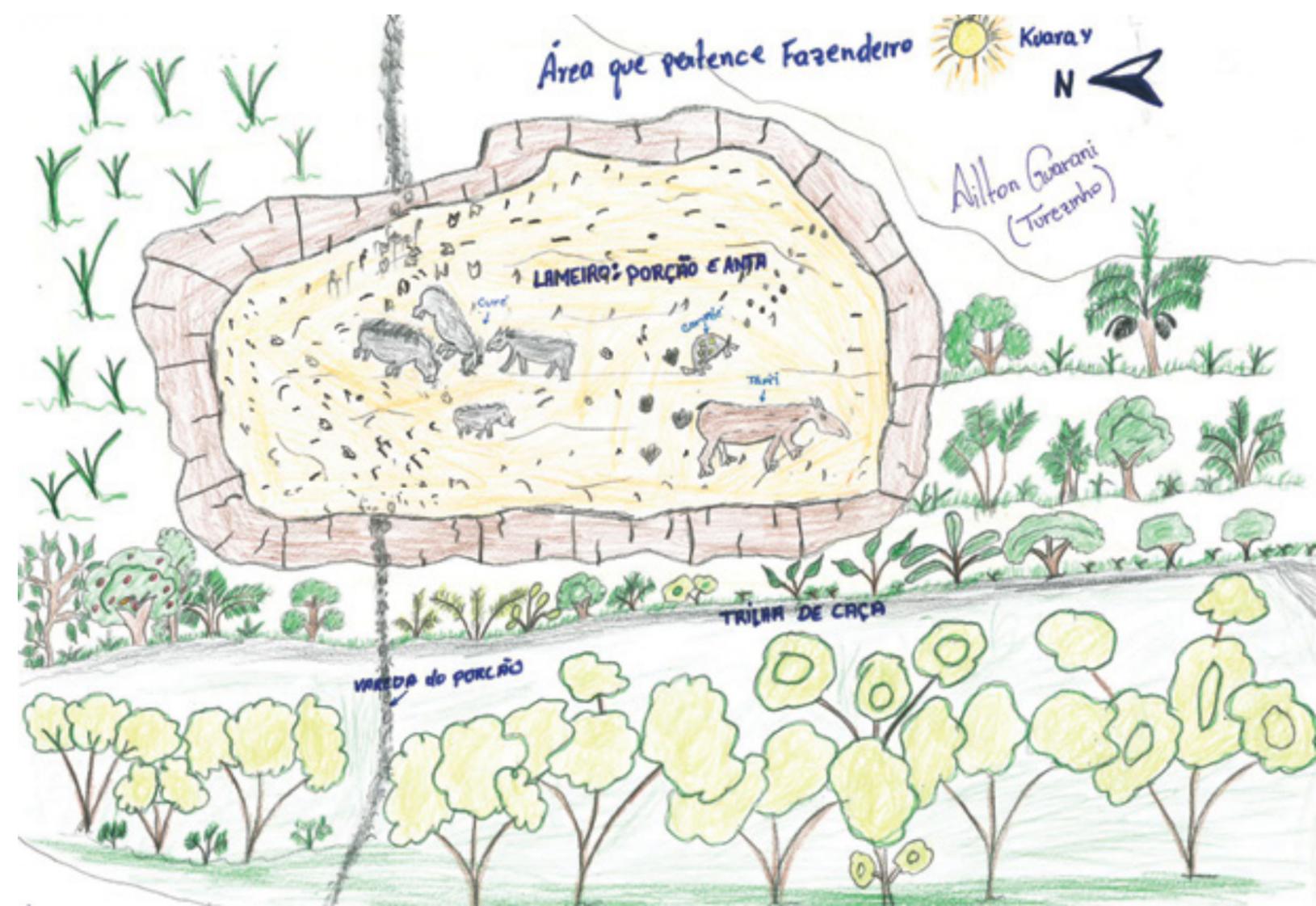
A nossa área é bem pequena se for comparar com outras Terras Indígenas na Amazônia. Estamos unidos a essa mata enorme, a floresta amazônica, e somos mais um, dentre outros povos indígenas, que estamos cuidando dela. Só que, observando imagens de satélite para elaborar esse PGTA, dá pra ver que o verde escuro, que representa a mata, está se transformando em verde claro, que caracteriza a pastagem. Também se pode ver nas imagens que, em muitas partes, a floresta nativa, **ka'aguyete**, corresponde aos limites das Terras Indígenas. Na nossa região, se vê claramente que a Terra Indígena Mãe Maria do povo Gavião está toda preservada mas, fora dela, tudo está desmatado. A nossa terra, que é muito menor que a Terra Indígena Mãe Maria, também é um lugar em que a floresta está sendo conservada. Mas por ser uma área pequena, é muito importante garantir que o entorno não seja transformado todo em pasto. E vemos que, a cada ano que passa, os fazendeiros vão tirando mais a mata, e vai ficando só a nossa. As áreas de mata não só no interior da Terra Indígena, mas também no seu entorno, são fundamentais para o nosso modo de viver. São locais onde a mata está conservada e, por isso, há diversos animais e muitos frutos para nossa alimentação. Nesses locais também coletamos plantas medicinais e materiais para fazer nossos artesanatos. A mata é nossa vida. Tudo o que precisamos podemos encontrar na mata, ka'aguy.

O Tekoa Pyau é uma Terra Guarani abençoada por Nhanderu Ete. Todos os animais mais sagrados vivem nas nossas matas, e nunca faltou a caça para nossa comunidade. Porcão (queixada), anta, veado, paca, caititu. Tem um bocado de espécies diferentes de macaco. Tem também quati, jabuti, arara e muitos outros bichos, como se pode ver na tabela que preparamos e incluímos nos anexos deste PGTA.

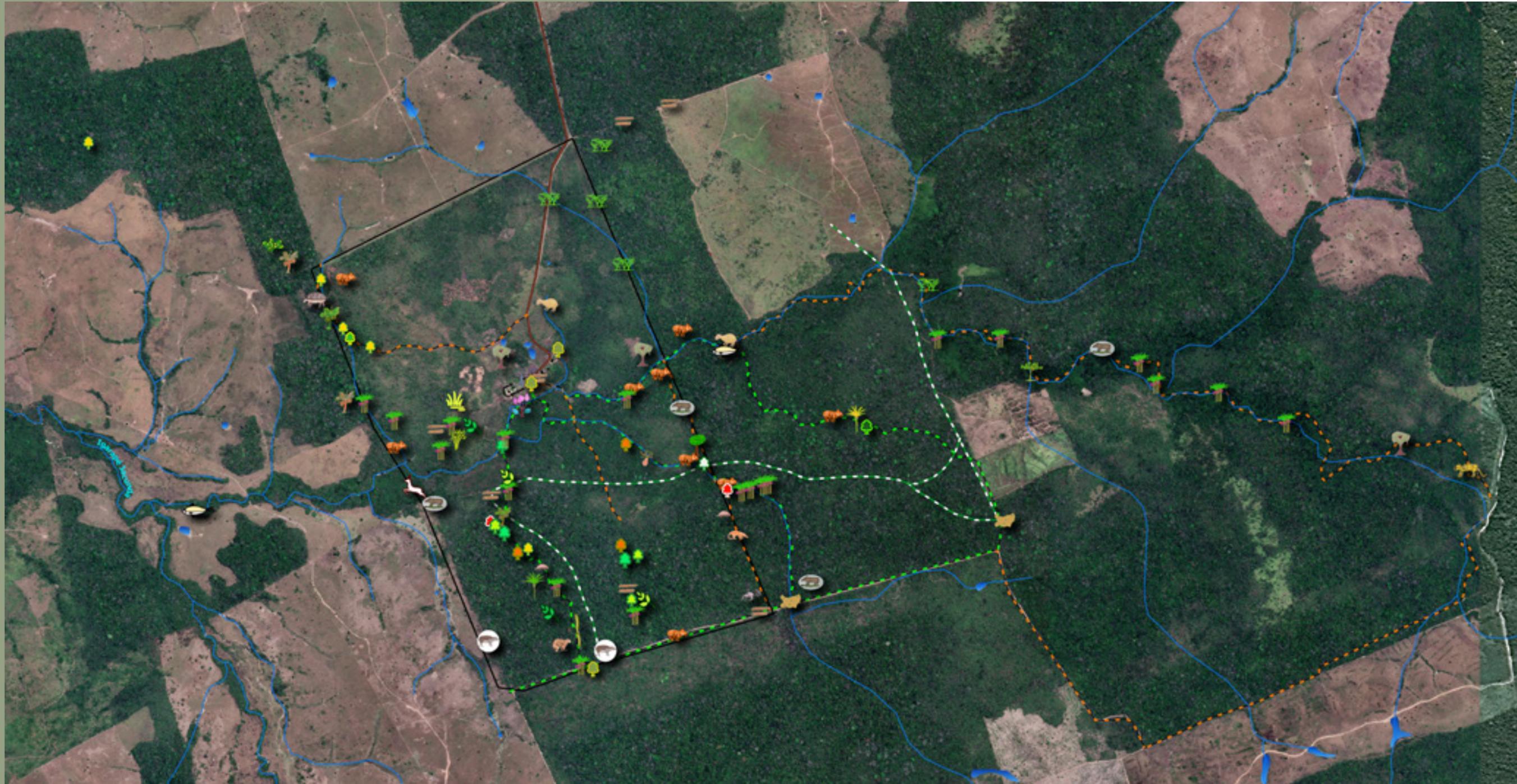
Olhando o que acontece em volta, nas terras dos fazendeiros, ficamos preocupados e pensando no que fazer para salvar os animais. A cada ano que passa, eles vão tirando mais a mata e vai ficando só a nossa e, com isso, os animais vão embora ou, então, vêm mais para cá. Nós queremos que os bichinhos venham e fiquem por aqui mesmo, mas sabemos que nossa área é muito pequena para o costume de alguns animais.

Durante a construção do PGTA, conversamos bastante sobre a caça e percebemos que, algumas vezes, nós mesmos já cometemos algum erro com Nhanderu **rymba**, os bichinhos que Nhanderu Ete deixou nesta terra. Não queremos que isso aconteça

mais, mesmo sabendo que não somos os culpados pelo risco de extinção de animais silvestres. Quem vem aqui, vê que o ritmo da vida na aldeia guarani é mesmo junto com a natureza. No período do inverno, que é quando a maioria dos bichos já está namorando, dando cria e alimentando os filhotinhos, vamos muito pouco na mata. Chove demais e os caminhos e lugares onde caçamos ficam cheios d'água. Assim, é muito difícil acontecer de matar alguma fêmea prenha ou com filhotinho. Essa é uma forte preocupação da comunidade e estamos procurando pesquisar para entender melhor o que acontece com cada espécie de animal: qual é o período que as fêmeas ficam buchudas; quando é que elas costumam parir; qual é o tempo em que os filhotes começam a desmamar...



KA'AGUY RUPI pela mata



*a legenda completa deste mapa encontra-se na página seguinte

-  Moradias e Construções
-  Açude
-  Limite Terra Indígena
-  Acesso Principal
-  Rios e Igarapés
-  Caminhos pela Mata
-  Trilhas de Caça
-  Caminho do Porcão

Fonte:
Imagem Google Satélite (2020)
Base Cartográfica DSG; 1:100.000



 Açaizal	 Cupuaçu	 Mangueira	 Quati
 Anta	 Espera de Caça	 Mutamba	 Sapé
 Bacaba	 Faveira	 Najá	 Sapucaia
 Barreiro/Lameiro	 Genipapo	 Onça	 Tabóca
 Caça	 Goiabal	 Paca	 Tamanduá
 Cacau	 Guariró	 Patizal	 Taquara flecha
 Cajá	 Jabuti	 Paxiuba	 Tatu
 Castanheira	 Jatobá	 Pesca	 Taturubá
 Cipó-titica	 Madeira	 Poã	 Timbó
 Copaíba	 Malfim	 Porcão	 Urucum
 Cotia	 Mamuí		 Veado



Queremos dar o exemplo também sobre a questão da caça, mesmo que seja doído falar sobre isso. Porque o Guarani não é como o caçador profissional, que mata todo animal que encontra e depois vende na cidade. Não fomos nós que trocamos toda a floresta por pasto para o gado, por lavoura, ou para construir cidades. Não fizemos represas, barragens e hidrelétricas. Não tiramos o lugar de viver e o alimento dos bichinhos. Pelo contrário, nós alimentamos os bichos da mata com nossas frutas e nossas roças. Mas é assim, é com amor que estamos pensando o que fazer pra tentar que os bichos fiquem mais aqui mesmo, dentro da Terra Indígena.

Nossa vontade é deixar os animais mais próximos e protegê-los de alguma forma. Mas a questão é que os bichos nunca vão ficar só aqui dentro da área. No mapa, por exemplo, aparece muito bem um “lameiro” onde o porcão e a anta vão, mas ele está bem fora da Terra Indígena. Por isso precisamos que nossos vizinhos tenham a consciência de que é importante manter as áreas de mata que restaram, para que os animais possam viver livremente.

Nós, **nhande va'e**, quando caminhamos na mata, usamos principalmente os olhos e os ouvidos. Então, a gente anda em silêncio, para escutar o que está acontecendo lá longe, pra ouvir algum bichinho e respeitar a natureza, porque ela própria não gosta de barulhos estranhos. E olhamos sempre para o chão para ver onde é que vamos pisar, não damos os passos à toa. Porque nós temos essa ligação com o mato. Prestamos atenção por onde a gente anda, para não espantar os bichinhos. Assim, seguimos esse nosso conhecimento para que a natureza também respeite nossas pessoas. É muito importante, ao voltar para a aldeia, ter os mesmos cuidados de quando saímos para ir na mata. E, mais ainda, se quisermos trazer alguma carne para compartilhar.

Um conhecimento muito importante que estamos dando continuidade, graças aos mais velhos, é sobre as armadilhas de caça. Durante o curso de formação do PGTA, o **xeramõi** que veio da aldeia Tenonde Porã (SP) ensinou a fazer um tipo de laço, que chamamos **nhu'ã**. Mas existem ainda outras armadilhas tradicionais, como o **monde** e o **mondepi**. Queremos que os mais jovens aprendam a fazer e pratiquem. O **mondepi** até mesmo as crianças podem fazer para pegar algumas aves que chegam perto das casas, embaixo dos pés de fruta. Então, voltamos ao ponto principal, porque é mesmo essa a ideia que vai beneficiar os animais da floresta e nos ajudar a conseguir alguma caça mais perto de casa: plantar muita fruta no **tekoa**.



Casco do jabuti, animal bastante comum em nossa Terra Indígena e cujo casco é uma das inspirações de nossas pinturas corporais feitas com a tinta extraída do jenipapo, além de ser utilizado para ensinar matemática e pintura para as crianças da aldeia, onde o grafismo está muito presente.

(Ao lado: armadilhas de caça utilizadas por nós como **mondé** e **mondepy**, além do **nhu'ã**, a armadilha de laço que reaprendemos a fazer com o **xeramõi** Karai Miri, como os nossos antigos faziam).



temas e ações propostas

Desmatamento, caça predatória e diminuição dos animais silvestres na região.

Reflorestar as áreas abertas que existem no tekoa e plantar muita diversidade de árvores frutíferas para atrair os animais para dentro da Terra Indígena.

Continuar preparando roças com variedade de plantas que também alimentam os animais da floresta - o que já é uma ceva para a caça também.

Respeitar o tempo em que as fêmeas estão buchudas ou com filhote pequeno, e não caçar nesse período. Pesquisar e registrar o tempo certo de reprodução das espécies (para aquelas que tem esse tempo definido, nem todas tem).

Buscar apoio para criar medidas de proteção territorial para interditar a entrada de caçadores jurua na Terra Indígena e a caça predatória nas matas do entorno (ver seção "Demarcação e proteção da terra" mais adiante).

Pesquisar e estudar as possibilidades para atração e aumento da população de animais silvestres, como anta, veado, porcão e jabuti, no bosque próximo do açude (ver área nº 4 no mapa Etnozoneamento - ações e planos de futuro, p.144).

Plantar mais árvores frutíferas e cuidar das que já existem no bosque para os animais da floresta se alimentarem e se reproduzirem.

Ao lado: Ritual de caça com a fumaça do **petyngua**, dentro da **Opy**.





Ao lado: Coleta de frutos da bacaba, palmeira comum na região amazônica e de cujos frutos se extrai uma polpa muito nutritiva e apreciada pela comunidade.

conhecimento Guarani na floresta amazônica

Na mata da Terra Indígena Nova Jacundá (Tekoa Pyau) e no seu entorno, nós conhecemos cada pé de planta onde os animais vão se alimentar. Na época em que uma fruta ou uma flor que os bichos comem ficam maduras, já sabemos em quais árvores a gente vai ficar de espera para pegar a caça debaixo.

Temos as palmeiras, como, por exemplo, o najá-cabeçudo, do qual se tira o cacho maduro que é uma ceva excelente para atrair a paca em qualquer lugar que deixar. As árvores, **yvyra**, que tem no Tekoa Pyau, que atraem os animais, são muitas: gameleira, que o porcão a anta e o veado vão comer; sapucaia, jiboião e castanha, cujas flores atraem a paca; a goiabeira nas capoeiras que, quando tem fruta, a anta vai comer debaixo; o cajazeiro que, na época de dar fruta, a anta chega até mesmo a dormir embaixo; o matá-matá, que também chama a paca que é uma beleza e várias outras espécies: ata-do-mato, massaranduba, mamuí, maria-preta, estopeira, toarí, mutamba, cajú, cajú-de-janeiro, melancieira...

Achamos necessário registrar esse conhecimento. Reunidos na **Opy'i**, conversando para elaborar este livro, nos demos conta do quanto que sabemos sobre as plantas e a importância delas para nós e para os animais. Também percebemos o quanto esse conhecimento está ameaçado, porque a própria floresta está ameaçada. Então vamos falar mais sobre algumas árvores, palmeiras e a situação delas na Terra Indígena e no entorno.





castanheira

Junto com o açaí, talvez a castanheira seja a planta mais famosa das nossas matas e até dispensaria apresentação. Parece que o mundo todo já conhece a castanha-do-pará. O problema é que, nessa região do Pará onde fica o Tekoa Pyau, os **jurua kuery** parece que só dão muito valor a ela pela sua madeira, então, sobraram muito poucos pés de castanha em nossa área. Quando chegamos aqui em 1996, só havia, precisamente, quatro pés no interior da Terra Indígena, todos afastados entre si. Um deles, próximo ao igarapé, começou a dar frutos faz pouco tempo. Esse fruto a gente chama de ouriço e dentro dele tem um bocado de castanha. Contamos sete ouriços na primeira vez que esse pé deu. Queremos muito aprender a fazer a muda para ter mais castanha. Alguns povos indígenas que têm castanheiras nas suas Terras ganham uma boa renda com o que eles conseguem coletar. Mas, pensando só no nosso uso mesmo, já seria bom demais ter mais pés aqui e poder preparar um jabuti no leite da castanha... Mas não é só isso, a castanheira também é remédio para nós e ela é alimento também para muitos animais.

sapucaia

A maior árvore que existe no Tekoa Pyau é a sapucaia. Mas como aconteceu com a castanheira, só alguns pés sobraram dos arrastões feitos pelos **jurua kuery**. Eles derubam essas árvores gigantes para fazer mourões de cerca para o gado, e isso, para nós Guarani, não tem sentido. Nossos animais vivem livres na floresta e é dessas árvores que eles obtêm seu alimento. Da sapucaia, vários bichos comem as flores e os frutos. Ela dá flores grandes e carnosas, e assim como a arara come lá em cima, a paca se alimenta das flores que caem no chão. O fruto é um ouriço também, parecido com o da castanheira, que papagaios e macacos comem muito. Assim, os dois pés grandes que temos na área também são bons lugares de espera para a caça.

gameleira

A gameleira é uma árvore grande e bem comum nas nossas matas. Ela é muito importante, principalmente para atrair a caça. Os animais comem muito os seus frutos. Os homens que gostam de caçar, nessa época, amontoam as frutas embaixo do pé dela e ficam na espera para matar anta, veado...

Essa árvore também é uma planta medicinal para nós. O leite dela é bom para coceira braba (impinge). Para tirar o leite, basta fazer um corte no tronco. Ele é aplicado diretamente sobre o ferimento. Arde muito, mas faz a ferida secar.

mamuí jarakaxi'a

O mamuí é uma árvore de bom porte e tem bastante nas capoeiras e matas da nossa área. Ela dá um mamãozinho do mato, mamó'i. O fruto é pequeno, se comparar com o mamão plantado, por isso se chama mamó'i. Mas ele dá muita fruta quando chega a época, que é mais para o final do nosso inverno, pelo mês de abril. Cai muito no chão da mata e todos os bichos gostam: veado, paca, jabuti... O jabuti aprecia demais, tanto que nessa época ele engorda bastante. Então, nós aproveitamos - o jabuti, e a fruta do mamuí. Fica uma lembrança de muito carinho para as crianças quando um pai traz esse **jarakaxi'a** da mata e, então, ficam esperando ele esquentar no fogo pra tirar o leite, e só depois se pode comer.



Folhagem e tronco do **mamo'i**.
O fruto é bastante apreciado por nós, e também por alguns animais.



bacaba

O fruto da bacaba é um alimento muito nutritivo. Sua polpa é retirada da mesma forma que a do açai, mas ela é mais gordurosa e, se alguém tomar grande quantidade, pode até passar mal. A época dela dar os frutos regula com a do açai, mas, em geral, o cacho fica maduro um pouco depois.

Existem diferentes qualidades de bacaba: tem bacaba de leite, que é branca; a bacaba abacate, que é da cor do abacate; e a bacaba roxa. Para soltar a polpa do coquinho, é preciso deixar de molho na água quente durante um tempo, igual o açai. Mas a máquina despulpadeira não serve para tirar a polpa da bacaba. É preciso pisar ela no sistema tradicional.

A palha também pode ser útil. Por exemplo, do olho da palha dá para fazer vassoura.

A bacaba cresce de maneira mais dispersa na mata, e podemos dizer que tem bastante pé de bacaba dentro da área, o suficiente para o consumo da comunidade. Mas queremos aumentar a disponibilidade dela, para nós e para os animais comerem à vontade.



Coleta e detalhe do fruto da bacaba, palmeira que se encontra na Terra Indígena e que além de alimento, nos fornece palha para fazer artefatos, por exemplo.

cumaru

O cumaru é uma árvore de grande porte e seus frutos são remédio para nós. Aqui na região, ele dá depois das chuvas, já no mês de junho, geralmente. Esse fruto é como um coco, com uma casca dura, e um tipo de amêndoa com bastante óleo dentro. Então, tem que quebrar o fruto para tirar a semente, que é o remédio: tira a semente, torra e faz o chá, que é muito bom para febre de gripe ou inflamação.

taturubá

O taturubá é uma das frutas nativas que mais apreciamos. Ela é amarela e tem uma massa bem docinha. Só é necessário tomar cuidado porque, se comer muito, faz mal. Infelizmente, só identificamos um pé dentro da nossa Terra. Tem bastante na mata lá para o lado de um fazendeiro vizinho, e esperamos que continuem preservados. Queremos demonstrar a importância de toda a mata da região para nosso povo e assim, de alguma forma, conscientizar os vizinhos da importância de manterem essas áreas. Com isso, também queremos trazer as plantas mais para perto, e o taturubá é uma das espécies que queremos plantar na nossa aldeia.

cedro yari

Yary é uma árvore sagrada para o povo Guarani. Nhanderu Ete deixou ela por toda a mata, **ka'aguy rupa**, desde o Paraguai até aqui na Amazônia. Na nossa caminhada, de todos os lugares onde passamos e vivemos, trazemos o respeito espiritual por essa planta. Quando nossas famílias moravam embaixo do linhão de energia elétrica que passa pela Terra Indígena Mãe Maria, nos alegrava muito a presença do cedro no lugar. É uma pena que, por ser a madeira muito resistente, o cedro também ficou muito caro no sistema do **jurua** e aqui nessa região do Tekoa Pyau os madeireiros cortaram tudo para vender. Encontramos apenas um pé na nossa área.

cupuaçu (ou cupu)

O cupu é uma das frutas nativas da mata que mais plantamos no **tekoa** - e planejamos continuar fazendo isso. É um fruto grande, muito perfumado, que cai na época das chuvas, de janeiro a março. Ele é consumido por diferentes animais, como cotia, jabuti e macacos.

Essa fruta pode gerar renda também, assim como o açaí. Mas para extrair a polpa do cupu, não temos máquina. Precisamos tirar a polpa manualmente, utilizando uma tesoura para soltar a massinha do caroço. Para nosso consumo próprio, do jeito tradicional, também usamos os galhos de uma planta chamada pé-de-galinha, que são naturalmente perfeitos para bater cupu.



jenipapo

Uma coisa muito especial para nossa comunidade é a pintura corporal, e a tinta natural que usamos quem nos dá é o jenipapo. Sempre nos pintamos durante a festa cultural, para as apresentações do coral, e em outros momentos e comemorações. A pintura com o jenipapo é também um carinho nosso que oferecemos a alguns visitantes, um jeito da pessoa levar, na pele, a recordação da gente.

É preciso ralar o jenipapo ainda verde pra fazer a tinta. Depois de pintar, ela vai ficando bem preta na pele e, depois de umas horas, a pessoa pode banhar à vontade que ainda leva um bocadinho de dias para a pintura sair.

Para deixar a pintura mais bonita, temos uma técnica de misturar ao jenipapo o carvão feito com a casca de uma outra planta, o malfim. Esse carvão ajuda a secar a tinta e também facilita para a pessoa que está pintando o corpo da outra enxergar melhor os traços que está desenhando. Com o jenipapo puro, a cor preta só aparece depois de um tempo.

Quando formamos o Tekoa Pyau já tinha alguns pés de jenipapo na área, e assim fomos desenvolvendo essa arte. Ainda tem bastante muda crescendo, então, nessa parte, está garantido que vamos poder manter a tradição.

A fruta do jenipapo amadurece no verão, que aqui é no mês de junho. Com ela madura já não dá para fazer a pintura, mas dá um suco que, com leite de coco, é muito bom. Muitos animais, como o jabuti e o queixada, comem quando ela cai no chão, e várias espécies de macaco, como o cuxiú, e tudo o que é tipo de passarinho, também gostam muito. É uma planta muito importante para nós.



jiboião

Nós não exploramos madeira da nossa Terra Indígena para vender. Apenas utilizamos algumas espécies para nossas construções. Uma delas é o jiboião, que nossos visitantes guarani do sul disseram ser parecida com o **nhandyta**, madeira resistente que se pode lascar facilmente, sem quebrar. Por isso, do jiboião retiramos as ripas para construção da casa e para fazer cercados. Serve também para fazer cocares e peneiras.

A flor do jiboião é boa para se ficar na espera, quando é tempo de caçar. A paca gosta muito de comer essa flor, e aparece.

melancieira

Outra árvore boa para a espera da caça é a melancieira. Na Terra Indígena Nova Jacundá tem bastante e algumas delas são de grande porte. Ela dá frutos que são consumidos por pássaros, macacos e diversos animais.

ata e graviola

Uma fruta boa de encontrar na mata quando a fome já está apertando é a ata. Ela é muito parecida com a graviola, mas tem uma polpa amarela, enquanto a graviola tem a polpa branca. Muitos animais, como o jabuti e a anta, também apreciam essas frutas.

Tayne Arai com graviola.



Não são só as árvores que conhecemos. É importante falar também dos cipós que existem na floresta da Terra Indígena Nova Jacundá. Temos, por exemplo, o cipó-titica (Ximbope) e o Cipó-timbó (Ximbo pira juka'a). Do primeiro, se utiliza a fibra para fazer vassoura e cestos. Já o timbó, é usado para matar peixe no igarapé. A gente bate o timbó e põe dentro da água: os peixes rapidamente ficam tontos e começam a boiar, aí é só pegar com a mão mesmo e botar em um cesto.

E se estamos falando de plantas na Amazônia, as palmeiras são praticamente um capítulo à parte, tamanha é sua beleza, sua importância e presença nas nossas florestas. Elas vão dar alimento, abrigo, e material para fazermos tudo o que se possa imaginar. Num **tekoa** onde tiverem palmeiras, também é certo que os animais vão chegar, porque não há um fruto de palmeira que não seja aproveitado pelos bichinhos. Existem diversas espécies nas florestas da nossa região. Fazemos o manejo das palmeiras na nossa Terra, mas também utilizamos muitas plantas que estão no entorno do Tekoa Pyau. Nosso plano é continuar tendo um acesso seguro às áreas de mata que estão fora da Terra Indígena e, ao mesmo tempo, plantar para aumentar a quantidade e diversidade das palmeiras dentro da nossa Terra.

Diversas espécies de cipós e embiras existentes em nossas matas são utilizadas em nosso dia-a-dia para confeccionar cestos, vassouras, cordas e para pescar.



açaí

Um trabalho que todos os anos fazemos na aldeia, sem falta, é a colheita do açaí. A época principal da fruta é, mais ou menos, entre o final de outubro e dezembro, mas alguns pés seguram o cacho por mais tempo, e, no começo de fevereiro, eles chegam a ficar da cor cinza, de tão maduros.

O açaí é uma palmeira que é de dentro da mata mesmo, e o açaizal sempre se forma ao longo do igarapé, acompanhando as grotas, nas partes mais úmidas da floresta. Dentro da nossa área existem alguns açaizais assim, mas os bons açaizais para colheita dos frutos não estão na nossa Terra. O mesmo acontece com outras espécies frutíferas e que também fornecem material para os artesanatos e as construções. E ainda é o caso de muitas plantas medicinais que precisamos. Isso nos preocupa porque não sabemos quanto tempo vai durar, se a floresta vai continuar viva ou vai virar pasto, se as próximas gerações vão poder caminhar livres nas matas vizinhas. Na verdade, a mata é uma só, não é? Mas precisamos nos planejar para dialogar com o **jurua reko** (sistema do homem branco) e garantir que nossos filhos e netos possam viver melhor no território.

Os primeiros frutos do ano dão nesses açaizais localizados fora dos limites da Terra Indígena, e só depois dão na nossa área.

Usamos o açaí de várias formas, especialmente para alimentação e para fazer artesanatos. A comunidade extrai e se alimenta da polpa, e às vezes do palmito. A polpa

extraída é principalmente para uso da comunidade, mas quando tem bastante tentamos vender, só que dependemos de conseguir transporte logo, pois o açaí precisa ser consumido rápido. Agora temos uma máquina despoldadeira. Quando ela quebra, utilizamos água quente e um peso para socar a semente, extraindo a polpa manualmente.

Não somos os únicos que nos alimentamos do açaí. Há muitos animais que gostam do seu fruto, como o jacu (**javy ete**), a arara (**gua'a**), o papagaio (**parakáu**) e o tucano (**tukã**), sem falar no porcão e os outros bichos que comem no chão quando a fruta cai.

A semente é boa para fazer artesanato, mas é necessário ter uma máquina de polir antes de pintar, que a comunidade não possui. Também é possível fazer artesanato da “vassoura” do cacho, mas no Tekoa Pyau por enquanto ainda não fazemos.

Quando jogamos as sementes no mato, elas nascem com facilidade. Às vezes, depois de despoldar, deixamos as sementes de lado todas juntas, e desse jeito elas brotam “tudinho”, mas acabam secando. Pensamos que, com saquinhos, podemos fazer as mudas separadas. E também espalhar a semente no mato mesmo, nas nascentes, perto das grotas.





Colhendo açai no açazal em 2004 e colhendo açai no açazal em 2018.





babaçu

O babaçu é uma palmeira muito rica, dela nada se perde: tiramos o óleo, o leite, a palha, o coco, a madeira. Dela tiramos alimento e proteção, dela fazemos artesanato, fazemos carvão e até adubo.

No inverno, o babaçu dá o cacho, e o óleo precisa ser extraído no verão, porque antes o coco precisa secar. O óleo é caro no mercado.

Com a palha dele a gente cobre a casa tradicional, o tapiri e nossa **Opy'i**. A palha do babaçu é muito boa para fazer a cobertura, mas nós temos que trocar de quatro em quatro anos, mais ou menos. Para poder trocar, algumas vezes procuramos nas terras vizinhas. Na nossa área tem, mas não muito, e a maioria dos pés ainda está crescendo. Com cinco pés de coco grande, já dá para tirar um bocado de palha. Quando tem muitos pés juntos, para tirar a palha, podemos derrubar alguns que forem altos demais. É como o açai que, às vezes, a gente derruba alguns que são mais altos, exatamente para fazer o manejo e os mais baixos crescerem mais fortes.

Do talo da palha a gente faz parede e faz galinheiro quando não tem tela. Com o olho da palha fazemos artesanato: o **tatá peju'a** (abano) e a esteira. O coco do babaçu também é bom para fazer artesanato. Da castanha fazemos o leite. A palmeira dá o palmito, que é bem gostoso. Do bagaço do coco ainda dá pra fazer o doce, que é chamado de “quebra-queixo”.

Os bichos comem o coquinho, que é muito bom para os animais no mato. Macaco come... às vezes você passa debaixo de um pé de coco à noite e o porco-espinho [**kui'i**] tá lá: tem dois, três roendo coco.

Outros animais como a cutia e a paca comem a massa que fica entre a casca grossa e o casco do fruto. Essa massa também é remédio e vitamina. É bom para a pessoa que tem problema de diabete, para baixar o açúcar no sangue, regular a glicose. Dizem que é boa para fazer multimistura para a criança que está desnutrida, cheia de verme na barriga.

Dentro do tronco da palmeira, um bichinho, o **yxó** [gongo], se reproduz. Um tipo mais pequeno desse bichinho fica dentro do coco (**py'xõ**). Para comer, é só tirar a

cabecinha dele e mandar brasa! É docinho! Depois que a gente tira **yxó**, o caule vai secando, e com o tempo ele vira adubo para colocar no canteiro, na horta. Aí a plantação fica bonita e tudo é aproveitado.

O babaçu é rico, mas é preciso ter cuidado pois ele é morada de animais perigosos, como cobra, caranguejeira e marimbondo. Muitas vezes tem cobra, como a jararaca, que fica dormindo ali entre as palhas.

O babaçu é uma palmeira tão importante, mas não temos em quantidade suficiente na terra. Demora uns 10 anos para crescer e ficar bom para aproveitar sua palha e seu coco. Tempos atrás, a gente tinha que buscar um babaçu acolá, e tinha que cortar outro aqui, aí cortava outro por ali, e dava aquele trabalho todo para fazer apenas duas casas. Aí, a gente pedia apoio para a Funai para ir de carro tirar palha nas fazendas. Em muitas fazendas a gente encontra o babaçu de alqueire, um coco perto do outro, aí pra cortar é rapidinho. Beirando a estrada que chega na aldeia, a gente vê crescendo um bocado. Mas onde tem muito babaçu não é muito bom para fazer roça. E para o fazendeiro, o babaçu não presta. Para eles, o babaçu é praga porque estraga o capim.

■ **“Rapaz, a gente nunca pensou que o babaçu tinha tanta utilidade, não é? A gente bem sabe porque usa muito, mas nunca parou para pensar nisso”.**

Ailton Turé, TI Nova Jacundá, 2018. ■



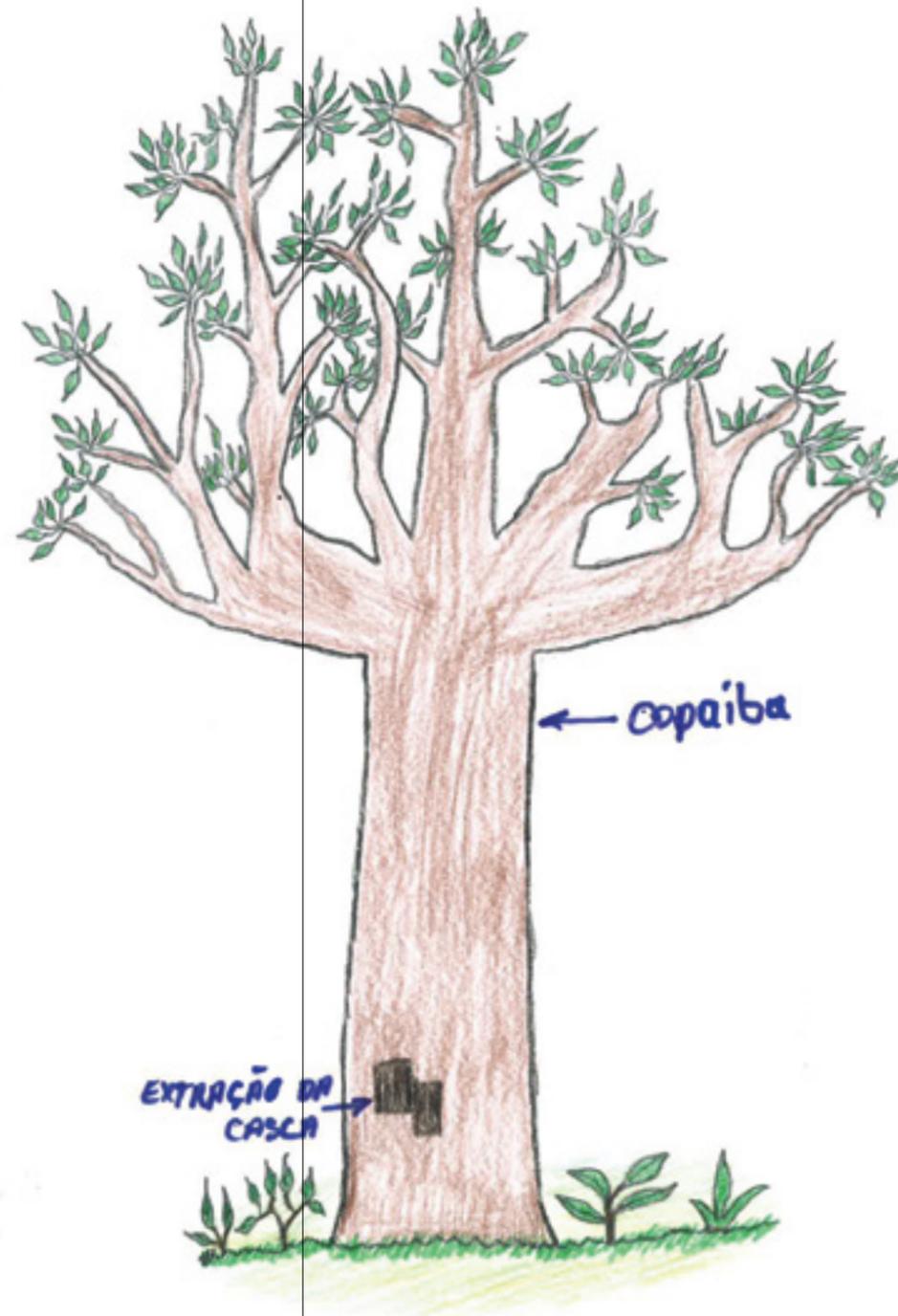
Tirando a palha do babaçu e trançado para fazer cobertura de casas.

(Ao lado: **opy** com telhado de palha de babaçu, 2019).





O óleo de copaíba é um remédio que **Nhanderu Ete** deixou na terra, que usamos para tratar diversos problemas de saúde.



copaíba

A copaíba é uma árvore muito especial por causa do óleo que tem dentro dela. Esse óleo é cicatrizante, bom para passar em feridas e queimaduras. Para fazer xarope, a gente mistura com mel. É um remédio natural muito bom para tosse, pneumonia e qualquer inflamação: para inflamação na garganta algumas pessoas colocam copaíba no café. Também serve para curar infecção urinária.

A casca da árvore é boa para colocar na água e ir tomando. Ou colocar dentro do mel. E até na mata, se alguém, por exemplo, sair para caçar e se sentir mal, se achar a copaíba, tirar a casca e cheirar, ele fica bom.

Dentro da nossa Terra temos apenas duas árvores de copaíba. São árvores de grande porte. De um destes pés nem conseguimos extrair o óleo porque é necessário perfurar o tronco até o meio, e não o alcançamos com ferramentas simples.

Na verdade, o óleo da copaíba tem todo um segredo para se poder tirar. É um **poã guaxu**, um remédio que Nhanderu Ete deixou na terra.



najá

O najá (ou inajá) é uma palmeira que se parece um pouco com o babaçu, só que, ao contrário do babaçu, temos muitas delas na nossa Terra. Sua palha também serve para fazer cobertura de casa e do tapiri. Só que é mais trabalhoso fazer o telhado com a palha do najá, e um pouco difícil encontrar folhas boas. O **xeramõi** Zé Pereira, por exemplo, é um dos antigos que tem esse conhecimento. É assim mesmo para o povo Guarani: a sabedoria dos antigos nos dá abrigo.

O coco do najá também é muito bom pra comer. A gente cozinha e fica muito gostoso.

Outra coisa muito importante é que a fruta, quando cai no chão, atrai muitos animais: paca, porcão, catitu, quati, tatu...

najá-cabeçudo

Tem dois pés de coco no Tekoa Pyau que alguns chamam de pirinã ou najá-cabeçudo. Ele parece o najá, só que o coco dele é maior (e menor que o babaçu). O najá-cabeçudo é muito bom para fazer ceva: a gente pega o cacho dele e bota direto no mato, e os bichos vêm comer na hora. A paca, principalmente, gosta demais dessa fruta. É uma planta que cresce até nesses pastos dos fazendeiros, mas dentro da nossa área tem só esses dois pés, por enquanto.



macaúba mbokaja

A macaúba é uma planta que foi uma fonte de alimentação muito valiosa nos vários lugares onde vivemos ao longo da nossa caminhada. Do coco, que tem formato de coração, tiramos a polpa e cozinhamos. Queremos obter mudas e sementes para plantar dentro da Terra Indígena porque aqui na região até existem alguns pés na beira da estrada, mas não tem nenhum dentro da nossa área.

guariró – patí

O guariró é a nossa principal fonte de palmito. De sabor amargo, fica muito bom numa galinhada. É uma palmeira que nasce e vive na sombra, em alguns lugares da mata do Tekoa Pyau, mas seria importante fazer algum tipo de manejo para aumentar a quantidade dela. A sua madeira é avermelhada e boa para fazer arco e lança. Usamos também a semente e a fruta dela para criar artesanatos e enfeites: colares, brincos e anéis.

paxiba

A paxiba (ou paxiúba) é uma palmeira muito bonita que tem as raízes aéreas, igual a embaúba, só que é maior. Estas raízes são cobertas de espinhos, e servem para ralar macaxeira, coquinho e castanha, para tirar seu leite. A madeira dela é preta e boa para fazer arco e ponta de flecha. Os passarinhos gostam de comer as sementes da paxiba, mas “caça de chão” não come. Existiam alguns pés de paxiba dentro da área, mas está cada vez mais difícil de encontrar.

ubim – guarikanga

É uma palmeira baixinha que fica no andar de baixo da mata. Essa palha do ubim é excelente para fazer cobertura de casa, mas é uma técnica que, aqui, poucos sabem. Essa palmeira dá também no Sul e Sudeste, e os Guarani que vivem nessas regiões conhecem muito bem a planta e, quando precisam, usam as folhas para cobrir as casas.

tucum, marajá e mumbaque

São palmeiras com espinhos, muito parecidas e comuns na floresta. Tem muitos pés na Terra Indígena, grandes e pequenos. Servem pra fazer alguns artesanatos: arco, ponta de flecha, anel e brinquinho.



“Os remédios das farmácias do jurua são amargos, a gente toma, toma..., e nem fica bom!”

Maria Divina, TI Nova Jacundá, 2019.

remédios do mato

Uma grande fortaleza da nossa vida é o conhecimento da medicina das plantas. Nós chamamos de **poã** (remédio) a essa parte linda da natureza: árvores, ervas, cipós que estão ali, vivendo tranquilas na floresta, nas capoeiras, mas que têm guardado, dentro delas, até o poder de salvar uma vida. É uma sabedoria que parece infinita, guardada com **xejaryi** e **xeramõi kuery** - nossas mais velhas e mais velhos - que são nossas bibliotecas, nossa internet.

Mas agora, infelizmente, é a própria floresta que parece estar chegando ao fim. Em muitos lugares já vimos isso acontecer, e está acontecendo aqui, nas fazendas da região do Tekoa Pyau. Os desmatamentos e as queimadas destruíram muitas plantas medicinais, por isso, temos muita preocupação sobre o futuro do **poã**.

Antes nós tínhamos como cuidar das crianças, dos doentes, porque existia **yary** na mata. Esse cedro, que é como **jurua kuery** chama o **yary**, é um remédio muito bom para banhar criança e adulto quando não dorme direito, quando sentem tontura. É bom para a alma. Mas agora, no Tekoa Pyau praticamente não tem.

O jatobá verdadeiro também serve para fazer remédio. A casca dele é boa pra preparar banhos, limpar a pele, fazer garrafada, pra mulher tomar depois que tem nenê... Sem falar que a fruta dele é muito gostosa de comer e, além disso, o caroço dele serve pra fazer **mbo'y** (colar). Sobraram umas três árvores bem grandes na mata da nossa Terra Indígena, que por algum motivo escaparam dos madeireiros que andavam por aqui antes da gente chegar. Mas não temos mais perto de casa aquele jatobá,

É verdade que alguns remédios do mato, necessários para nosso povo, não encontramos mais. Pelo menos, não com facilidade. Só que a mata é tão rica e existem tantas espécies de plantas medicinais aqui na região! É até meio engraçado de pensar, porque, às vezes, temos o conhecimento mas não temos as plantas; e, às vezes, uma planta que é remédio está na nossa frente, mas não temos o conhecimento sobre ela.

Durante o curso de formação do PGTA, o **xeramõi** Pedro Vicente que veio de São Paulo nos ensinou um bocado sobre os remédios. Ele falou de um remédio que nós víamos no mato só como um tipo de pata-de-vaca e não sabíamos que podia ser utilizado. Mas ele falou que o remédio que se faz com essa planta serve para baixar a pressão alta. É o **toro ka'a**, na nossa língua. A gente viu e deu valor pra existência de remédios na mata, que a gente pode fazer e que dão certo. Até mesmo o capim duro, sapé, é **poã**. Quando encontramos o sapé na caminhada, o **xeramõi** falou que esse é um remédio que serve para as criancinhas, quando estão saindo os primeiros dentes. A criança chora muito quando está saindo o dente, porque dói. Aí, se der o chá do capim duro para a criança, daí em diante ela já não vai mais sentir essa dor. **Mitã'i**, nenê, não sofre mais. Tudo isso é um aprendizado sobre as plantas. Continuamos sempre aprendendo, com os mais velhos, o que não sabíamos.

Precisamos fortalecer a sabedoria sobre as plantas medicinais. Tudo o que conhecemos, aprendemos com as **xejaryi** e os **xeramõi** que também aprenderam com os mais velhos, durante muitas gerações. Atualmente, ainda temos o conhecimento de fazer remédios tradicionais em nossa aldeia: Dona Aparecida e Dona Sebastiana são as que mais conhecem os remédios do mato, mas os jovens têm dificuldades de se

interessar e manter esse costume. Se nós formos deixando de fazer esses remédios dos antigos, podem pensar que não, mas eles se acabam. Por isso, se não cuidarmos, o conhecimento da medicina tradicional guarani, na Terra Indígena Nova Jacundá, pode se perder.

Para aumentar os ensinamentos dos jovens, precisamos ter mais intercâmbios e conversas com quem conhece bem essas plantas medicinais. Aqui mesmo, e nas outras aldeias guarani do sul, tem aqueles que sabem. Se trouxermos eles para cá, eles podem ajudar a identificar as plantas medicinais que existem aqui, recuperar outras plantas tradicionais, passar os conhecimentos sobre a natureza delas e ensinar a preparar e usar os remédios.

■ **“Os remédios, a gente não faz para guardar e consumir um tempo depois. Pra eles fazerem efeito contra as doenças, a gente tem que fazer o preparo na hora de consumir. Por isso, as plantas medicinais precisam estar perto de nós. Isso é muito importante, porque o remédio da farmácia, quando a gente toma, surgem outras doenças novas. E aí temos que ficar consumindo remédio todos os dias, o ano todo. Com a medicina guarani, quando você mata uma doença ela não se aproxima mais, e a gente vive dentro da proteção”.**

Jaime Vhera Valdir da Silva, 2018. Mbya Guarani que vive no Rio Grande do Sul, durante intercâmbio na TI Nova Jacundá. ■



enriquecimento da floresta

Uma coisa muito interessante que aconteceu quando sentamos todos juntos no nosso tapiri para discutir esse plano foi que conseguimos enxergar o Tekoa Pyau muito claramente como uma possibilidade e um exemplo de vida melhor. E quando falamos de viver melhor não estamos falando só da gente, Guarani Mbya, mas de toda a natureza: os animais, as plantas, o rio... Por isso queremos plantar muitas árvores, muitas palmeiras e frutas na nossa Terra Indígena. É importante servir de exemplo especialmente para nossos vizinhos, que a cada ano só têm plantado pasto. Além da nossa preocupação em não derrubar e em impedir que pegue fogo na mata, também queremos aumentar a quantidade e a diversidade das plantas nativas da floresta, aqui na nossa terra.

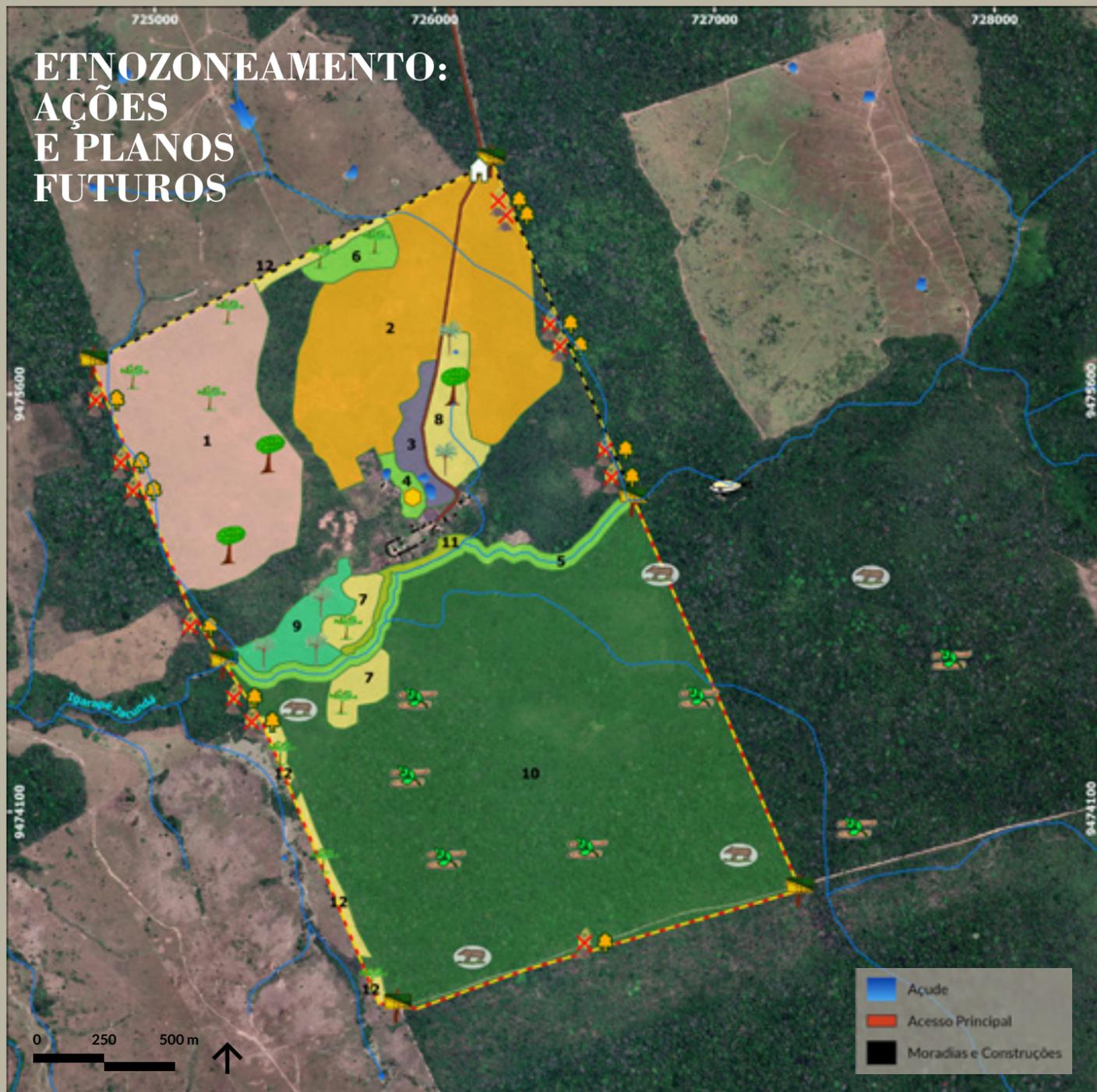
Na verdade, já plantamos muita coisa desde que formamos o **tekoa**. Ao redor das casas e no centro da nossa aldeia, os mais velhos, principalmente, plantaram muitas frutas e outras árvores: é murici, acerola, caju, açaí, graviola, goiaba e cupu; é laranja e limão (o comum e o tanja), urucum, banana, mamão e café; um pé de coité (ou cujuba) do ladinho da **Opy'i**; um pé de tamarindo, jaqueira e algumas madeiras, como mogno, ipê, teca e castanheira. Cultivamos também alguns pés do ingá-cipó que vão ser muito úteis para nossos planos de recuperar as áreas de capim, como aprendemos com nossos parentes guarani. Mas, o que mais tem, e que faz a alegria da criançada, é manga. Só de manga calculamos que os mais antigos plantaram dez variedades diferentes: tem a comum, a manga-de-cheiro ou manguita, a bacuri, a maçã; tem a maior de todas, que se chama manga-de-mesa ou manga-não-senhor, e mais umas cinco variedades que identificamos mas não sabemos (ou não convém) dizer o nome. Só a manga-rosa que não tem, e essa queremos plantar também.

Nosso plano agora é continuar plantando por toda a área. Colocamos no mapa **Etnozoneamento - ações e planos de futuro**, as nossas ideias de reflorestamento.

Já plantamos muitas frutas e outras árvores desde que formamos o Tekoa Pyau: só de manga, calculamos que os mais antigos plantaram dez variedades diferentes, e ainda plantaram murici,

acerola, caju, açaí, graviola, goiaba, cupu, laranja, limão e banana, entre outras. Mas ainda queremos aumentar a quantidade e a diversidade das plantas nativas da floresta e outras frutas aqui na nossa terra.

ETNOZONEAMENTO: AÇÕES E PLANOS FUTUROS



AÇÕES E PLANOS DE FUTURO

- - - Limpeza do pique dos limites
- Criação de abelha
- - - Manutenção dos limites
- 🏠 Fiscalização
- 🌳 Plantio de Agrofloresta para recuperação de antigas áreas de roça
- 🚧 Placas de indicação dos Limites da TI
- 🐾 Área de caça e refúgio de Fauna
- 🐟 Pesca
- 🌿 Área de coleta e extrativismo vegetal
- 🌴 Plantio de Açaí e outras Palmeiras
- 🌳🔧 Plantio de Ingá e Reflorestamento
- 🔧🌳 Plantio de mangueiras e Construção de aceiros nos limites das áreas de mata

USOS - ETNOZONEAMENTO - FUTURO

- 🟠 Reflorestamento/Agrofloresta
- 🟡 Restauração Ecológica
- 🟠 Roças futuro
- 🟢 Recuperação e Enriquecimento do Açaizal
- 🟣 Açudes
- 🟢 Preservação e Refúgio de fauna
- 🟢 Conservação e Enriquecimento florestal
- 🟡 Reflorestamento e Recuperação

Nº	Usos	Ações
1	Reflorestamento	Restauração e recuperação de área degradada em local de antigas roças
2	Roças futuro	Áreas para roças com preservação das nascentes e grotas
3	Açudes	Área para ampliação do Açude e criação e manejo de animais silvestres
4	Conservação e Enriquecimento florestal	Conservar a área reflorestada com espécies florestais e frutíferas. Criação de abelhas
5	Conservação e Enriquecimento florestal	Conservação das margens do igarapé Jacundá no trecho localizado no interior da Terra Indígena.
6	Conservação e Enriquecimento florestal	Conservar e ampliar a área florestada com espécies florestais e frutíferas.
7	Restauração Ecológica	Recuperação de antiga área de roça
8	Restauração Ecológica	Recuperação de antiga área de pastagem
9	Recuperação e Enriquecimento do Açaizal	Recuperação e enriquecimento florístico do açaizal (com açaí, buriti e outras espécies).
10	Preservação e Refúgio	Área florestal para preservação, coleta, caça e refúgio de fauna
11	Reflorestamento e Recuperação	Reflorestamento das margens do igarapé Jacundá nos trechos dregadados do interior da TI
12	Restauração Ecológica	Recuperação de áreas de pastagem

No mapa **Etnozoneamento: ações e planos futuros** podemos observar o que planejamos plantar em diferentes locais da Terra Indígena. As principais ações são:

recuperação florestal em área de antigas roças

Esse trabalho é prioritário e, para realizar, pensamos em procurar uma parceria que nos ajude a colocar nossas ideias em prática. Essa área nos preocupa bastante porque, no passado, já fizemos muita roça lá e parece que a terra enfraqueceu demais. É nesta parte do **tekoa** que a capoeira já não cresce por si mesma. Já se passaram muitos anos que a área está em pousio e continua nascendo um capim “brabo”, uma juquira baixinha e fechada. Nosso plano é recuperar essa terra e conseguir produzir cacau e cupu, e também outras frutas como o taturubá. Já temos uma dica para começar esse trabalho que é o plantio do **ingá**, porque ele cresce rápido e a copa dele faz sombra grande, e isso enfraquece o capim. Os Guarani que vieram para o curso de formação nos contaram que viram isso dar muito certo na terra dos Ashaninka, no Acre. O melhor de tudo é que já temos alguns pés de ingá plantados na aldeia, então, já podemos conseguir algumas sementes aqui mesmo, fazer mudinhas ou plantar direto em algumas linhas. A semente do ingá é tão viva que já começa a brotar dentro do fruto. (Essa ação corresponde ao número 1 do mapa).

abertura de novas áreas de roças com preservação de nascentes e grotas

Como já explicamos, quando falamos sobre os nossos roçados, decidimos reservar uma parte da Terra Indígena para fazer a plantação da mandioca, do milho, do feijão e também de nossas plantas tradicionais, nos próximos anos. Além do trabalho que sempre fazemos, pensamos em tentar, com alguma parceria, a plantação de adubação verde ou outros manejos de agroecologia que nos ajudassem a conservar a força da terra para plantarmos mais anos seguidos na mesma roça. Da mesma maneira, algo que possamos fazer antes de deixar a área descansar, para que a capoeira se recupere mais ligeiro. Nessa parte da aldeia também existem algumas nascentes e grotas que queremos recuperar e preservar. Para estes lugares onde verte e escorre água, nosso plano é plantar as palmeiras típicas, principalmente o buriti e o açai, que seguram a água. Também pensamos que a buritirana pode ser muito boa para isso. (Essa ação corresponde ao número 2 do mapa).

área para ampliação do açude

Juntamente com o plano de ampliar os açudes que já temos na aldeia, para a criação de peixes (ver seção **Pesca**, mais adiante), queremos recuperar as grotas plantando, ao redor delas, castanha, açai, buriti, acerola, gameleira, marmeleiro... Qualquer árvore que dê fruta ou flor que seja alimento para os peixes, vamos plantar na beira dos açudes. (Essa ação corresponde ao número 3 do mapa).

área para recuperação de açudes e nascente

Essa é uma área onde ainda tem um pouco de pasto, o antigo curral e alguns açudes que foram abertos para ter água para o gado. Queremos recuperar essa área pondo em prática todas as ideias que listamos aqui: reflorestar, plantar muitas frutíferas, ingá onde ainda tiver pasto, açai e buriti onde tiver água, e tudo o mais que for preciso. E, com a força da comunidade e de alguma parceria que se interesse em nos ajudar nesse trabalho, nós vamos conseguir. (Essa ação corresponde ao número 8 do mapa).



reflorestamento das margens do igarapé Jacundá no trecho localizado no interior da Terra Indígena

O trabalho que queremos fazer para cuidar do igarapé dentro da nossa Terra faz parte do plano que temos para conscientizar os fazendeiros, para que eles possam também ajudar a gente nesse sentido, para a água voltar a correr o ano inteiro, como era com o nosso rio Jacundá. Por isso queremos plantar as árvores ao redor das cabeceiras e também nas beiradas do igarapé, onde estiver desmatado. Dentro da Terra Indígena, são poucos os locais na beirada do rio que não tem mata, mas, mesmo assim, queremos mostrar nosso exemplo. (Essa ação corresponde ao número 11 do mapa).

recuperação e enriquecimento do açazal - com açai, buriti e outras frutas

Há alguns anos atrás, aconteceu uma tragédia: o fogo invadiu nossa área e queimou bastante o principal açazal que existia dentro da Terra Indígena. Mas não foram só os pés de açai. Na mesma área, queimou também a taquara flecheira, que é muito especial pra nós. Aos poucos, as plantas estão se recuperando, mas queremos fortalecer esse processo. Nossa principal ideia é semear o açai à lanço e, para isso, só precisamos colocar as sementes num saco, depois de despolpar, e levar até o local para espalhar. Mas o fogo abriu bastante espaço, assim, pensamos em aproveitar para enriquecer a área, principalmente com o buriti. Bacuri também é bom plantar nessa baixada, assim como o cedro, se conseguirmos alguma muda. (Essa ação corresponde ao número 9 do mapa).

conservar a área reflorestada com espécies nativas e frutíferas e iniciar a criação de abelhas

Já estamos trabalhando a área para fazer uma agrofloresta e nosso plano, então, é só dar continuidade. Plantamos mudas de cacau, cupu, açai e biribá. Além das mudas, semeamos bastante açai com as sementes que tiramos depois de despolpar. E também nesse lugar já existem, naturalmente, bons pés de açai, bacaba e najá. Para o futuro, pensamos que esse seria um bom espaço para criar alguns animais da floresta, quando tivermos muitas frutas que sirvam de alimento. Também pensamos em criar abelhas nativas, como as **jatei** e **eiraviju**, para a polinização e também para aproveitarmos um pouco do mel e da cera. (Essa ação corresponde ao número 4 do mapa).

■ **“A eiraviju lembra a abelha europa. Eu vi, pela primeira vez, quando nós morávamos em Castanhal, em uma fazenda. Lá tinha muito mel dessa abelha e meu pai dizia que era eiraviju. Ela é chamada pelo jurua de mandaçaia. Acho que ela é mais fácil de criar do que a jateí.**

Jateí também tinha por lá. Meu pai usava a cera da jateí yxy para acender vela em casa, à noite. Ele contava também que a cera dela podia ser usada no rosto da menina que menstruou pela primeira vez, para ela não ojepotá, mas eu não sei como preparar”.

Maria Regina, TI Nova Jacundá, 2019. ■

área florestal para preservação, coleta, caça e abrigo da fauna

A mata da nossa Terra, nós sempre preservamos, e o nosso plano é continuar fazendo isso. Quando viemos para nossa Terra, havia uma área antiga de pasto, mas, agora, já cresceu uma matinha nela. Pensamos que este é um lugar ideal para enriquecer com algumas espécies da floresta mesmo, e fortalecer ainda mais esse processo de recuperação.

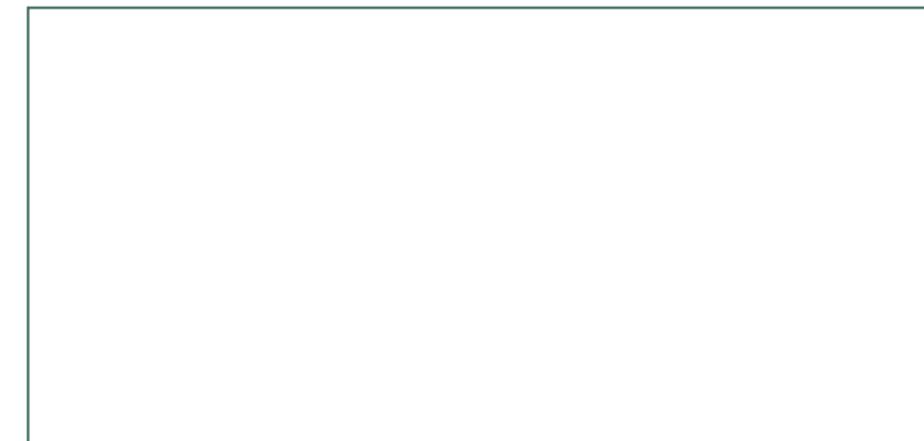
Nosso interesse é deixar para as próximas gerações grandes árvores, muita fruta e muito alimento. No final do livro, elaboramos uma lista com todas as espécies que queremos plantar no Tekoa Pyau. (Essa ação corresponde ao número 10 do mapa).



Plantio de mudas de cacau, cupu, açai e biribá doadas pelo Campus Rural Marabá do Instituto Federal de Educação do Pará, em área de capoeira e nas margens do açude da comunidade, em 2018.



temas e ações propostas



Conservação da mata, no entorno da Terra Indígena e região

Dialogar e tentar conscientizar os vizinhos que nas matas da região, mesmo fora da Terra Indígena, se encontram plantas vitais para todos nós que precisam ser conservadas para as futuras gerações.

Demandar às instituições de meio ambiente, medidas (educativas, de vigilância, de fiscalização etc.) para proteção da floresta, como, por exemplo, controle de fogo e preservação das matas ciliares.

Manejo de espécies florestais de uso da comunidade guarani

Procurar o Ibama e o Ministério Público Federal para que, nas medidas de compensação relacionadas a crimes ambientais ou empreendimentos que acontecem na região, seja realizada a doação e entrega de mudas de interesse da comunidade guarani, na Terra Indígena Nova Jacundá.

Buscar apoio para obtenção das mudas e sementes que planejamos plantar na aldeia, e também materiais para que a própria comunidade possa fazer as mudas (por exemplo, os saquinhos). Possíveis apoiadores: CPT, IFPA e projetos de assentamento da reforma agrária.

Solicitar o transporte das mudas e sementes que conseguirmos. Possíveis apoiadores: CIMI, Prefeitura e Governo do Estado.

Manejo de espécies florestais de uso da comunidade guarani

Organizar grupos da comunidade para coletar as sementes das plantas que manejamos nos arredores da Terra Indígena para fazer as mudas ou semear perto das casas, matas e capoeiras do tekoa.

Replantar as espécies que não existem mais na Terra Indígena Nova Jacundá, ou que existem em pouca quantidade. Por exemplo: buriti, cedro, castanha, taturubá, paxiba, taboca, taquari, jatobá, pequi, ipê, mogno, jarina, palha, entre outras (ver tabela nos anexos). Se for o caso de construirmos um viveiro de mudas na Terra Indígena com o apoio do jurua kuery, é importante que seja feito do nosso jeito.

Aproveitar e espalhar as mudas que nascem naturalmente debaixo de algumas árvores - como a manga, por exemplo.

Aproveitar e espalhar as sementes do açaí e da bacaba, depois de despolpar, diretamente no mato ou nas agroflorestas e ao redor das casas, na sombra. Não tem a necessidade de fazer mudas de todas as sementes que saem da despolpa porque é muita quantidade. Se semeamos à lanço, na sombra, muita muda já nasce e cresce direto na terra.

Recuperar o açaizal que existe dentro da área e que foi queimado. Aproveitar para, além de semear o açaí, também enriquecer essa área com outras espécies, como o buriti.

Conseguir mudas e sementes diversas com outras comunidades indígenas da região para plantar no tekoa.

Falta de matérias-primas para confecção de artesanatos, ou dificuldades em encontrá-las

Procurar mais sementes e mudas de plantas que fornecem matéria-prima para fazer artesanato e plantar na aldeia. Por exemplo: jarina, buriti, taquari, caxeta e pau-leiteiro. Podemos conseguir essas plantas com parceiros, coletar na região ou quando fizermos alguma viagem.

Descobrir quais árvores nativas das nossas matas são boas para fazer bichinhos de madeira, como fazem os parentes guarani do Sul e Sudeste.

Valorização da sabedoria guarani e de outros povos indígenas sobre as plantas medicinais

Incentivar as pessoas mais jovens da comunidade a buscar mais conhecimentos sobre as plantas medicinais da região com nossas xejaryi kuery e xeramõi kuery .

Uma forma que pensamos para fazer isso é organizar um grupo de jovens para ajudarem xejaryi kuery do Tekoa Pyau que mais conhecem e as plantas medicinais do mato e como fazer os remédios, a trazer essas plantas das matas para plantar mais perto das casas. Fazer também um canteiro de ervas medicinais perto das xejaryi kuery.

Buscar mudas e sementes de plantas medicinais que não temos no Tekoa Pyau.

Valorizar o uso das plantas medicinais no tratamento de doenças.

Incentivar a vinda das xejaryi kuery e xeramõi kuery do Sul e Sudeste para compartilhar seus conhecimentos com a comunidade do Tekoa Pyau.



Mulheres da aldeia conversando sobre as plantas nativas de uso da comunidade



NHANDE YVY - NOSSA TERRA

Quando **nhande va'e** fala "nossa terra", para nós, não é "nossa" como entende a lei do **jurua**. O governo pensa que conhece tudo. Pensa que foi a sua lei que inventou a terra dos Guarani. Pensa que com seus satélites e seus mapas já sabem de tudo. Só que no **jurua reko** (o sistema não indígena) não está o conhecimento verdadeiro da mata. Ele não vem andar e viver embaixo da mata, como a gente faz.

Alguns **jurua kuery** acham que são donos da Terra. Esqueceram que nós e os bichinhos apenas andamos sobre a Terra que Nhanderu **kuery** criaram. Não se lembram que foram nossas divindades que nos ensinaram o modo de viver verdadeiro e o caminho para chegarmos a **yvy marã e'ỹ**. É por isso que os lugares para se viver bem, com água e mata boa, são raros agora.

Nosso **tekoa** é um desses poucos lugares que ainda existem e onde tentamos viver como os nossos criadores nos orientaram desde o início da criação da Terra. Aqui, tentamos plantar e cuidar das sementes e do que é importante para fortalecermos o nosso mundo. Manter nosso **tekoa** envolve cuidar de tudo aquilo que é preciso para vivermos bem, de tudo aquilo que torna possível continuarmos com **nhandereko**, nosso modo de ser. É por isso que o **tekoa** não acaba nas linhas que os **jurua kuery** desenharam e nas cercas que eles botaram. Nossa terra é só uma parte disso. O **tekoa** é maior que os limites de qualquer área. Não é uma coisa que se desenha. Ele é onde vivemos e caminhamos no mundo sem fronteiras.

É por isso que neste plano, quando falamos "nossa terra", não estamos falando só da área que o governo vê no mapa que eles fizeram. É porque não queremos que nosso **tekoa** se desfaça que nos preocupamos com a terra e também com tudo que existe ao redor da gente: as matas, as águas, os animais... Nossa vida é assim. Esse é o **nhandereko**.

Agora, vamos falar um pouco mais sobre tudo isso. Vamos explicar sobre a situação de nossa Terra nos papéis do governo e os problemas que enfrentamos porque ela ainda não foi demarcada. Depois, vamos contar um pouco sobre como o fogo e o desmatamento vêm destruindo a mata e prejudicando o nosso jeito de viver. Vamos contar, também, um pouco da nossa pesquisa sobre por que o igarapé Jacundá, que existe na nossa terra, começou a secar e por que os peixes se acabaram de uns

tempos para cá. E, no final, comentamos um pouco sobre nossa aldeia e o lugar onde construímos nossas casas. Para cada assunto, nós pensamos em algumas propostas para melhorar a vida no nosso **tekoa**. São ideias que não dependem só da gente para se tornarem realidade, mas também dos nossos vizinhos e do governo, que parecem não ver tudo o que está acontecendo com as águas, com o clima, com os animais e as plantas. Eles não percebem que são os **tekoa** dos **Mbya kuery** e dos outros povos indígenas que não deixam esta Terra se acabar.



Xaryi Aparecida e **xamõi** Venâncio, na TI Nova Jacundá.

demarcação e proteção da terra

“No primeiro dia, eu não falei meu nome jurua, e nem Guarani. Meu nome é Venâncio, em jurua. Em Guarani Mbya é Kuaray. Eu quero primeiramente agradecer a Nhanderu Ete por nós estarmos aqui, todos juntos, falando do que estamos precisando. Uma vez me perguntaram qual era o recado que nós queríamos mandar pra Constituição Federal. É esse recado que eu quero falar. O que está precisando muito mesmo agora, e brevemente, é a regularização da Terra. É isso que eu estou querendo falar. Não sei se todos querem, mas a minha vontade é essa. Era só isso que queria dizer (ave’ima rive)”.

Venâncio Kuaray, TI Nova Jacundá, 2018.

Para nós, Guarani, antigamente, não existia essa conversa de demarcação. Cada um sabe bem o lugar de seu viver, da terra que Nhanderu Ete deixou para nós cuidarmos. Mas, para **jurua kuery** saber que é uma Terra Indígena, e não ficar dizendo que não é uma Terra Indígena, tem que ter demarcação. Sem um limite, eles não vão saber.

Nós temos um território, mas os **jurua** não respeitam a lei que eles mesmos criaram. Muitas lideranças indígenas ajudaram a fazer a Constituição Federal de 1988, só que o governo não cumpre com a palavra que está escrita no papel. Por exemplo, até hoje eles não fizeram a demarcação da nossa Terra Indígena. É nosso direito ter o mapa oficial de nossa Terra.

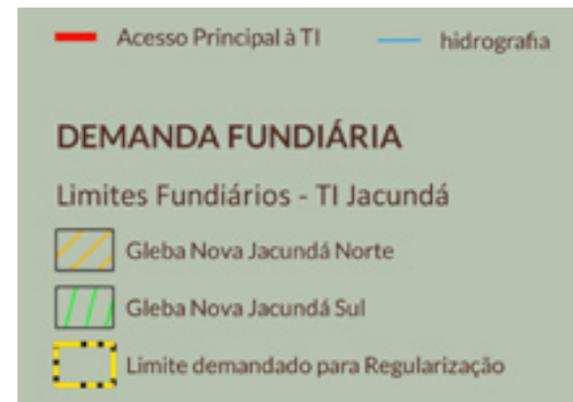
Desde quando nós chegamos, a gente sempre andou por todas essas matas que existem aqui em volta. Elas são importantes para nós. Tem muita coisa que não en-

contramos aqui dentro da Terra indígena, e é por entre essas matas que nós vamos buscar. Vamos também caçar nesses lugares. Nós já pedimos para o governo encontrar um meio de ampliar a nossa Terra, mas ainda não conseguimos. E não vamos esquecer disso. Mas, agora, o que é mais importante para nós, o primeiro passo, é demarcar a nossa Terra. Essa é a nossa prioridade.

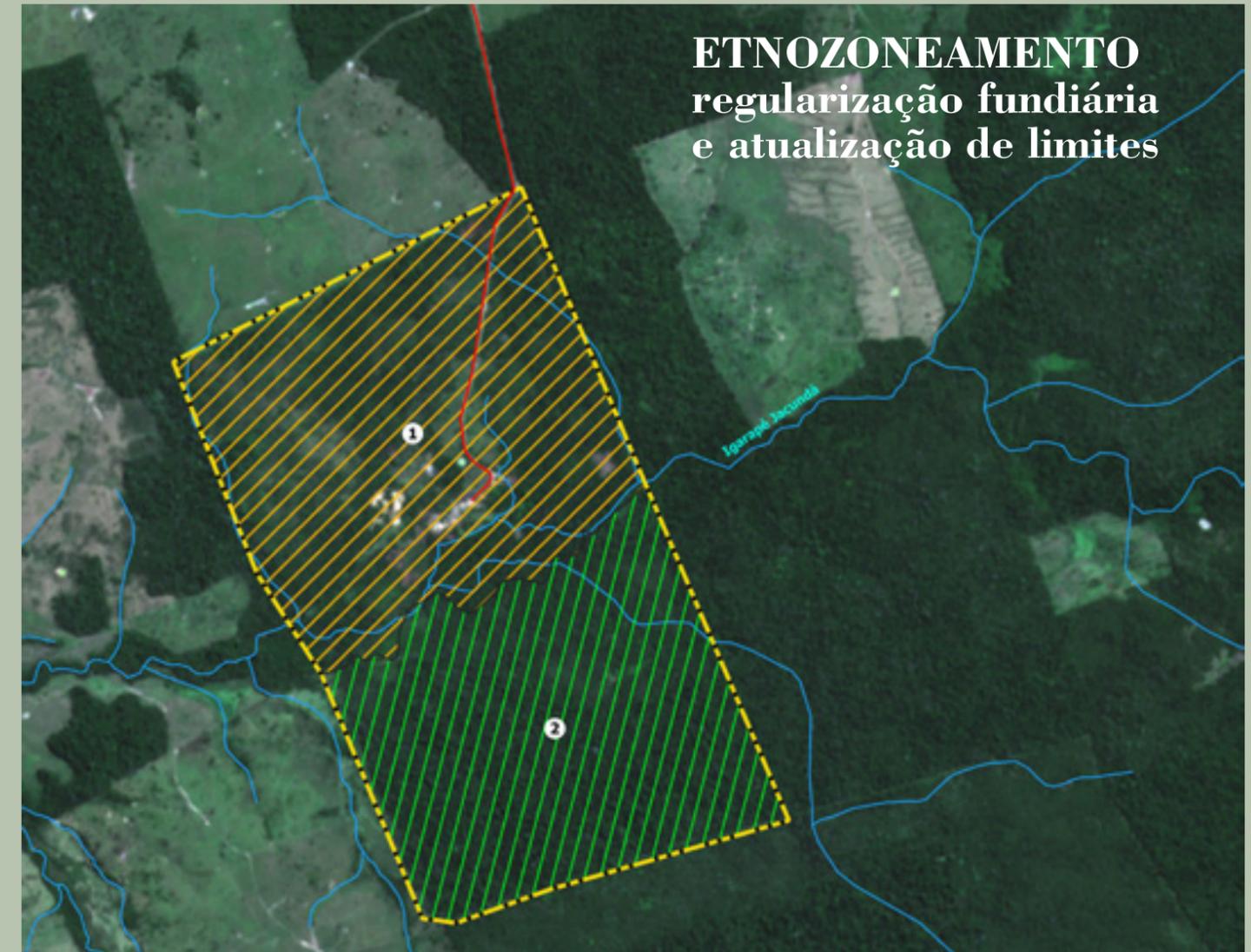
Nossa Terra pertencia a duas pessoas diferentes. Então, tem uma parte que tem título, tem as pedras marcando os limites, tudo certinho. Esse é o lado do igarapé Jacundá onde está a mata. Já a outra parte, onde foram construídas nossas casas, na época já estava em processo de titulação quando chegamos aqui. Só que esse processo nunca foi para a frente. Ela está registrada em nosso nome, mas ainda não temos o documento definitivo. Então, isso precisa ser resolvido com urgência. A Funai tem que conseguir o título dessa parte para nós. Tem que vir aqui colocar os marcos, anotar tudo e fazer o mapa correto de nossa terra. Acreditamos que a elaboração deste PGTA pode ajudar o processo de demarcação, e que a demarcação é necessária para pôr em prática nosso Plano de Gestão Territorial e Ambiental. Uma coisa puxa a outra. Então, para o nosso Plano ir para a frente, temos que resolver esse assunto. É isso que a gente acredita.

Esta terra é nossa, mesmo. Não é do Estado. Os **jurua** dizem que é uma “terra domínial”. Queremos que seja assim. No passado, já chegamos a discutir o assunto para decidir se a gente autorizava a Funai a demarcar aqui como uma Reserva Indígena pois, por ser domínial, o governo cobra imposto da nossa área, o ITR (Imposto Territorial Rural), como se fosse uma fazenda. Mas não é. Essa terra não tem um dono só. É uma legítima Terra Indígena, do povo Guarani.

A Constituição Federal diz que as Terras Indígenas não pertencem a uma só pessoa. São de toda a comunidade e não podem ser vendidas, mesmo quando são compradas, como foi a nossa terra. E o Governo tem a obrigação de proteger e cuidar de todas elas, sem discriminação.



Fontes:
 Imagem Sentinel-2 (2019)
 Base Cartográfica DSG: 1:100.000
 Terras Indígenas: Funai (2019)
 Mapas elaborados pelos Guarani de Nova Jacundá, 2018-2019



Quadro Fundiário Atual e Demandas - TI Nova Jacundá

Nº	Nome	Modalidade	Demanda
1	Gleba Nova Jacundá Norte	Imóvel Rural	Regularização da área e inclusão nos limites da Terra Indígena
2	Gleba Nova Jacundá Sul	Domínial Indígena	Limpeza, manutenção e instalação de placas sinalizadoras de TI.

MODALIDADES DE TERRAS INDÍGENAS

Nos termos da legislação vigente (CF/88, Lei 6001/73 – Estatuto do Índio, Decreto n.º 1775/96), as terras indígenas podem ser classificadas nas seguintes modalidades:

Terras Indígenas Tradicionalmente Ocupadas

São as terras indígenas de que trata o art. 231 da Constituição Federal de 1988, direito originário dos povos indígenas, cujo processo de demarcação é disciplinado pelo Decreto n.º 1775/96

Reservas Indígenas

São terras doadas por terceiros, adquiridas ou desapropriadas pela União, que se destinam à posse permanente dos povos indígenas. São terras que também pertencem ao patrimônio da União, mas não se confundem com as terras de ocupação tradicional. Existem terras indígenas, no entanto, que foram reservadas pelos estados-membros, principalmente durante a primeira metade do século XX, que são reconhecidas como de ocupação tradicional.

Terras Dominiais

São as terras de propriedade das comunidades indígenas, havidas, por qualquer das formas de aquisição do domínio, nos termos da legislação civil.

Interditadas

São áreas interditadas pela Funai para proteção dos povos e grupos indígenas isolados, com o estabelecimento de restrição de ingresso e trânsito de terceiros na área. A interdição da área pode ser realizada concomitantemente ou não com o processo de demarcação, disciplinado pelo Decreto n.º 1775/96.

Fonte: www.funai.gov.br › indios-no-brasil › terras-indigenas (outubro de 2020)

Outra coisa que sempre dá muita dor de cabeça para nós é que nossa Terra está localizada no município de Rondon do Pará. Mas, como já dissemos, a sede de Rondon fica muito longe da aldeia. É mais fácil para nós irmos até o centro de Jacundá, que é onde resolvemos quase todos os nossos assuntos, e onde nós votamos também. Só que nem sempre a Prefeitura de Jacundá reconhece isso, mesmo que a escola da aldeia esteja ligada ao município. Quando é preciso consertar a estrada que vai para a aldeia, por exemplo, eles informam que esse assunto tem que ser tratado com a Prefeitura de Rondon do Pará. A gente fica, muitas vezes, sem saber a qual Prefeitura recorrer para tratar dessas questões e de outras que envolvem nossos direitos.

Quando nós viemos para essa terra, em 1996, a questão da demarcação não preocupava tanto. Nas fazendas ao redor, tinha mais mata do que hoje e, como não tinha estrada, eram poucas pessoas que andavam por aqui. Em nossa Terra mesmo, não tinha energia elétrica, nem gerador, televisão, celular, internet, nada. Não tinha essa preocupação, que hoje nós temos, com os empreendimentos que vão passar muito perto daqui. De lá pra cá, os fazendeiros derrubaram muita mata para aumentar o pasto, e chegaram até a nossa divisa.



Como uma parte da Terra não está demarcada, temos insegurança em relação às divisas com as fazendas vizinhas. Antigos marcos de cimento, de parte das divisas, estão quebrados e deslocados. As máquinas e os pastos parecem entrar na nossa Terra. Esse é um problema sério que tem a ver com a falta de demarcação. E é de responsabilidade da Funai.

Com o passar do tempo, foram chegando mais pessoas para cá. Não faz dez anos, a nossa Terra foi invadida. Eram muitas pessoas que entraram. Elas ficaram vivendo na beira da nossa estrada e caçavam nas matas onde andamos e derrubaram e queimaram muitas árvores. Não tiveram respeito pela gente. Ficamos realmente incomodados nesse tempo. Tivemos muitos problemas. No início nós ficamos com medo delas, quando andávamos no mato. Agora, depois que elas foram embora, temos medo dos pistoleiros que os fazendeiros colocaram no lugar desse pessoal. Mesmo assim, **jurua** ainda anda por aí para caçar e usa a nossa própria estradinha para entrar no mato. Quantas vezes encontramos moto, de gente que nem sabemos quem é, parada na estrada? Essa situação é muito complicada.

Então, mesmo resolvendo a questão da demarcação, tem outros problemas que precisam ser resolvidos. Até porque, hoje em dia, não é só com a bala que estão acabando com os indígenas. Agora também acabam com a canetada. Quem faz isso é o pessoal que está lá em cima, no Governo, no Congresso. Os mais velhos têm a responsabilidade de passar essas informações para os jovens, para que eles tenham visão de futuro e a preocupação de estar sempre lutando pelo seu território e defendendo a demarcação.

Hoje, a maioria de nós ainda é jovem, mas daqui para amanhã estaremos todos bem idosos. Então, quem vai permanecer na terra? Como o povo indígena Wajãpi já disse no filme “Placa não fala”, que assistimos durante uma reunião do PGTA, as placas que **jurua kuery** colocam quando demarcam a terra, não falam. A gente tem que resistir para permanecer.

temas e ações propostas

Regularização dos limites atuais da Terra Indígena Nova Jacundá e encaminhamento dos procedimentos para o reconhecimento das demais áreas de ocupação tradicional

Articular com apoiadores, parceiros e assessores para interceder de maneira que a FUNAI promova a efetiva regularização e a demarcação física da área atual da Terra Indígena, e a realização de estudos de identificação e delimitação que garantam nossos direitos às demais áreas de ocupação tradicional necessárias para nossa reprodução física e cultural (CF 1988)

Criar um sistema de comunicação e articulação entre a comissão de assuntos da terra e demais representantes da comunidade com a Comissão Guarani Yvyrupa - CGY.

Acionar diretamente os órgãos públicos, principalmente o MPF – Ministério Público Federal e a FUNAI – Fundação Nacional do Índio, sempre que nossos direitos não forem respeitados.

Fortalecer nossas parcerias com organizações da sociedade civil (CIMI, CTI, etc).

Isenção de ITR (Imposto Territorial Rural) sobre a Terra Indígena

Acionar o Ministério Público Federal, Defensoria Pública e outras instituições para viabilizar a isenção do pagamento do Imposto Territorial Rural (ITR).

Ausência de sinalização nas divisas da Terra Indígena e proibição do uso predatório da fauna e da vegetação nas áreas de mata

Propor acordos aos fazendeiros para que não deixem *jurua kuery* caçar, derrubar ou extrair vegetação, nas áreas de mata das fazendas.

Fechar a porteira da estrada que dá acesso à aldeia com cadeado e corrente; interditar a entrada de estranhos; possibilitar o acesso de instituições, como a Sesai, a Funai, a Secretaria de Educação, CIMI e outros parceiros.

Discutir a possibilidade de ter uma guarita com vigilante, na estrada de acesso à aldeia - com antena para celular.

Reivindicar à Funai a instalação e manutenção de placas de identificação da Terra Indígena, nos quatro cantos da área.

Fazer a manutenção das picadas que separam a Terra Indígena das fazendas, pelo menos de seis em seis meses. Solicitar apoio à Funai e aos vizinhos.

Organizar grupos de pessoas da comunidade para circular em, periodicamente e alternadamente, pelos limites da Terra Indígena, para vistoriar e cuidar das divisas e da proteção da Terra.

Plantar árvores frutíferas - especialmente a manga - ao longo das divisas como forma de manter as picadas limpas e bem marcadas.



desmatamento e queimadas

No passado, quando chegamos nessa terra, as madeireiras e os fazendeiros tinham derrubado parte da floresta dessa região e, ainda hoje, a floresta que sobrou continua sendo derrubada para a abertura de pastagem para a criação de gado. A cada ano que passa continuam a derrubar alguma mata nos lugares por onde a gente andava. Aqui mesmo, pertinho da aldeia, nós nos lembramos que havia sete pés de castanha que a gente via da nossa Terra. Até já apanhamos alguma castanha, mas hoje não tem mais. O fazendeiro vai lá e, primeiro, toca fogo. Depois ele passa o trator e, quando não consegue arrancar com o trator, ele vem com outra máquina e tira tudo mesmo. Aí, fica chão puro.

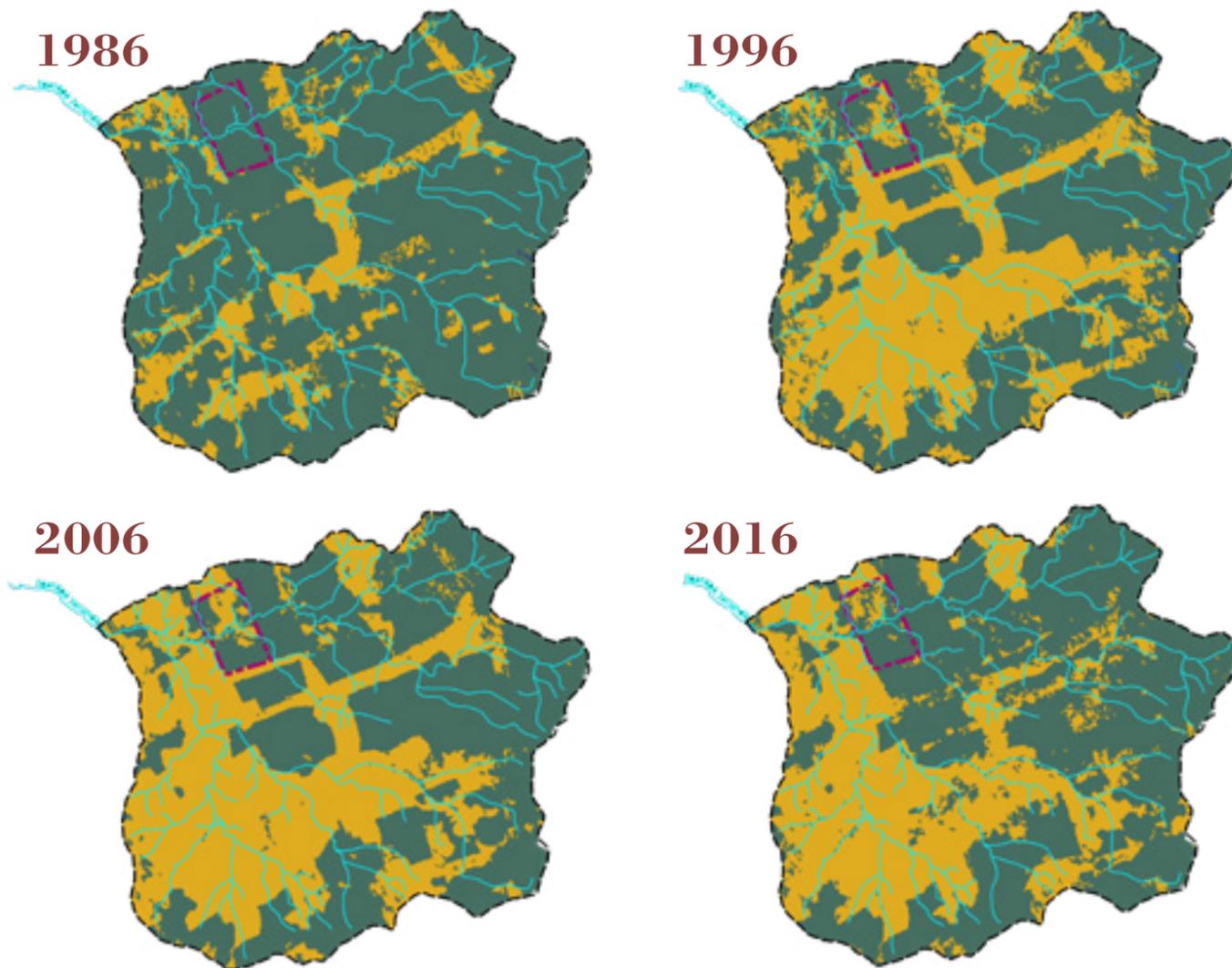
A mata no entorno do Tekoa Pyau, que fica nas fazendas da região, também é importante para a nossa vida. É a mata que Nhanderu Ete deixou. Muitas vezes, é lá que vamos buscar taboca para fazer artesanato, buscar cupu, açaí e muitos outros alimentos, buscar remédios e caçar. É essa mata que, infelizmente, muitos fazendeiros destroem quando bem quiserem, mesmo contra a nossa vontade e contra a própria lei do **jurua**.

Os fazendeiros que fazem divisa com nossa Terra sempre dizem que vão arrancar mais a mata. Desse jeito, se continuar assim, vai ficar só a nossa. De um dos lados da nossa Terra já tiraram tudo, e agora está cheio de pasto dentro dessas fazendas. Do outro lado, ainda tem mata, mas ela está em ameaça constante. Nós ficamos preocupados com isso e ficamos sempre com esse pensamento: o fazendeiro ainda não



derrubou aquela parte da mata, mas, e se ele resolve desmatar? Onde é que a gente vai tirar o açaí? Por que o **jurua** faz isso? **Jurua kuery** sabem que nossa vida depende disso, mas eles não se importam. A gente já sabe como são os fazendeiros: em geral, derrubam primeiro um pouquinho para depois terminar de derrubar o resto. O tempo todo eles estão derrubando para aumentar o pasto.

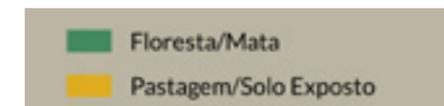
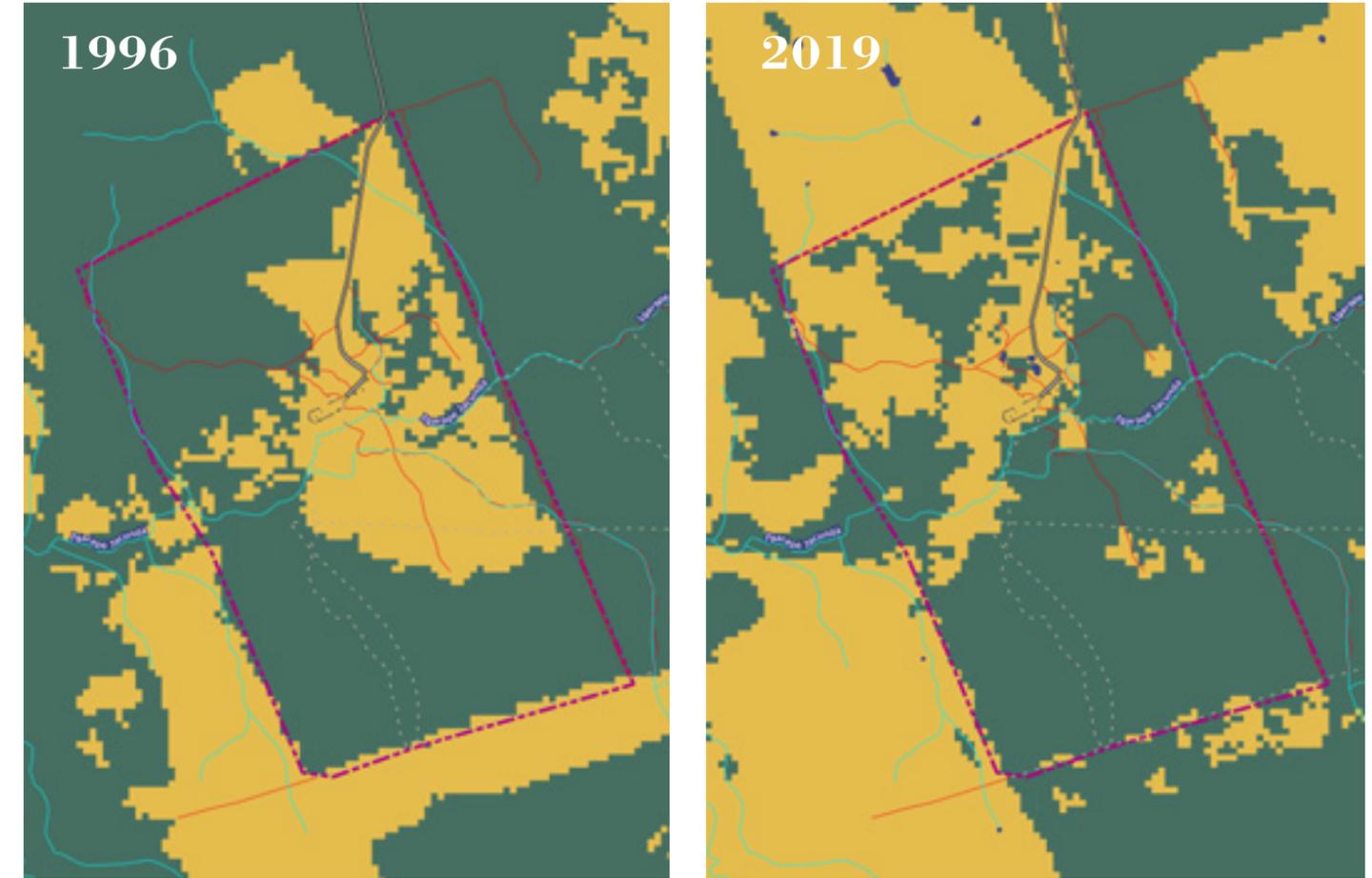
As imagens de satélite nos ajudam a mostrar o que estamos contando sobre essa questão do desmatamento. Com elas, é possível ver como seria, antigamente, sobrevoar e olhar de cima para essa região. Observando essas imagens, fotografadas do espaço a cada ano, conseguimos ver como tudo foi se transformando, até chegar ao que é agora.



Olhando para a região, de maneira mais geral, o que se vê é a chegada do **jurua kuery** derrubando mato e abrindo pasto para as criações de gado. É o que sentimos e vemos no nosso dia-a-dia, desde que chegamos: a floresta no entorno do Tekoa Pyau só diminui. Na figura acima, observamos como a situação foi mudando, de 10 em 10 anos: 1986, 1996, 2006 e 2016.

Nas quatro imagens, o verde é a floresta e o amarelo é o que foi desmatado. Dá para se ver muito bem o tamanho da destruição: é muita mata que foi derrubada!

COBERTURA DO SOLO NA MICROBASIA DO IGARAPÉ JACUNDÁ 1986-2016

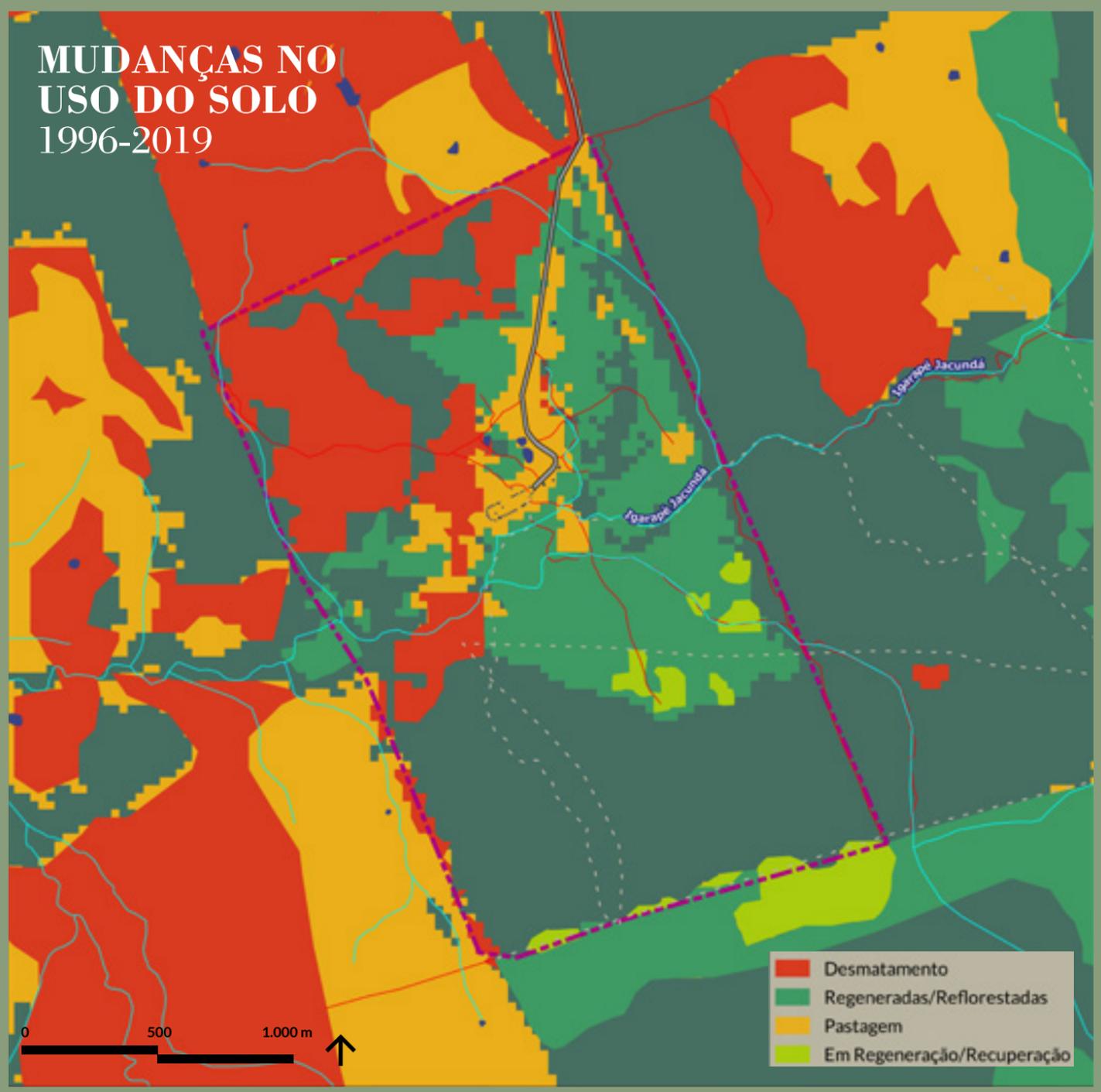


Fonte: Projeto MapBiomas - Coleção 4.1 da Série Anual de Mapas de Cobertura e Uso de Solo do Brasil, acessado entre 02 e 03/04/2020 através do link: <https://code.earthengine.google.com/?scriptPath=users%2Fmapbiomas%2Fuser-toolkit%3Amapbiomas-user-toolkit-download-uc-ti-bacias.js>

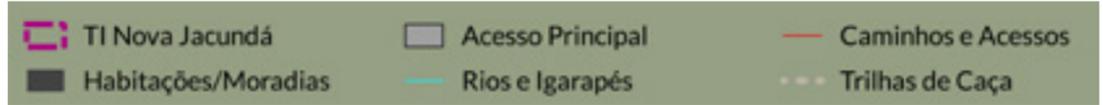


Olhamos também para a nossa Terra e observamos o desmatamento que nós mesmos fizemos dentro da Terra Indígena para abrir nossas roças. Algumas áreas de mata foram derrubadas sem planejamento, mas foi para tirar nosso sustento. Só que a figura acima mostra uma coisa bem importante, que é a diferença, muito grande, da vegetação no **tekoa** em comparação à vegetação nas fazendas: aqui, no Tekoa Pyau, a floresta está se regenerando ano a ano, enquanto em volta ela só diminui.

A imagem de satélite de 1996, ano em que nós chegamos aqui, mostra o amarelo que representa o pasto. Já em 2019, a imagem prova que a floresta cresceu dentro da Terra Indígena, e onde era só amarelo já está ficando verde de novo. Em volta, já não é assim. O amarelo só cresce e quase nunca volta a ficar verde.



COBERTURA DO SOLO E DESMATAMENTOS



Fonte: Imagem de Satélite Sentinel -2 (Copernicus Sentinel Data) (08/2019)
 Mapas elaborados pelos Guarani da TI Nova Jacundá
 Base Cartográfica DSG; 1:100.000

Como se não bastasse, quando o fazendeiro derruba a mata, ele logo queima para plantar capim. E, depois, ele também queima a pastagem para “limpar”. Essas queimadas acontecem todos os anos. Quando queimam, entra muita fumaça na aldeia, e as crianças e os mais velhos, principalmente, acabam adoecendo. Muitas vezes perdem o controle do fogo e acontecem grandes incêndios.

Nós sofremos muito com o fogo aqui em nosso **tekoa**. Isso é outra coisa que estragou muito a terra e atrapalhou a recuperação da floresta. Nossa mata queimou mais de uma vez desde que chegamos aqui. E foi por causa do fogo que veio de fora. Já aconteceu do fogo sair da roça da aldeia também, de alguém que descuidou. Mas o fogo grande mesmo veio de fora, do pasto, e queimou muito a floresta. O pati, que a gente usa para fazer arco, o taturubá, a paxiba, que é boa para ralar castanha e que os passarinhos gostam, o paricá e os pés de cupu, muito do que tinha aqui se acabou quando o fogo passou. Ficou só uma juquirona nos lugares onde queimou. Nós perdemos também muitos pés de açaí e de bacaba, e remédios do mato que são preciosos para nós. Até as taquaras para fazer flecha o fogo queimou. Muitos bichos também morreram ou foram embora e demoraram pra voltar.

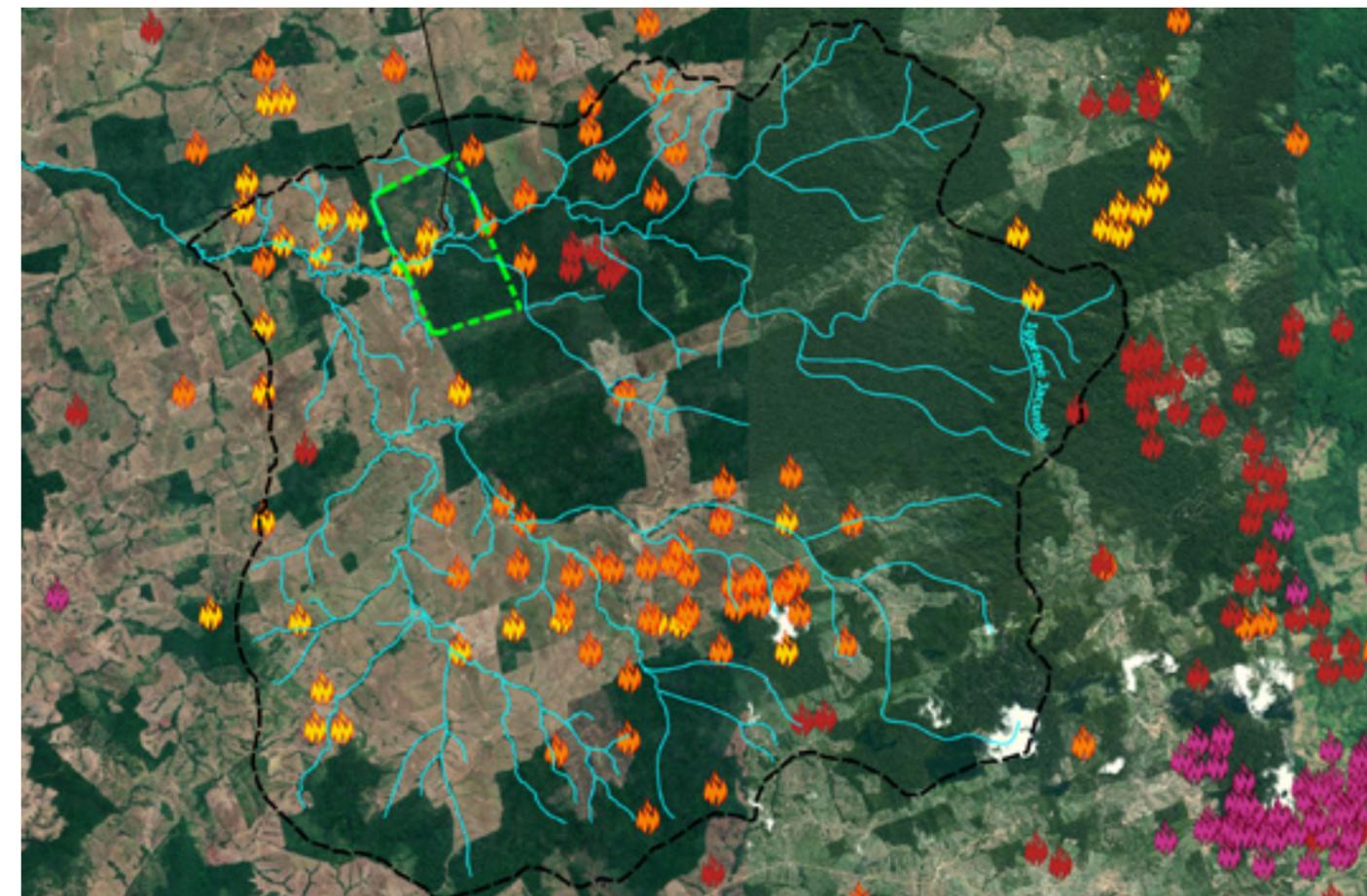
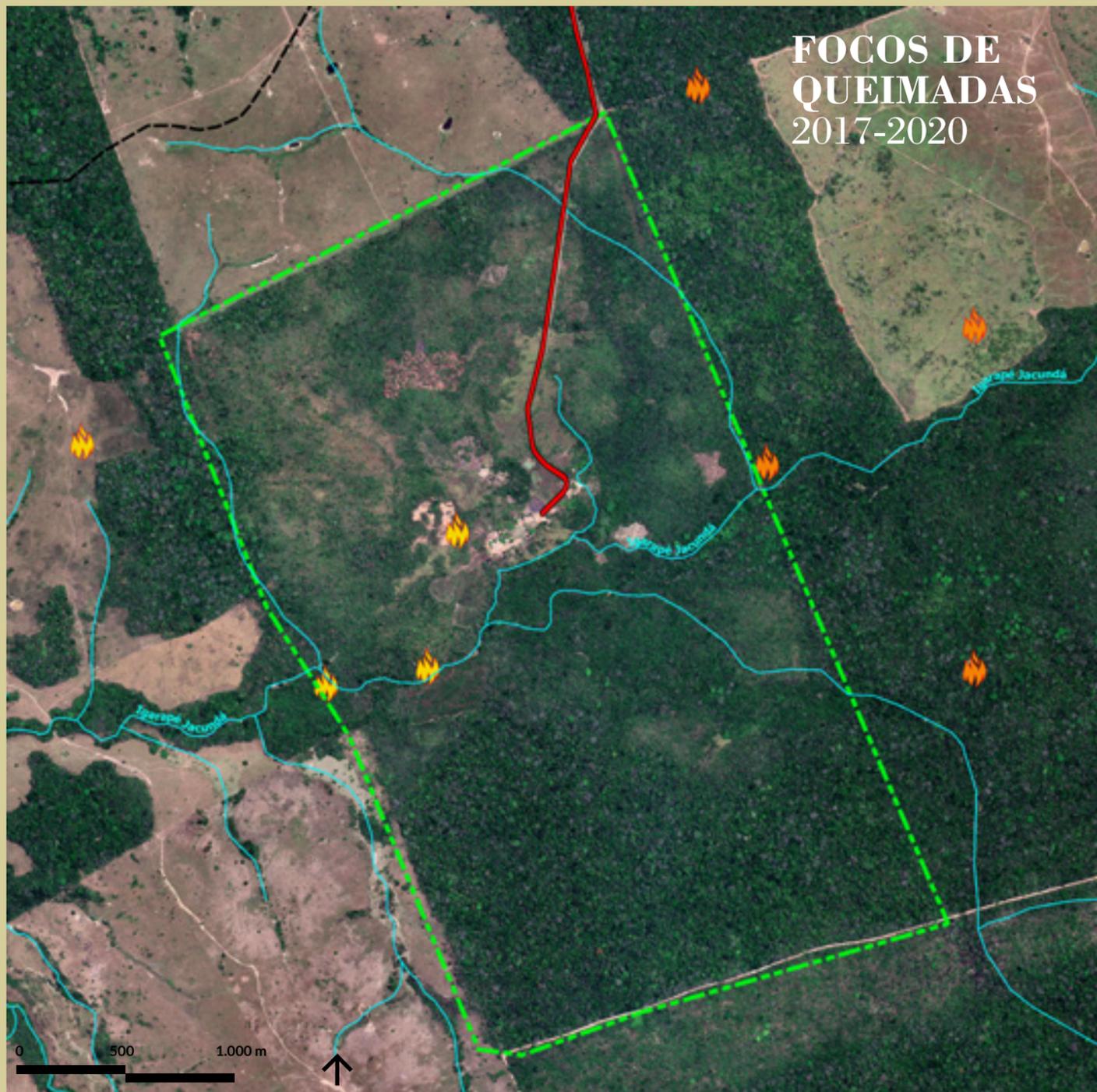
Na nossa imaginação, o que precisa mesmo é fazer um aceiro de trator em todas as divisas da Terra Indígena. Um aceiro bem largo, para impedir o fogo de passar, e ao longo dele plantar mangueiras. Depois que o pé de manga cresce, debaixo dela fica tudo limpo, não cresce capim. E a copa da mangueira não deixa a labareda do fogo vir e passar para dentro da nossa Terra.

Precisamos envolver a vizinhança, a Prefeitura e as autoridades, para que nosso Plano dê certo. Maquinário pesado, por exemplo, nós não temos. Nem recursos para pagar o óleo, o trabalhador e as diárias. Mas temos a força da comunidade. Conversamos todos juntos e assumimos a missão de reflorestar mais uma parte do nosso **tekoa**. E vamos trabalhar todos juntos, fazer mutirão e dividir em grupos. Assim vai pra frente.

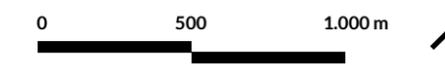
Mas não pode vir um fogo de fora e acabar com todo nosso trabalho. Por isso vamos tentar sensibilizar a vizinhança e mostrar o nosso trabalho. Contagiar **jurua kuery** com a natureza. Quem sabe não seremos nós mesmos, ou as próximas gerações, que teremos que fazer esse trabalho fora da aldeia também, para transformar tudo no verde da floresta de novo?

Áreas desmatadas em fazendas vizinhas à Terra Indígena Nova Jacundá, em 2018.



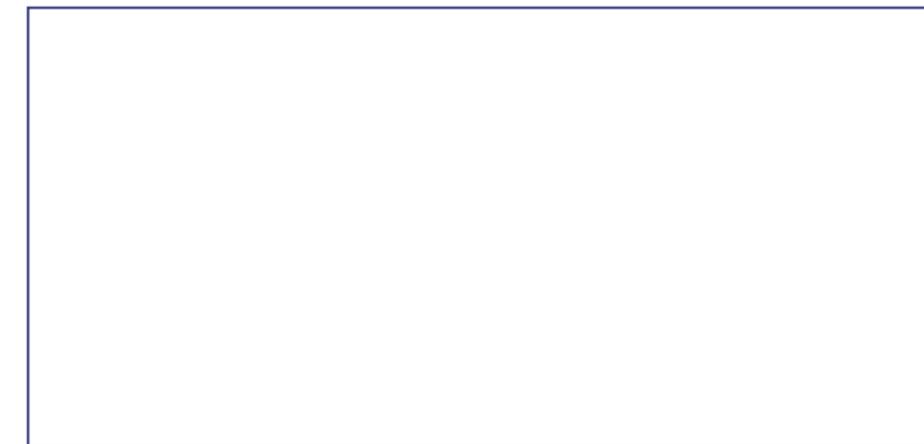


FOCOS DE QUEIMADAS NA MICROBACIA DO IGARAPÉ JACUNDÁ





temas e ações propostas



Incêndios florestais causados por queimadas na região e no entorno da Terra Indígena, que afetam a comunidade guarani.

Dialogar com os fazendeiros vizinhos para conscientizá-los e relatar os problemas causados à nossa comunidade, quando usam o fogo para limpar o pasto.

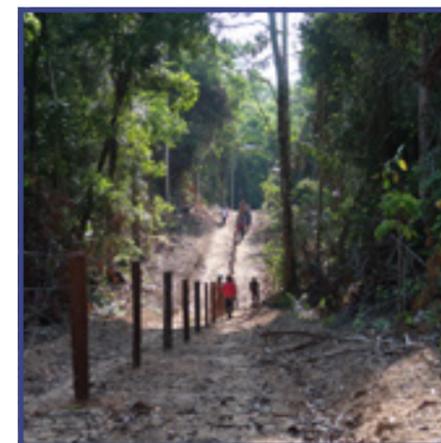
Fazer bons aceiros em volta das áreas de mata para protegê-las das queimadas.

Demandar o apoio dos fazendeiros para as medidas de prevenção de incêndios que queremos implantar, como a abertura de aceiros: utilização de trator, ou de outras máquinas necessárias.

Solicitar a assistência técnica de órgãos de governo (MPF, Funai, Ibama/Prevfogo) para a construção de aceiros ao longo dos limites da área e para a capacitação da comunidade em ações de prevenção de incêndios e combate do fogo.

Organizar a comunidade para trabalhar em mutirões na manutenção dos aceiros e pés-de-cerca. Solicitar apoio para aquisição de roçadeiras.

Plantar mangueiras ao longo dos aceiros nas divisas da Terra Indígena, porque ela ajuda a manter o chão limpo embaixo da copa e a impedir a passagem das labaredas de fogo para dentro da Terra.





Crianças brincando no igarapé Jacunda em 2004.

igarapé Jacundá

O igarapé Jacundá é o único que passa dentro da Terra Indígena. Quando chegamos nesta terra, tinha água durante o ano inteiro e era muito bom para pescar: tinha curimatá, tucunaré, pintado, piau e surubim. O igarapé é pequeno, mas é nesse nosso riozinho que a gente pescava, lavava roupa e banhava.

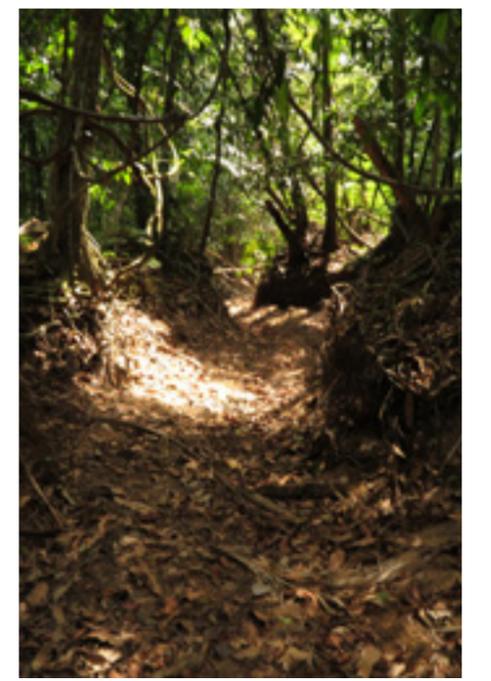
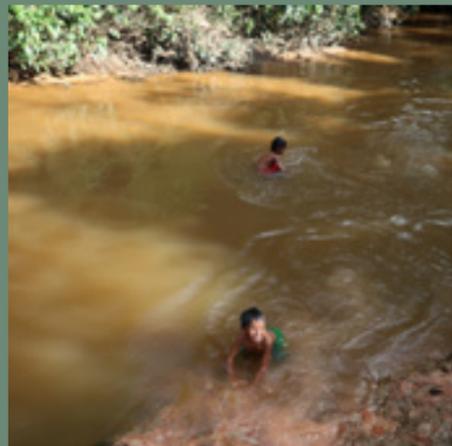
Hoje em dia, quando olhamos o igarapé durante o inverno, parece que ele nunca vai secar. Mas quando chega o “verãozão” bruto, aí a água some. Faz uns dez anos mais ou menos que o igarapé começou a secar em alguns meses do verão, do mês de julho até novembro. Nesse período, só vemos areia e folhas dentro dele. No resto do ano, quando a água corre, vemos que a cor dela também está ficando diferente. Antes, a água era clarinha e a gente podia ver muitas pedrinhas no fundo do rio. Mas agora a água é escura, tem cor de barro, não tem mais pedra, só areia e ficou bem mais quente. Nossa realidade é essa, mesmo.

Com a seca do igarapé, os bichos não têm mais onde beber água e vão embora daqui. Os peixes também não conseguem mais sobreviver. Já aconteceu de quebrar o poço da Sesai nessa época e a gente ter que ir buscar água muito longe. Daqui a alguns anos, como vai ser? Será que teremos que trazer água da rua para cá?

A seca do igarapé Jacundá, no verão, também atrapalha os nossos trabalhos. Como ficamos sem água para regar, não tem como plantar cupu, por exemplo. Quando a gente planta cupu, muitas vezes ele não aguenta a quentura e morre logo. Ele depende da água para crescer. Por isso é preciso molhar nos meses do ano em que não chove.

Como já contamos, por conta da seca, nós até já perdemos uma horta comunitária. Enquanto tinha água, foi bom demais! Na nossa horta tinha de tudo, as verduras estavam bonitas demais e não dávamos conta de comer. Era só ir botando o adubo orgânico que a gente mesmo fazia. Funcionou muito bem, até que a água foi acabando. Aí, não teve como continuar.

Nós sempre quisemos saber por que essa seca começou a acontecer com nosso riozinho. Então, em 2018, enquanto trabalhávamos no nosso PGTA, nós pesquisamos nas imagens de satélite e caminhamos pelas áreas de nascentes e pelos cami-



nhos dos outros igarapés que formam o Jacundá, para entender melhor a situação. E aprendemos muita coisa.

Às vezes, nós até imaginávamos que seria um açude que estava barrando o igarapé, ou que as matas que beiram o igarapé tinham sido derrubadas, mas agora nós temos certeza do que está acontecendo. Nós andamos por muitas nascentes e pontos por onde passa o igarapé. As águas não podem chegar até o nosso riozinho. Nas fazendas ao redor foram construídos muitos açudes que acabaram represando a água que forma o igarapé Jacundá [Fotos abaixo]. A maioria das nascentes de água está nelas. Assim, o que as pessoas fazem lá fora da nossa Terra, de um jeito ou de outro, nos afeta também. Um fazendeiro faz um açude aqui, o outro faz dez ali e, assim, acabamos ficando sem água e também sem o piau, o curimatá e todos os outros peixes que deveriam estar livres, mas estão presos nas barragens.

Nós vimos também que tem muito desmatamento nos olhos d'água e nas margens para cima do Jacundá. A mata está se acabando ligeiro e está tudo virando pasto, e as leis que protegem as nascentes e as matas ciliares não estão sendo cumpridas.

Quando se retira a mata em volta dos olhos d'água e das margens, a água e o vento trazem muita areia e lama da beirada, que se acumulam no fundo do leito do igarapé. Até os poços d'água se perderam, e agora não seguram mais nada de água. Acontece o que **jurua kuery** chamam de assoreamento.

Descobrimos também que existem fontes de poluição nas águas que chegam até a nossa Terra. Não só vimos que a sujeira do gado que é criado mais acima do Jacundá cai dentro dele, como encontramos também embalagens de agrotóxicos descartadas no caminho do igarapé. Esse veneno é aplicado para matar o babaçu e outras palmeiras e árvores da mata que crescem no pasto e é trazido pela chuva para dentro da água que passa pela aldeia.

No mapeamento que fizemos, a seguir, dá para ver a situação das nascentes e córregos que formam o igarapé Jacundá. Nele, a gente consegue enxergar direitinho os desmatamentos e os lugares onde os fazendeiros fizeram os açudes e represas que nós vimos nas nossas caminhadas.

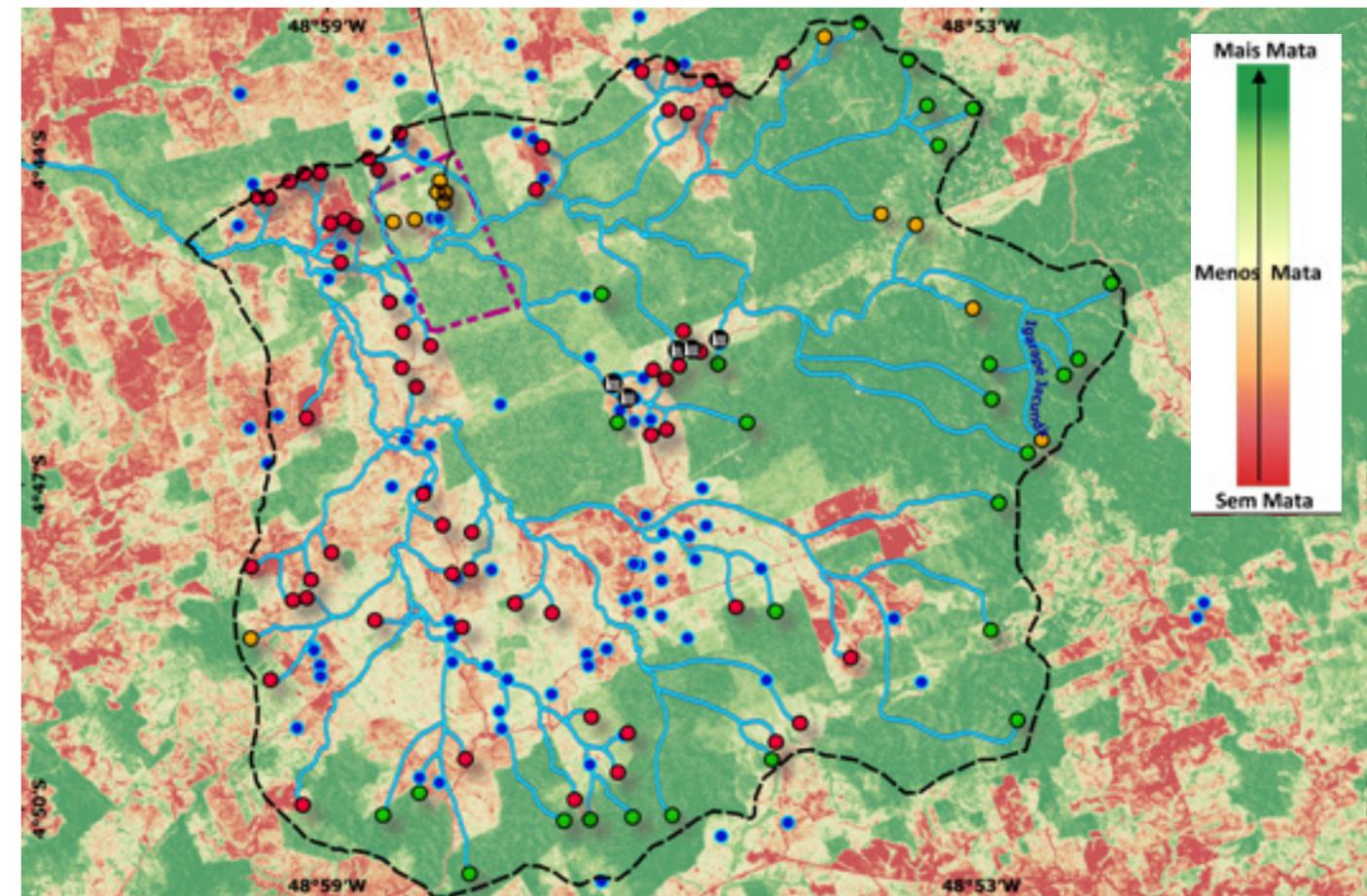
(Páginas anteriores: crianças brincando no igarapé Jacundá durante a cheia, nos meses do inverno; nos últimos anos, o leito do igarapé Jacundá passou a secar durante alguns meses do verão, causando diversos problemas para a comunidade com a escassez de água, além de acelerar o que jurua chama de erosão das margens do igarapé).

Ao lado: Hoje em dia é possível caminhar no leito seco do igarapé Jacundá durante alguns meses do verão, quando a água some. Há alguns anos atrás, nosso igarapé tinha água durante o ano inteiro, mesmo durante o período seco, e era bom para pescar, lavar roupa e banhar.



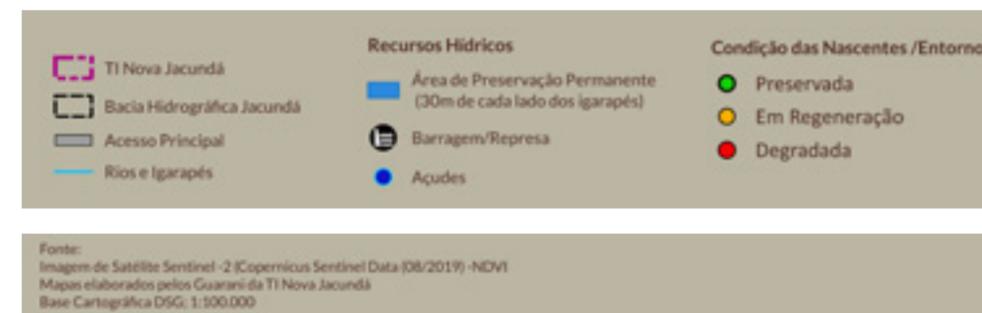


Açudes localizados em fazendas do entorno da TI Nova Jacundá, que barram as águas que fluem o Igarapé Jacundá, 2019.



MICROBACIA DO IGARAPÉ JACUNDÁ

cobertura do solo e nascentes



■ “Quando eu cheguei aqui ainda tinha muita água, muito peixinho... pegava muito piau, mandi, piranha, esses peixinhos. De um tempo pra cá, secou. Eu ainda estava aqui quando começou a secar. Então, eu mudei daqui e fui embora. Quando voltei de novo, já não tinha mais água nenhuma, secou tudo. Eu queria que tudo ficasse melhor do que está, que tivesse água boa, o igarapezinho correndo, água o ano todo, pra gente pescar e banhar, pra ter muita caça”.

Abílio Kuaray, TI Nova Jacundá, 2018. ■

Nós temos uma grande preocupação sobre o que fazer para um dia ver a água correr de novo no igarapé o ano todo. Sabemos que é muito difícil, mas esperamos que dê certo. Resolver o problema da falta de água no igarapé é fundamental para vivermos bem. Precisamos acreditar que existe uma saída e confiar que estamos no caminho certo para poder compreender melhor a situação e tentar conscientizar esses fazendeiros que estão ao nosso redor. O caminho primeiro é a palavra.

É preciso muito diálogo com os fazendeiros para eles compreenderem que, quando colocam uma barragem para fazer um açude, quando deixam o gado pisotear ou desmatam a área onde corre a água, estão secando o igarapé na nossa Terra e impactando toda a nossa vida. É preciso ter a colaboração dos nossos vizinhos fazendeiros, dos órgãos governamentais responsáveis pela proteção do meio ambiente e da Funai porque, sozinhos, nós não vamos conseguir ter o nosso igarapé de volta.

Nós também temos a nossa responsabilidade. Não temos muitos olhos d'água que alimentam o Jacundá dentro da nossa Terra [veja o mapa **Rede hidrográfica e nascentes**, mais acima]. Os maiores e mais importantes estão fora. Mas nós sabemos que, antes, em nossa aldeia, algumas grotas tinham água o ano inteiro, mas hoje secam no verão. Nós planejamos reflorestar essas áreas com palmeiras de açaí e buriti para a água brotar de novo. Se hoje já está assim, no futuro, daqui a cinco anos, o que é que vai acontecer? Pensamos no aqui, no agora, e pensamos no amanhã também.

pesca

Quando chegamos aqui, havia muito peixe também, mas esse tempo passou. O nosso igarapé começou a secar no verão e o peixe, a bem dizer, acabou. A gente quer mesmo é ver, de novo, muitos peixes nadando no igarapé. Mas como isso não depende só de nós, não dá para ficarmos esperando. Os peixes são importantes para vivermos bem aqui, para termos um alimento seguro para dar para as crianças.

Hoje em dia, quando queremos comer um peixe, temos que ir pescar fora da nossa Terra. No nosso igarapé, quando pegamos alguma coisa, é só peixinho miúdo. Não é mais como quando chegamos, que a gente saía para pescar e voltava com um bocado de peixe.

No verão, era muita alegria quando descia todo mundo para o igarapé. Tinha um “poção”, e a criançada subia lá em cima nos galhos das árvores e pulava nele. Amarravam uma corda e fazia um balanço também. Era bom demais! E quando a gente ia banhar, já aproveitava para pescar também. Mas não é mais assim. Hoje, no verão, fica só a areia.

Então, o jeito agora é ir pescar no Arapari ou em algum outro lago bom de peixe que tem pelas matas ao redor. O problema é que esses lugares estão fora da nossa Terra. E nós não ficamos à vontade de ir sempre e pegar os peixes que a gente quer. E pode ser, ainda, que de uma hora para outra o fazendeiro queira impedir a gente de pescar nesses rios.

Às vezes, nós também pescamos no lago da represa de Tucuruí. Nós pagamos um frete para nos levar. Mas como fica longe daqui e é caro, não é uma coisa que dá para fazer sempre.

Por causa disso tudo, pensamos em criar os peixes, nós mesmos, para comermos aqui na nossa aldeia. Até já temos um açude hoje com alguns peixinhos que nós soltamos lá, mas ele é pequeno e, no verão, fica quase seco.

Nós queremos melhorar esse açude, limpar, plantar ao redor, açaí, buriti, acerola, gameleira, marmeleiro, algumas frutinhas para os peixes comerem (ver área nº3 no mapa Etnozoneamento - ações e planos de futuro, p.144). Não queremos fazer

barragens e estragar as nascentes, impedindo a água de correr para baixo, como fizeram em algumas fazendas. Não é isso o que nós queremos. Nossa ideia é melhorar o que já existe, sem depender de trator, de trabalhador de fora, do dinheiro que nós não temos.

Às vezes a gente quer resolver um problema com pressa e, lá na frente, percebemos que o que fizemos foi criar um outro maior ainda. No tempo em que nós tentamos criar gado, e a água aqui começou a secar, procuramos o Prefeito. Ele teve boa vontade, mas nós mesmos não pensamos bem. O pessoal dele veio com o tratorzão aqui e cavou um buraco bem em cima de uma nascente para armazenar água para as vacas beberem no verão. O gado se acabou e o buraco está até hoje ali, cheio de mato. A gente vê que esse tipo de coisa ajudou a secar nosso igarapezinho.

É por isso que para não prejudicar a nós mesmos de novo, vamos fazer tudo com cuidado, devagar, conversando, pedindo apoio técnico para quem entende bem do assunto, para encontrar uma forma de criarmos nossos peixinhos. Todo mundo pensando junto, o serviço rende – e muito.



Açude da aldeia, utilizado pela comunidade para criar peixes.

temas e ações propostas

Desmatamento das matas ciliares das cabeceiras do igarapé Jacundá, de seus afluentes e de suas margens, fora e dentro da Terra Indígena, causando a sua seca

Elaborar e realizar um plano para reflorestamento das áreas ao redor das nascentes dentro da Terra Indígena, principalmente com buriti, buritirana e açai. Buscar apoio de instituições e parceiros para obter mudas e ferramentas.

Formar um canal de diálogo e comunicação da comunidade guarani com a vizinhança e os fazendeiros para proteção da microbacia do igarapé Jacundá, com os seguintes objetivos:

Conscientização sobre a necessidade de respeitar e cumprir a legislação ambiental de proteção das matas ciliares das nascentes e das margens dos rios;

Incentivar **jurua kuery** a recuperar e conservar as nascentes existentes nas suas fazendas, mostrando, como exemplo, o trabalho realizado pela própria comunidade para recuperação das matas ciliares das nascentes e grotas no Tekoa Pyau;

Conversar com pessoas que moram abaixo do curso do Jacundá em relação à Terra Indígena para saber se enfrentam problemas parecidos com os nossos e demonstrar a degradação das cabeceiras do rio. Esse diálogo pode dar força para um enfrentamento conjunto dos problemas entre todos que são impactados com a seca do rio;

Continuar investigando as causas da seca do igarapé e seus impactos, procurando assessoria técnica especializada..



Cursos d'água que formam o igarapé Jacundá são barrados por açudes das fazendas, o que provoca a sua seca

Áreas em torno de nascentes, olhos d'água e grotas estão degradadas e assoreadas por conta do desmatamento das matas ciliares e, por estarem desprotegidas, sem qualquer tipo de cercado, são constantemente pisoteadas pelo gado, o que causa a poluição das águas

Depósito de galões de agrotóxicos na beira de córregos d'água que formam o igarapé Jacundá

Discutir e avaliar melhor, na comunidade e com os fazendeiros, as consequências que os açudes trazem para os cursos d'água e as nascentes, e para a seca do igarapé Jacundá.

Demandar aos fazendeiros o reflorestamento e a construção de cercas no entorno das nascentes, para o gado não pisotear nem sujar a água.

Mobilizar os fazendeiros para não utilizarem produtos tóxicos nem deixarem recipientes ou outras embalagens e lixos na beira de córregos de água.

Diminuição do curso da água e seca do rio Jacundá, sobretudo no verão, e represamento dos peixes nos açudes dos fazendeiros, impactam a pesca da comunidade guarani no igarapé Jacundá

Restrição do acesso da comunidade guarani aos locais de pesca nas redondezas

Propor acordos com os fazendeiros vizinhos da Terra Indígena para que possamos pescar nos açudes e rios localizados fora da Terra Indígena, enquanto não se realiza a recuperação do igarapé Jacundá.

Criatório de peixes na aldeia

Refletir sobre os eventuais impactos da construção de novos açudes sobre os cursos d'água e nascentes. Organizar a comunidade para debater e avaliar, todos juntos, o apoio técnico para a criação de peixes, a escolha das espécies, a divisão das tarefas e os cuidados com os peixes, entre outras coisas.

Pesquisar formas de reaproveitar os açudes que já existem no interior da Terra Indígena, limpar e plantar árvores ao redor. Buscar apoio (da Prefeitura, por exemplo) para concessão de uso de maquinário de limpeza.

Plantar em volta do açude árvores que sirvam de alimento para os peixes, como a gameleira, a acerola, o açai e o marmeleiro [tem bastante na beira da estrada e na mata da Terra Indígena], e que ajudem a proteger a água. O plantio de árvores pode ser uma forma de diminuir os impactos nas nossas fontes de água.



cuidando da nossa aldeia: saneamento básico e lixo

Faz mais de dez anos já que o pessoal da Cohab do Governo do Pará procurou a gente pra saber se não queríamos que eles construíssem casas para nós. A gente ficou alegre demais. A aldeia estava crescendo e já não tinha mais palha para renovar o telhado das casas quando precisava. Era preciso ir muito longe para conseguir. A Cohab construiu, então, trinta casas de alvenaria aqui na aldeia, que é onde nós moramos hoje em dia.

Na época, nós não pensamos muito bem sobre esse projeto e, depois, percebemos o nosso próprio atropelo. Tudo tem que ser pensado, tem que ser imaginado e conversado muito, antes de aceitar. Não que a gente não fosse querer que as nossas casas fossem feitas, mas não seria do mesmo jeito que o **jurua** acha que tem que ser. Chegaram aqui com o projeto já pronto, sem nem ouvir a comunidade.



Um problema muito grande desse projeto para nós hoje são as fossas. Elas foram construídas muito perto das casas. Não foram bem planejadas e viraram um foco grande de mosquito: muito pernilongo, muriçoca, muito mesmo! Tem noite que fica difícil de dormir. Essa é uma questão de saúde que precisa de atenção e que a gente não sabe como resolver.

Outra coisa importante quando pensamos na limpeza das nossas casas e da aldeia, é a questão do lixo. Como hoje em dia precisamos comprar coisas na rua, todo mundo acaba juntando um pouquinho de lixo. É plástico, garrafa, lata de alimentos que a gente comeu, alguma coisa que se quebrou ou ficou muito velha e não usamos mais, fraldas de neném... O lixo gerado na aldeia vem principalmente das embalagens e do descarte de alimentos e produtos industrializados, como plásticos e metais, que não são orgânicos.

Nós até juntamos e guardamos esse lixo, mas a Prefeitura não manda nenhum carro vir aqui buscar. Ninguém vem buscar. Então, mesmo sabendo que não é o melhor jeito de fazer, como não tem outro, a gente queima o lixo para conseguir manter a aldeia limpa.

O trabalho de cuidar do nosso lugar de viver é difícil, mas, se todo mundo participar, pode melhorar. O mais difícil é se organizar. Precisamos conversar melhor, se entender, para não acontecer coisas que prejudiquem nós mesmos na aldeia. Pensar de verdade, planejar e praticar.

temas e ações propostas



Saneamento básico: fossas das casas

Acionar a Cohab, a Prefeitura, a Sesai e a Funai para que as fossas atuais sejam desativadas e novas fossas sejam reconstruídas em locais adequados.

Lixo, coleta, queima e descarte na aldeia

Resíduos orgânicos e recicláveis

Limpeza da aldeia

Insistir e nos mobilizar para que a Prefeitura e os órgãos de controle sanitário e da saúde, como a Sesai, e de meio ambiente, tomem providências para organizar e pôr em prática um plano de coleta de materiais e resíduos recicláveis, reunidos na aldeia pela comunidade.

Discutir e definir na comunidade as formas de descarte de lixo e as condições para a queima, enquanto não é feita a coleta de lixo na aldeia pela prefeitura. Ex: nunca queimar o lixo debaixo de árvores para não prejudicá-las; sempre queimar o lixo longe das casas; tomar cuidado para não perder o controle do fogo; fazer a queima em local seguro; depois que terminar a queima, jogar água para diminuir a fumaça.

Organizar reuniões para conscientizar a comunidade sobre a responsabilidade de cada família em relação aos cuidados com o lixo produzido.

Discutir formas de como e onde fazer o descarte do lixo de modo a causar menos impacto ambiental.

Trocar experiências sobre aproveitamento dos resíduos orgânicos como adubo e como alimento para os animais de criação.

Continuar organizando mutirões de limpeza na aldeia, incluindo a limpeza da beira da estrada, principalmente do mato que cresce debaixo dos postes de energia, e no centro e ao redor da aldeia.

NOSSO JEITO DE SER

Antigamente, a gente não tinha lugar, vivia saindo de um lugar para outro. Ficava um mês, às vezes seis meses, oito meses, um ano, aí ia embora. Não tinha como se fixar em nenhum lugar. A gente tinha os conhecimentos, mas nunca a gente parava em um lugar nosso mesmo para ter como praticar tudo o que sabíamos.

Essa nossa caminhada - **jaguata porã** - já era uma tradição, um jeito de ser de nosso povo, mas foi só depois que chegamos aqui na nossa Terra que começamos a fortalecer nossos costumes. Aqui é nossa aldeia, nosso lugar, então podemos fazer as coisas do jeito que nós queremos. Foi a partir desse pensamento que começamos a criar. Aqueles conhecimentos que nós recebemos dos nossos pais, dos nossos avós, e que os nossos pais tiveram dos outros mais velhos, foram fortalecidos quando chegamos aqui. E, com o passar do tempo, também fomos criando novos conhecimentos e somando com os que nós já possuíamos. Tem um modo tradicional de viver aqui, que junta os conhecimentos que recebemos dos antigos e os que fomos aprendendo e criando desde que chegamos nesta nossa Terra. Tudo isso faz parte de uma mesma tradição, que é própria deste lugar.

Nós chegamos aqui em 1996. De lá para cá, um dos nossos costumes é plantar roça todo ano: plantar mandioca, macaxeira... Isso tudo faz parte de uma tradição que nós adquirimos quando éramos crianças, quando víamos nossos pais plantarem. Mas nós também começamos a cantar, a tocar e a ensinar as crianças, de um jeito que não fazíamos antes de viver aqui. E isso veio fazer parte de uma tradição nossa, mesmo, dos Guarani que vivem hoje aqui no Tekoa Pyau. É como a pintura, que é um costume que a gente tinha o conhecimento, estava dentro da gente, mas ainda estava quieto. A pintura corporal que fazemos começou quando chegamos aqui. Então, ela se tornou também uma tradição. Já ouvimos algumas histórias que o **Mbya kuery** não pintava assim como nós. Mas, a partir do momento em que se começa a utilizar um conhecimento, mesmo que de outro jeito, passado um tempo, ele se torna parte da tradição. E isso só foi possível de fazer quando chegamos onde estamos vivendo hoje. É por isso que a gente diz que o cuidado e a garantia da nossa Terra andam juntos com o fortalecimento da nossa cultura e da nossa espiritualidade. Uma coisa alimenta a outra e é daí que vem a nossa força.

Quando falamos de nossa espiritualidade, a conversa é um pouco diferente do que nós dissemos sobre os cantos e as pinturas, porque a gente não tem mais nosso **nhanderu**. Tem alguns rituais que aconteciam ao longo da vida do Guarani e que agora não fazemos mais. Por exemplo, quando uma jovem ou um rapaz estão no processo de passar de criança para a fase adulta, o ritual é importante para o bem-estar da pessoa e da comunidade. Fazer essa passagem, deixar de ser **kyringue** e tornar-se **ava** ou **kunhã** é um momento perigoso em que a pessoa fica muito exposta a sofrer algum tipo de mal. Tem também um outro ritual importante para os Guarani que é o Nhemongarai, quando as crianças recebem seus nomes. É Nhanderu Ete quem envia o nome das pessoas, e é preciso ter um **nhanderu**, que consiga ouvir os nomes, pra fazer a cerimônia do **nhemongarai**. Não é qualquer pessoa que descobre o nome verdadeiro da criança. E o nosso **nhanderu**, que tinha esse conhecimento, a gente não tem mais. Quando ele era vivo, veio um fortalecimento muito grande, mas ele não está mais aqui. E de uns anos para cá os nossos velhos estão indo também e nós nos enfraquecemos.

Precisamos sentar e pensar melhor nisso. Se queremos nos preparar espiritualmente para o **nhemongarai**, se vamos plantar o milho e fazer o **mbojapé**, se vamos conseguir mel... Porque não é assim tão simples - o **xeramõi** chegando e mandando a gente fazer uma “filinha”, e todo mundo indo até ele e pegando o nome. Não funciona assim, não é que nem cartório, não! Precisamos começar a conversar sobre isso, fazer o movimento acontecer, senão os jovens não vão ter interesse, não vão nem saber que existe esse ritual. Precisamos aprender com os **xeramõi** e as **xejaryi** que guardam esse conhecimento e ainda estão com a gente, e incentivar os jovens a aprender e a valorizar esse conhecimento também. No futuro, quem sabe alguém dessa nova geração que está vindo pode se tornar um **nhanderu**. Nossos mais velhos já nos contaram que o nosso último **nhanderu** que morreu, o Manoel, falou que antes do mundo acabar, ainda iria surgir outro **nhanderu** entre nós. Mas isso iria acontecer no tempo do “final da Terra”. Quando o velho Luís estava para morrer, ele falou a mesma coisa. Falou que antes do mundo acabar, ainda iria surgir um **nhanderu** aqui na aldeia. Ele disse: “Se eu ainda estiver vivo, eu quero deixar de tudo mesmo, quero esquecer tudo e quero voltar pra **Opy**”. Ele falou desse jeito. Essa é uma coisa importante de ser lembrada.

■ “Raimundo Karai sempre falava para nós que antigamente tinha uma **Opy** e contava que, quando uma criancinha nascia, o **nhanderu** colocava o nome. Não é qualquer um que pode fazer isso. Porque é **nhanderu** que tem o espírito que vai fazer contato com o espírito da criança e ouvir o seu nome. Ele falava: “Hoje, eu não posso dar o nome para vocês porque eu não consigo falar diretamente com **Nhanderu Ete**, porque a gente está andando e não temos mais o lugar próprio para fazer a **Opy**. É por isso que vocês, meus filhos, não têm mais nome”. O único filho que tem nome guarani é o João. O nome dele é Werá. Quem deu foi **nhanderu Manoel**”.

Maria Regina, TI Nova Jacundá, 2019. ■

Nossa **Opy** é o lugar onde nós entramos para buscar o nosso fortalecimento espiritual. Tem pessoas que não entendem e acham que essa é uma casa qualquer. Não é. Essa nossa **Opy** tem uma história. Ela vem desde o início, muito antes dos nossos parentes mais velhos existirem, e até hoje ela está aqui. A história da **Opy** é muito grande.

Outra preocupação que nós temos é com a nossa língua com o perigo das novas gerações deixarem de falar a língua Guarani Mbya e de perdermos o conhecimento que vem dela. Hoje em dia existe muita influência da vida do **jurua** na educação e na cultura de nossa aldeia, e a maioria dos jovens não falam e têm dificuldade em aprender a nossa língua guarani. Alguns entendem bem o que os pais dizem quando falam com eles na língua mas, no dia a dia, usam mesmo o português.

O fortalecimento da língua vem junto com o fortalecimento e a valorização dos conhecimentos dos mais velhos e da nossa cultura. Temos essa preocupação quando pensamos no projeto político-pedagógico de nossa escola. É um grande desafio para nós, ter a educação escolar como uma ferramenta para levar nossos conhecimentos aos mais novos. Hoje, é pela escola que chegam, às crianças e aos jovens da aldeia, as principais influências do mundo do **jurua**, pois a maioria dos professores é de fora e não são muitos os que se interessam em conhecer um pouco mais da nossa língua, de

nossa cultura. Muitos chegam aqui e querem ensinar, do jeito deles, o conhecimento do **jurua**. Eles não se preocupam em nos escutar.

Às vezes, é a própria Secretaria de Educação que impede o professor de fazer um trabalho diferente com a gente. É comum, nos períodos de festas e outras atividades coletivas na aldeia, que as crianças e jovens sejam liberados das aulas para participarem. Isso é muito importante para nós, porque é um momento de aprendizado para eles. Mas já aconteceu de um secretário impedir os alunos de participarem dessas atividades, dizendo que aprender sobre nossas pinturas não fazia parte das atividades da escola porque saía dos conteúdos dos currículos que eles queriam nos fazer seguir.

Seria muito bom se tivéssemos apoio para arrumar um professor para trabalhar somente com a língua guarani e os conhecimentos guarani com todos os jovens e não apenas com as crianças. Ajudaria muito. Ou, então, que alguns professores guarani ou **xamõi** de outras aldeias pudessem vir para cá viver um tempo com a gente. Já aconteceu de virem para cá aqueles que viveram com a gente no tempo em que estávamos no Maranhão e que, depois, foram viver em aldeias em São Paulo e Rio de Janeiro. Eles voltaram e passaram quatro anos aqui na aldeia e foi muito bom. A convivência entre as crianças incentivou as daqui a aprender a nossa língua.

Eram duas famílias com um bocado de crianças que falavam só na nossa língua. Elas se enturmaram com os nossos meninos daqui e deu certo. Nossas crianças começaram a falar guarani. Em nossa **Opy** também foi um fortalecimento grande nessa época. O Joaquim, sobrinho do nosso velho Karai [Raimundo], estava aqui e nós entrávamos com ele na **Opy**. Não havia um dia em que os meninos não entrassem na **Opy** para cantar. As crianças chegavam todas muito animadas. Essa época foi de um fortalecimento muito grande para cada um de nós. Deu muito certo pra nós. Mas o Joaquim foi embora com sua família e o trabalho não teve continuidade. Hoje, os mais novos que estão aqui falam mais o português mesmo. Essa experiência de trabalho voltado para a cultura e para a língua guarani é que nós precisamos recuperar para ensinar as crianças mais novas.

A gente também quer colocar mais no papel as histórias e palavras dos antigos para que os mais novos possam ouvir e ver, sentir ao menos um pouquinho daquilo que nossos avós viveram, imaginar como era esse tempo em que eles estavam todos juntos, quando tínhamos ainda nosso **nhanderu**. Pensamos em fazer mais **kuaxia** (livros, cartilhas), porque isso tudo ajuda muito. Nossos professores trabalham com esses materiais na escola, com as cartilhas que nós já fizemos ou que outros Guarani nos deram quando alguns de nós visitaram suas aldeias.

■ “Eu já tive uma ideia para fazer um **filme**, e isso já vem há muito tempo. Desde quando nós chegamos aqui que eu tenho a ideia de fazer um filme da aldeia. E sempre eu procurei fazer esse filme que eu tenho em mente. Nós já pedimos, mas nunca ninguém chegou aqui para ajudar a gente fazer.

É sobre o viver mesmo do povo guarani, esse é o filme. O que acontece em janeiro, em fevereiro, o ano todo, o ciclo. Começa com a roça, o que fazemos primeiro na roça, e depois vai indo, vai indo... Os cantos, os dias de festa, queria deixar tudo registrado.

Como exemplo, tem essa roça que está derrubada agora. Quando for novembro, a gente vai estar plantando e quando for no outro ano a gente já vai estar colhendo. Então a minha ideia de fazer o filme é mais ou menos nesse sentido, seguindo o nosso calendário. E aí, cada um na comunidade vai dando uma ideia e, assim, a gente vai fortalecendo e enriquecendo o filme”.

Leonardo Guarani, TI Nova Jacundá, 2018. ■



“Seria muito importante se um **xeramõi** que fala mesmo na língua, conhecedor dos costumes e da história dos Guarani, viesse morar aqui com a gente. Estou pensando num **xamõi** de outra aldeia, alguém que chame mesmo a atenção dos nossos meninos. Nenhum deles sabe dessas histórias. Talvez eles se interessassem mais se convivessem com alguém que conhece bem as coisas que o **xamõi** Pedro ensinou a fazer quando esteve aqui: **monde, mondepi, moã**. Talvez eles se interessassem mais se vissem alguém que conhece essas coisas.

Na minha aldeia dos sonhos, eu queria que todas as crianças falassem na língua guarani, “tudinho” falando na língua.

Eu queria que os pais dos alunos participassem mais das atividades durante as aulas – não só na sala como também em outros ambientes. Que os alunos, quando saíssem da minha aula, chegassem em casa e encontrassem os pais falando na nossa língua. Começa pelos pais, eu penso assim, começa por mim mesma, como mãe. Em pouco tempo, os meninos iriam falar na língua, entender o que é o passado.

Hoje, os alunos não sabem como era nosso passado. Não querem respeitar aquilo que é verdadeiro para nós, os mais velhos. Muitas vezes, quando a gente conta, eles olham pra cara da gente e falam:

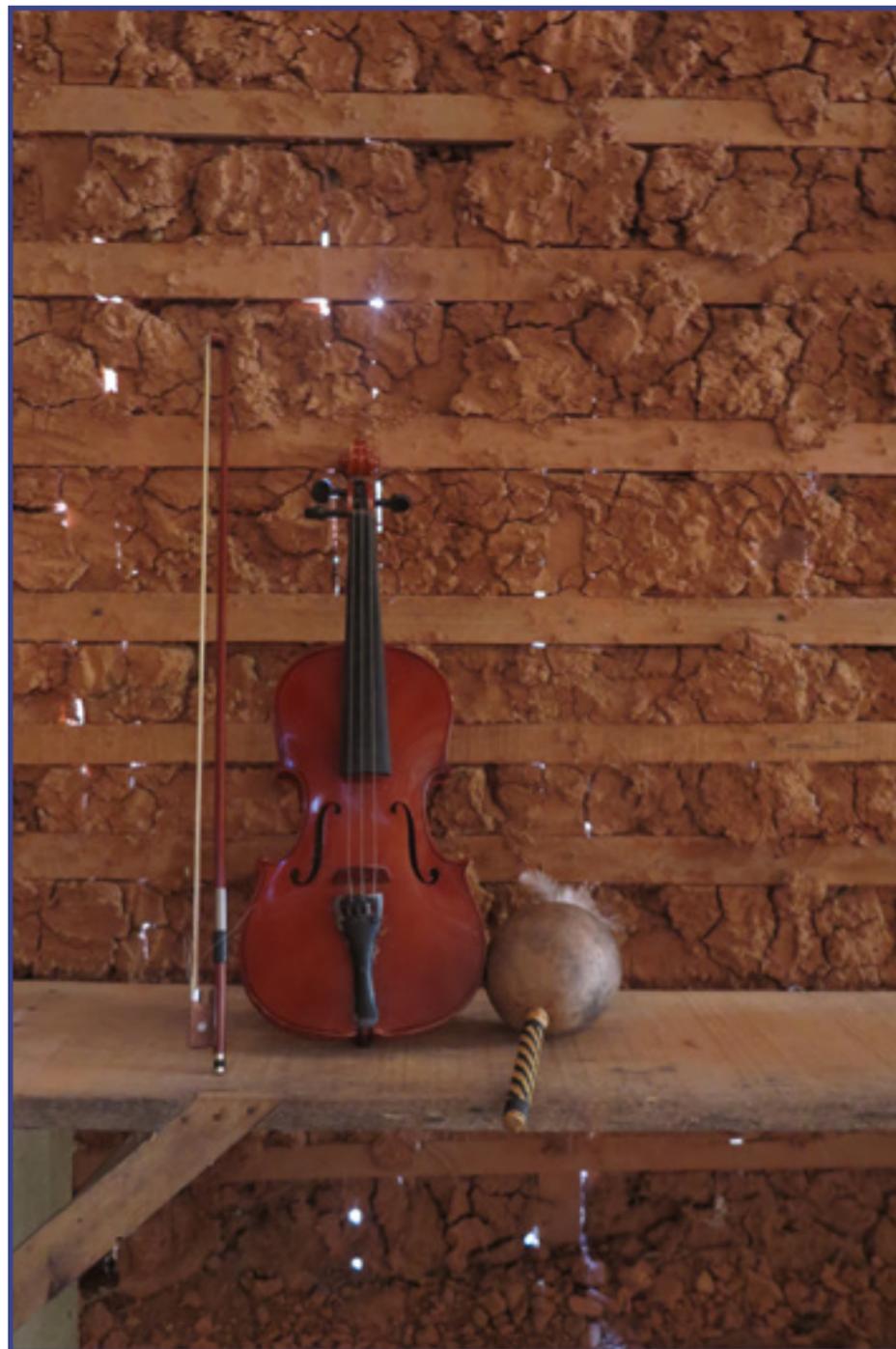


“Ah, tu está é mentindo. Isso aí nunca aconteceu!”. Porque isso já aconteceu comigo é que eu falo isso.

Isso tudo é a nossa própria história, mas quem é que vai contar essa história? O que significa a **Opy**? Pra que tem a **Opy** na aldeia guarani? Pra que serve? Isso aí tudinho nós precisamos ouvir, contado pelos mais velhos, para as crianças de hoje entenderem. Talvez elas tenham também alguma pergunta que é preciso botar pra fora. Aí tem que ter alguém para responder.

Na aldeia dos meus sonhos eu queria que fosse diferente. Que a gente pudesse fazer diferente. Eu mesma ia tentar fazer diferente. Porque quando eu falo assim, eu não estou falando dos outros. Eu também estou falando de mim, e de tentar, todo mundo junto, fazer melhor. Um ajudando o outro, uma família ajudando outra família, tentando juntos para ver se a gente consegue tudo de novo. Isso é bom”.

Maria Regina, TI Nova Jacundá, 2018.



Instrumentos musicais utilizados em rituais no interior da **Opy**.

(Ao lado **Opy'i**, ao lado de um pé de coité, ou cujuba).

ore mborai - nosso canto

O trabalho do nosso coral também é muito importante para nós. No ano 2000 aconteceu o primeiro evento cultural em Marabá. A partir desse momento tivemos a ideia de criar um coral guarani aqui na comunidade. Nesse tempo, João [Werá] já estava bem envolvido, já estava nos ensinando a cantar, porque ele tinha vindo lá das aldeias em São Paulo, trazendo algumas músicas que foi nos ensinando a cantar e a tocar. E, na época em que aconteceram os Jogos Indígenas - eventos esportivos criados e organizados por Marcos Terena e Carlos Terena - o pessoal daqui foi convidado. Então, a partir daí, veio essa ideia de ter o primeiro coral aqui na comunidade. Crianças, jovens, adultos, todos nós participamos do **Coral Mitã Mbaraete Guarani**.

A gente já se apresentava sempre em Belém. Quando tinha um evento cultural, a gente era sempre convidado a levar as crianças para se apresentar para **jurua kuery** mesmo assistir. A gente fez apresentação também no Teatro da Paz, em Belém, e ali teve muita gente assistindo. Nas igrejas católicas e evangélicas, os padres e os pastores sempre vêm convidar as crianças para se apresentarem.

O coral é uma conquista que fizemos juntos, com a força dos nossos parentes guarani que vieram de São Paulo, em 2004, com o **xeramõi** Kambá, para nos visitar e ensinar os cantos e a dança do **xondaro**. De lá para cá, os nossos professores Maria Regina e Edimar cuidaram para que o coral continuasse.

Hoje, nós temos dezessete músicas, todas daqui mesmo, da aldeia. As letras que nosso coral canta são todas na língua. Os mais novos cantam bem na nossa língua, entendem do que a música está falando. O coral é um incentivo para aprender a língua, mas ainda assim eles não falam sempre guarani no dia-a-dia.

Nós tentamos passar um pouco de toda essa tradição para nossas crianças e os mais jovens. Quando nós que hoje vivemos aqui estávamos espalhados, muitos não tivemos esse conhecimento que agora tentamos passar para elas. A sabedoria dos mais velhos é muito importante, e os jovens e as crianças precisam aprender com eles. O conhecimento da língua, dos costumes, o entendimento do mundo que **xeramõi kuery** e **xejaryi kuery** aprenderam com os pais e avós deles, as histórias que eles fizeram para nós, são importantes para termos um rumo, para não ficarmos perdidos. E os mais novos só vão ter o conhecimento da cultura guarani se a geração atual se preocupar em mostrar esses conhecimentos para as crianças, oferecer um caminho para o futuro delas. Este livro é uma tentativa de fazermos isso, é uma forma de lembrarmos e agradecermos a luta, o esforço, a sabedoria e a terra que nossos antigos nos deixaram. **Aguyjevete!**

Crianças do Tekoa Pyau com pinturas corporais feitas com a tinta extraída do jenipapo. A pintura corporal é um costume que estava quieto dentro da gente, e começamos a utilizar esse conhecimento quando chegamos na terra onde vivemos hoje.



“Em 1996 eu cheguei aqui. Não tinham todas essas casas que existem hoje. Essa parte onde moramos era só capim. No lugar onde é a escola tinha casa. Os moradores eram bem poucos. Depois disso é que foi se desenvolvendo, espalhando as casas por aí, fazendo o plantio dos pés de manga.

Foi aqui que eu comecei a ouvir sobre a nossa cultura. Eu ouvia a tia Benedita falar. Ela falava sobre como era antigamente, de onde o pessoal veio, para onde eles estavam indo. Aí que eu comecei a ouvir a história guarani. Porque antes, quando morava ainda com os Karajá, eu não ouvia essa história. Foi aqui que eu comecei a ouvir essas histórias.

Eu me lembro também que o Benedito - ele até já faleceu - passou um tempo em São Paulo. Quando voltou, ele tinha o hábito de cantar as músicas da **Opy regua**. Aí, eu passei a cantar junto com ele. A gente pegava o violão, o **petýgua**, e fazia um ritualzinho. Usava o **petýgua** e depois cantava. Uma das histórias que conheci contava que, entre nossos antepassados, não era qualquer pessoa que usava o **petýgua**. Era somente o **xamõi**. Somente ele que usava o **petýgua** na **Opy**. Outras pessoas não usavam.

Outra coisa que eu aprendi é que antes também não se tocava o **mbaraka**, que é o violão. Usava o **takuapu**, **angu'apu**, e o **mbaraka miri** - e só também. Mas como as coisas vão se modificando, começamos a praticar, a usar o violão, o **petýgua**... Eu sei que para mim foi uma experiência muito boa porque além de conhecer, eu pude começar a praticar um pouco daquilo que eu só tinha ouvido falar”.

Edimar Pereira Guarani, TI Nova Jacundá, 2018.

■ “As canções e as músicas a gente aprendeu basicamente quando veio o **xeramõi** José Fernandes (Kambá Puku) da aldeia Tenondé Porã (SP). Foi a partir daí que a gente foi desenvolvendo mais o que a gente já tinha aprendido antes. Porque a gente sabia de alguma coisa antes, mas quando o **Xamõi Kambá** veio - e com ele veio também a **xejaryi** Rosa, o **xamõi** Elias e o Timóteo - foi uma força muito grande que a gente ganhou da parte deles. Então foi assim que a gente aprendeu mais. Nesse tempo a família da Ana (de Parati Mirim, RJ) e todas as crianças dela estavam morando aqui com a gente e elas também falavam e cantavam em guarani.

A partir daí, depois desse momento em que eles vieram e retornaram novamente para o sul, aí esse conhecimento já ficou com nós mesmos. Eu tomei a frente, tomei a direção de todo o trabalho aqui com o coral, com as crianças cantando, aí surgiram também as primeiras canções daqui mesmo, nossas, sem precisar utilizar as músicas dos parentes do sul.

E como isso aconteceu? Através da concentração mesmo, com o som do violão, com o som do **rave’i**. A partir daí foi surgindo comigo essas canções, a melodia, as letras, até que aconteceu o momento de eu escrever. Claro, tudo isso através de Nhanderu Ete, porque somente ele pode estar nos inspirando. Então todas as músicas que nós temos são inspiradas, são vindas, de fato, de Nhanderu. Era isso que eu queria complementar”.

Edimar Pereira Guarani, TI Nova Jacundá, 2021. ■

temas e ações propostas



Fortalecimento cultural

Aprofundar com os alunos da escola as discussões sobre a história da aldeia e dos Guarani de Nova Jacundá, sobre o trabalho nas roças, o cuidado com o ambiente da aldeia e com a cultura guarani, continuando o caminho que percorremos durante a elaboração do PGTA.

Produzir conteúdos em vídeo e em textos com as histórias dos mais velhos. Por exemplo, sobre a “Terra sem males”, razões para não termos conseguido fazer a travessia, por que viemos parar aqui em Nova Jacundá, entre outros.

Planejar e buscar recursos para realizar mais intercâmbios com parentes guarani para incentivar os casamentos e fortalecer os conhecimentos e técnicas tradicionais. Como exemplo, os ensinamentos sobre como esculpir bichinhos de madeira, trançar cestos (**ajaka**), fazer rabeça (**rave**) e outras artes e artesanatos.

Buscar parcerias para realização de intercâmbios com outros povos indígenas para compartilhar conhecimentos e experiências.

Continuar organizando oficinas sobre artesanato dentro da própria aldeia.

Manter as manifestações tradicionais como as pinturas corporais e o coral da aldeia.

Fortalecer a dança e a arte do **xondaro**.

Fortalecimento cultural

Conversar e planejar meios para a realização de rituais e da cerimônia do Nhemongarai.

Valorizar a **Opy'i** e dar condições para que um líder espiritual (um **xeramõi** ou **nhande-ru**) se revele de novo aqui no Tekoa Pyau. Trabalhar para que uma pessoa mais jovem tenha essa vontade e se desenvolva. Refletimos e entendemos que, mesmo que uma pessoa não seja feita para ser um líder espiritual, Nhanderu Ete verá o esforço dela ao fazer o trabalho do **xamõi** com o seu próprio conhecimento. Quem sabe, um dia, ele mande de novo alguém que seja especial, que nasceu mesmo para ser **nhanderu**.

Valorizar todo o processo de preparação e organização das atividades culturais, como nossas festas, e não só o momento em que elas acontecem.

Incentivar famílias que falam a língua guarani a virem morar na nossa aldeia.

Continuar fortalecendo e lutando por uma educação diferenciada na língua guarani mbya.

Buscar apoio para fazer mais livros e cartilhas na língua guarani mbya.

Dar aulas na língua guarani, para todos e não apenas para as crianças, dentro da sala de aula e em outros ambientes do **tekoa**.

Buscar apoio para incentivar visitas dos **xeramõi**, **xejaryi** e crianças das aldeias do Sul e Sudeste à aldeia de Nova Jacundá, para estimular o aprendizado da língua guarani.

Trocar experiências com outros professores guarani e informações sobre PPP - Plano Político Pedagógico e elaboração de materiais diferenciados.

Valorizar o coral da aldeia como forma de aprendizado da língua guarani, através dos cantos e das músicas.

Organizar encontros na Opy para escutar as histórias contadas pelos mais velhos.

Buscar recursos e parcerias para promover encontros entre jovens guarani de Nova Jacundá e do Sul e Sudeste.

Dar continuidade ao coletivo de audiovisual **Mitã Mbaraete**, que se formou durante a elaboração do PGTA.



Coral de meninas no interior da **Opy**: bonecas com pintura corporal - arte de Maria Regina, 2021; dança das **xondarias** no pátio da aldeia em 2012.

(Nas próximas páginas: O céu no Tekoa Pyau; Jaxuka olhando através do coração, em frente ao açude da aldeia).

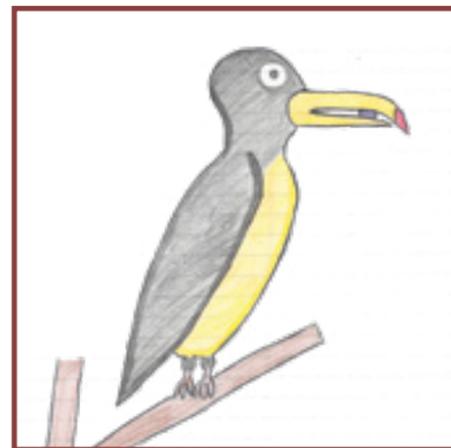


Animais que vivem na Terra Indígena Nova Jacundá

Macaco-soím
Mambira (Tamanduá-mirim)
Mucúra (Gambá)
Onça-pintada
Onça-preta
Onça-vermelha
Paca
Papa-mel
Peba (Tatu)
Peba-rabo-de-couro (Tatu)
Porcão (Queixada)
Preguiça
Quati
Raposa
Tamanduá-bandeira
Tatu
Tatu-canastra
Veado-fubóca (Catingueiro)

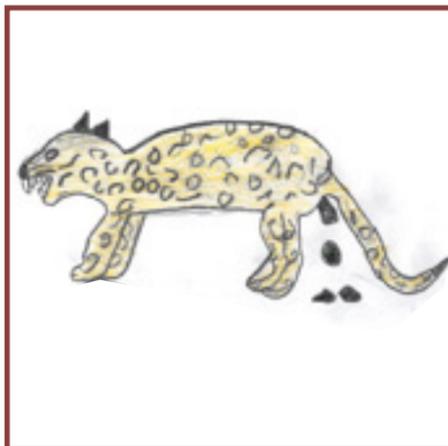
Bichos da mata

Anta
Cachorro-do-mato
Caititú
Capivara
Coelho
Cuandú (Porco-espinho; **Kui'i**)
Cutia
Esquilo
Gato-maracajá
Guaxinim
Jaguaririca
Lontra
Macaco-aranha
Macaco-cairara
Macaco-cuxiú
Macaco-da-noite
Macaco-guariba (e Capelão, que é o macho)
Macaco-mão-de-ouro
Macaco-prego



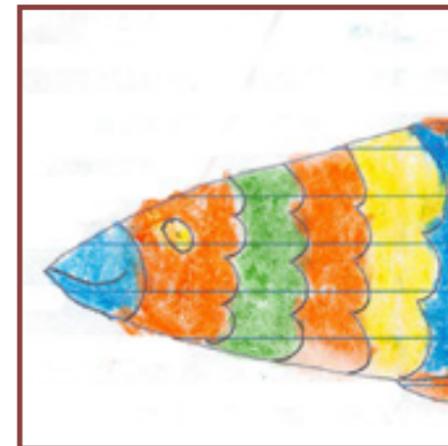
Aves

Alma-de-gato
Andorinha
Anú
Araçari
Aracuã
Arara
Azulão (espécie de **Nambu**)
Bem-te-vi
Bico-de-agulha (**Xijovy**)
Bico-de-brasa
Bigodinho
Caburé
Caipóra
Coleiro
Coruja
Curica
Curica-arara
Curió
Galinha-d'água



Garça-branca
Gavião-real
Guriatã
Lúma
Jaburu
Jacú
Juriti
Mãe-da-lua (Urutau)
Beija-flor (**Maino`i**)
Manguari
Marreco
Martim-pescador
Mutum
Nambú
Papagaio
Pato-do-mato
Peito-de-aço
Perdiz
Periquito
Pica-pau
Pipira-azul
Pipira-preta
Pomba
Fogo-pagou (**Pyku`i**)
Quero-quero (Tetéu)
Quiziu
Rasga-mortalha (Coruja)
Resconga
Sabiá
Sangue-de-boi
Saracura

Socó-bi
Socó-boi
Tucano
Urubu
Urubu-rei
Uruí (Codorna)



Peixes

Arraia
Baiaçu
Beré
Bicuda
Cará
Cari
Cascudo (**Jakare petyngua**)
Cuiu-cuiu
Lú
Jacundá (Sabão; Mariana)
Mandi
Matrinchã
Muçum

Pau-de-nego
Piau-cabeça-gorda
Piau-vara
Piava
Piranha
Puraqué
Sete-légua
Surubim
Traíra
Zé-ganga

Outros bichos da água

Capininga (Cágado)
Capivara
Jacaré
Lampréia
Lontra
Piolho-de-boto
Sucuri
Sucuri-coral



Cobras

Caninana
Cobra-cega (Cobra-de-duas-cabeça)
Cobra-cipó
Cobra-preta
Coral-falsa
Coral-venenosa
Derriba-boi
Jararaca
Jararaca-do-rabo-seco
Jibóia
Papa-pinto
Papagaia
Pico-de-jaca
Saramanta
Sucuri
Sucuri-coral
Surucucu
Surucucu-de-fogo
Tirando-a-bóia (Cobra-de-asa)

Insetos

Aranha
Carapanã
Carrapato
Carrapato-estrela
Escorpião
Formiga-de-fogo
Formiga-quitangueira
Largarta
Maribondo-asa-branca
Maribondo-chapéu (**Kavy xombrero**)
Maribondo-chumbinho
Maribondo-pega-vaqueiro
Maribondo-surrão
Maribondo-tatu
Maribondo-três-sete
Marimbondo
Mosca
Mucum
Muriçoca
Maruim
Mutuca
Mutuca-cabo-verde
Mutuca-de-cavalo
Orópa (Abelha)
Paquinha (**Tavyja`i**)
Potó
Pulga
Tanajura
Taxi (Formiga)



Espécies e variedades de interesse da comunidade para plantio na Terra Indígena Nova Jacundá

Adubação verde

Crotalaria
Feijão-de-porco
Feijão-guandu
Mucuna

Planta estratégica para recuperação de áreas com capim

Ingá



Palmeiras

Açaí (variedade precoce)
Buriti
Buritirana
Coco
Jarina
Macaúba (do Tocantins)
Palha
Paxiba
Pupunha



Frutas nativas

Ata
Bacuri
Biribá
Cacau
Cupuaçu
Graviola
Pequi (do Tocantins)
Taturubá
Uxi

Grandes árvores da floresta

Andiroba
Castanha-do-pará
Cedro
Ipê
Jatobá
Mogno
Pau-preto

Plantas dos parentes Guarani do Sul e Sudeste

Yvyra ratã e`y (Caxeta)
Kurupika'y (Pau-leiteiro)
Pindo (Jerivá)



Outras

Café
Cana
Cipó-do-índio
Taboca
Taquari

Bibliografia / para saber mais

Alencar, Maria Cristina Macedo. (2018). Eu acho que os índios não querem mais falar na linguagem por causa do preconceito, não é professora!: desafios na educação escolar intercultural bilíngue entre os Aikewara & Guarani Mbya no sudeste do Pará. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina.

Guarani Mbya. (2005). A presença de Deus na história e na vida do povo Guarani Mbya: contar para viver, viver para contar (Nhänderu odjeku'a nhānenhe emrupi nhadeayú py Guarani Mbya). Rondon do Pará: Comunidade indígena Guarani Mbya do Tekoa Nova Jacundá - Pará.

_____. (201?). Cartilha Mbya Guarani Nhanhembo e Avã Nhandeayvupy.

Guarani, Para'i Lopes e Véronique, Isabelle. (2018). Mbya Kuery Jogueroguata Yvy Jupy. Belém : s.n.

Ladeira, Maria Inês. (1994). Informe sobre os Guarani de Marabá (PA) que vivem na A.I. Mãe Maria. São Paulo : Centro de Trabalho Indigenista.

_____. (2006). Depois da Migração, o Reencontro. In: Carlos Alberto Ricardo e Fany Pantaleoni Ricardo (Ed.). Povos Indígenas no Brasil, 2001-2005. São Paulo : Instituto Socioambiental.

Machado, Almiros Martins. (2015). Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe'y: de sonhos ao Oguatá Guassú em busca da (s) terra (s) isenta (s) de mal. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Belém : Universidade Federal do Pará.

MAPA GUARANI CONTINENTAL. (2016). Povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. Equipe Mapa Guarani Continental.

Marqui, Amanda Rodrigues. (2012). Tornar-se aluno(a) indígena: a etnografia da escola Guarani Mbya na aldeia Nova Jacundá. Centro de Educação e Ciências Humanas, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Carlos : UFSCar.

Mendes Júnior, Rafael Fernandes. (2016). A saga rumo ao norte e os outros do caminho: a busca da terra sem mal entre os Guarani. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Silva, Juliano Almeida da. (2012). Relatório de qualificação da reivindicação de terra dos Guarani Mbya da Terra Indígena Nova Jacundá, localizada no município de Rondon do Pará - PA. Serviço de Gestão Ambiental e Territorial, Coordenação Regional do Baixo Tocantins. Marabá : Funai.

Centro de Trabalho Indigenista (Org.). 2017. Mapa Guarani Digital. Disponível em: <<https://guarani.map.as/#!/>>.

Placa não fala. (1996). Direção: Dominique Gallois; Vincent Carelli. Produção: Projeto Vídeo nas Aldeias – Centro de Trabalho Indigenista; GTZ (GIZ).

Lista de siglas

CF de 1988: A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Constituição Federal é a lei suprema dos Estados nacionais.

CGY: A Comissão Guarani Yvyrupa é uma organização indígena que reúne os diferentes grupos do povo guarani em torno da luta pelo território e por outros direitos. Constituída em 2006, o trabalho e a ação política da CGY se orientam pela escuta dos anciões e das lideranças do povo guarani.

CIMI: O Conselho Indigenista Missionário é uma entidade vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), um órgão da Igreja Católica. Tendo como objetivo a defesa dos direitos indígenas, a atuação do CIMI se pauta, sobretudo, pela promoção da articulação e da aliança entre diferentes povos e desses com outros movimentos sociais.

Cohab: A Companhia de Habitação do Estado do Pará é uma empresa pública de economia mista responsável pela execução da política habitacional no âmbito estadual, com foco na população de baixa renda.

CPT: A Comissão Pastoral da Terra foi fundada no ano de 1975 com o objetivo de acompanhar e apoiar as lutas de trabalhadores e trabalhadoras rurais no Brasil pelo direito à terra e por condições dignas de trabalho no campo. É vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), um órgão da Igreja Católica.

CTI: O Centro de Trabalho Indigenista é uma organização não governamental sem fins lucrativos fundada em 1979 dedicada à proteção dos direitos constitucionais dos povos indígenas no Brasil, contribuindo para que assumam o controle efetivo de suas terras. O trabalho do CTI se caracteriza pela atuação direta nas Terras Indígenas, baseando-se em iniciativas locais e na valorização dos modos de fazer próprios de cada povo.

Emater: A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural é uma instituição pública estadual que tem dentre seus objetivos a prestação de assistência técnica nas áreas de ciências agrárias e humanas à agricultura familiar de forma a contribuir com a geração de renda e a promoção da segurança alimentar e nutricional no campo.

Funai: A Fundação Nacional do Índio é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Instituída em 1967, a autarquia tem por finalidade a proteção e a promoção dos direitos dos povos indígenas, por meio da coordenação, monitoramento e implementação das políticas

destinadas aos povos indígenas no país. Dentre as atribuições da instituição está a regularização das terras ocupadas pelos povos indígenas.

Ibama: O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis é órgão responsável pela execução das políticas nacionais de meio ambiente sob responsabilidade do Governo Federal. Além da fiscalização e do exercício do poder de polícia no que se refere ao cumprimento da legislação ambiental, compete à instituição o licenciamento de grandes empreendimentos com danos potenciais ao meio ambiente.

IFPA: O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará é uma instituição pública cuja prática pedagógica se funda no tripé ensino, pesquisa e extensão, oferecendo formação técnica nos níveis médio e superior. O Campus Rural de Marabá do IFPA oferta cursos específicos para os povos indígenas da região.

ITR: O Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural é um tributo constitucionalmente instituído cobrado sobre o domínio, a posse ou a propriedade de imóvel localizado fora do perímetro urbano municipal.

MPF: O Ministério Público Federal é a instituição incumbida pela Constituição Federal brasileira, dentre outras atribuições, de promover a defesa judicial dos direitos e interesses dos povos indígenas no país. O MPF não faz parte de nenhum dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), atuando como fiscal do cumprimento das leis editadas no país ou decorrentes dos tratados internacionais assinados pelo Brasil.

PGTA: O Plano de Gestão Territorial e Ambiental consiste em um instrumento de implementação da Pngati [ver verbete seguinte] que, mobilizando ferramentas de etnomapeamento e etnozoneamento, reúne acordos de um povo quanto ao uso dos recursos ambientais de uma dada Terra Indígena e apresenta demandas nesse sentido aos diferentes operadores de políticas públicas e instituições não indígenas. Os PGTA têm por princípio o protagonismo e a autonomia dos povos indígenas em sua elaboração e implementação, e objetivam promover o bem-viver e o efetivo controle das Terras Indígenas pelos povos que as ocupam.

Pngati: A Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas foi instituída através do Decreto nº 7.747, de 5 de abril de 2012, após um processo de construção participativa que se estendeu durante os três anos anteriores em várias regiões do país. Trata-se de um arcabouço legal que nasce do desafio de se criar instrumentos para a proteção e uso

sustentável das Terras Indígenas de modo a assegurar as condições necessárias à vida das atuais e futuras gerações em áreas cercadas por pressões de toda a sorte.

Programa Bolsa Família: Programa de transferência de renda do Governo Federal brasileiro. Instituído em 2003, consiste em auxílio financeiro destinado a famílias pobres que tenham dentre seus membros mulheres grávidas ou crianças e adolescentes entre 0 e 17 anos, sob condições como a frequência escolar e o acompanhamento de saúde das gestantes.

Projetos de Assentamento: Os Projetos de Assentamento ou PAs são áreas destinadas à reforma agrária, compondo-se de um conjunto de lotes agrícolas entregues pelos órgãos agrários públicos a famílias sem condições econômicas para adquirir um imóvel rural e da infraestrutura e assistência técnicas necessárias à sua respectiva viabilidade.

Prevfogo: O Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais é vinculado ao Ibama e atua na prevenção e combate a incêndios florestais em todo o país. Dentre suas ações está o treinamento e a capacitação de brigadistas voluntários ou contratados anualmente pela instituição.

Sesai: A Secretaria Especial de Saúde Indígena é a instituição responsável pela coordenação e execução da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas e pela gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena no âmbito do Sistema Único de Saúde. À Sesai compete o atendimento primário prestado diretamente nas aldeias e a implementação de uma política de saúde diferenciada, que valorize, respeite e considere as práticas de saúde indígenas na interlocução com a medicina ocidental.

TI: Terra Indígena é, nos termos da legislação vigente, uma porção territorial ocupada por uma ou mais comunidades indígenas e destinada à sua posse permanente e ao seu usufruto exclusivo, não podendo, portanto, ser objeto de venda ou arrendamento. Em 2020, de acordo com a Funai, existem 488 Terras Indígenas regularizadas no Brasil, que correspondem a cerca de 12,2% do território nacional.

Ficha técnica

CONSOLIDANDO EXPERIÊNCIAS DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL EM TERRAS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA (Guarani, Javari, Sateré Mawé, Timbira)

Realização

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Apoio

Fundo Amazônia FAM

Coordenação do projeto

Priscila Chianca

Coordenação adjunta do projeto

Helena Ladeira

Assistente administrativo do projeto

Fabrizio Camargo.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA - CTI

O Centro de Trabalho Indigenista (CTI), fundado em 1979, é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída por profissionais comprometidos com o presente e o futuro dos povos indígenas. Tem como finalidades: contribuir para que os povos indígenas exerçam o controle e a conservação ambiental de suas Terras, garantir o cumprimento de seus direitos constitucionais e apoiar sua afirmação étnica e cultural. Atua em Terras Indígenas situadas nos Biomas Amazônia, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa. Para saber mais: <https://trabalhoindigenista.org.br>

Presidência

Andréia Bavaresco

Conselho Estratégico

Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão, Maria Elisa Ladeira, Maria Inês Ladeira, Eliza Castilla, Jaime Siqueira e Juliana Noleto

Coordenação Executiva

Jaime Siqueira

Endereços

Sede: CTI Brasília, DF
SCLN 210 Bloco C Salas 209 / 212
Bairro: Asa Norte, Brasília – DF
CEP: 70862-530

CTI Maranhão – MA
Palmério de Souza, 485 B.
Bairro Centro, Carolina, MA
CEP: 65980-000

CTI Amazonas – AM
Travessa da Ajuricaba, nº 05 Bairro:
Comunicações, Tabatinga, AM
CEP: 69640-000

CTI São Paulo – SP
Rua General Jardim 660, sala 71
Bairro: Vila Buarque, São Paulo, SP
CEP: 01223-010

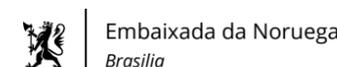
realização



apoio financeiro



apoio institucional



Componente Guarani

ELABORAÇÃO DE PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL NA TERRA INDÍGENA GUARANI NOVA JACUNDÁ (PARÁ)

Realização

Centro de Trabalho Indigenista - CTI / Programa Guarani

Comunidade Guarani do Tekoa Pyau

Comissão Guarani Yvyrupa - CGY

Coordenação

Teresa Paris

Pesquisas e Levantamentos em campo

Equipe CTI: Eliza Castilla, Juliano Almeida, Maria Inês Ladeira, Rodrigo Cossio, Teresa Paris

Comunidade do Tekoa Pyau (Terra Indígena Nova Jacundá)

Assessorias

Alexandre Kuaray (TI Boa Vista do Sertão do Pró-Mirim, SP) - oficinas de registro audiovisual e realização de vídeo para divulgação aos Guarani; Aluísio Azanha (CTI) - Direitos territoriais indígenas; Inaiá de Carvalho (CTI) - apoio logístico; Germano Kuaray (TI Tenondé Porã, SP) - celebração de rituais; Ivanildes Kerexu (TI Boa Vista do Sertão do Pró-Mirim, SP) - articulação interna e tradução; xamöi Jaime Vhera (RS) - conhecimentos tradicionais praticados no Sul do Brasil; Leonardo Werá (CGY) - formas de articulação política das organizações indígenas; xamöi Pedro Vicente (TI Tenondé Porã, SP) - conhecimentos tradicionais praticados no Sul e Sudeste do Brasil; irmã Zélia Maria Batista, Gilmar Adílio de Oliveira, irmã Maria Lucélia Araújo da Silva (CIMI Regional Norte 2) - palestras sobre impactos da ferrovia paraense nas Terras Indígenas da região.

Organização parceira

Comissão Guarani Yvyrupa - CGY

A Comissão Guarani Yvyrupa - CGY é pessoa jurídica, sem fins lucrativos, de natureza cultural, formada para defender os interesses coletivos do povo guarani e seus direitos territoriais garantidos pela Constituição Federal e pelas convenções internacionais. Entre seus objetivos estão: articular lideranças do povo guarani para participação nos trabalhos de reconhecimento e proteção de suas Terras nas diversas regiões de seu território, mobilizar o povo guarani na defesa de seus direitos, apoiar a realização de encontros de articulação nas aldeias e contribuir para o fortalecimento do movimento indígena nacional. Para saber mais: <http://www.yvyrupa.org.br/>

Coordenação Tenondé

Região Sul: Sandro da Silva (RS) e Eunice Antunes (SC)

Região Sudeste: Tiago Honório dos Santos (SP)



ka'aguy rupa nhangareko

Nosso jeito de cuidar da vida nas matas

2021

Organização da publicação

Maria Inês Ladeira e Teresa Paris

Edição

Maria Inês Ladeira

Depoimentos

Abílio Karáí, Ailton Pereira de Moura (Turé), Albino Karáí Ataa, Aparecida Jaxuka, Benedita Krexu, Edimar Pereira Guarani, João Werá Guarani, Jaime Vhera, xamöi José Fernandes Soares (Kambá Puku), José Tasino, Leonardo Lopes Guarani, Maria Divina Lopes de Souza Guarani, Maria Regina Lopes Pereira Guarani, Xamöi Pedro Vicente, Sebastiana Lopes da Silva Guarani Krexu, Venâncio Kuaray

Tradução de depoimentos em guarani

Alexandre Kuaray

Edição de conteúdos

Juliano Almeida, Maria Inês Ladeira, Rodrigo Cossio, Teresa Paris, Maria Regina Lopes Pereira Guarani (assessora)

Geoprocessamento e mapas

Diogo Azanha

Fotografias

Alexandre Kuaray e Coletivo de Audiovisual Mitã Mbaraete, Eliza Castilla, Leonardo Werá, Maria Inês Ladeira, Juliano Almeida, Rodrigo Cossio, Teresa Paris

Desenhos

Alunos da Escola Municipal Karáí Guaxu - EMKG e Comunidade do Tekoa Pyau

Projeto gráfico

Bruna Keese e Julia Tranchesí

Desenho da capa

Paray Lopes Guarany

Elaboração gráfica do calendário agrícola

Branca Torres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ka'aguy rupa nhangareko: nosso jeito de cuidar da vida nas matas / organização Maria Inês Ladeira, Teresa Paris; tradução Alexandre Kuaray. -- Brasília, D : Centro de Trabalho Indigenista, 2021.

Título original: Ka'aguy rupa nhangareko

ISBN 978-65-992926-7-5

1. Cultura indígena 2. Índios Guarani - Brasil - Cultura 3. Memórias antigas 4. Povos indígenas
I. Ladeira, Maria Inês. II. Paris, Teresa. III. Kuaray, Alexandre.

21-77868

CDD-306.089981

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura Indígena brasileira 306.089981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Papel **offset 90g/m2**
Tipografia **Lato e Bodoni**
Tiragem **1.000**
Impressão **Ipsis**

**TUDO O QUE
EXISTE FOI
NHANDERU
QUEM CRIOU**

Nhanderu Ete criou
a floresta

Nhanderu Ete
criou a terra

Nhanderu Ete
criou a água

Tudo o que existe
foi Nhanderu Ete
quem criou

Tudo o que existe
foi Nhanderu Ete
quem criou

